

# MEZINHOS DA TERRA E CURAS TRADICIONAIS NAS ILHAS DE CANHABAQUE E DO PARQUE NACIONAL MARINHO JOÃO VIEIRA E POILÃO

Bucar Indjai / Castro Barbosa / Luís Catarino



Bissau | 2014

**Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas**

**Reserva da Biosfera do Arquipélago Bolama Bijagós**

**Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão**

**Guiné-Bissau**

# **MEZINHOS DA TERRA E CURAS TRADICIONAIS**

**NAS ILHAS DE CANHABAQUE E DO PARQUE  
NACIONAL MARINHO JOÃO VIEIRA E POILÃO**

**Bucar Indjai  
Castro Barbosa  
Luís Catarino**

## Ficha Técnica

### Título:

Mezinhos da terra e curas tradicionais nas Ilhas de Canhabaque e do Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão.

### Autores:

Bucar Indjai, Castro Barbosa, Luís Catarino

### Editor:

IBAP – Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas  
Avenida D. Settimio Arturo Ferrazzetta, C.P. 70  
Bissau, Guiné-Bissau  
www.ibap-gb.org

### Fotografias

Aissa Regalla, Bucar Indjai, Castro Barbosa,  
En Hantl / IBAP, Hamilton Monteiro, Luís Catarino e Maria Adélia Diniz

### Design Gráfico e Paginação

Tiago Ribeiro

### Impressão

### ISBN

978-989-96831-2-9

### Citação recomendada

Indjai B, Barbosa C & Catarino L. 2014. Mezinhos da terra e curas tradicionais nas Ilhas de Canhabaque e do Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão. IBAP, Bissau.

# ÍNDICE

RESUMO	7
RÉSUMÉ	8
SUMMARY	9
AGRADECIMENTOS	10
NOTAS PRÉVIAS	11
A génese deste trabalho	11
Organização e consulta	12
INTRODUÇÃO	14
Canhabaque e as ilhas do Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão (PNMJVP)	15
As tabancas do sul de Canhabaque	16
AS ILHAS DO PNMJVP	20
Ilha de João Vieira	16
Ilha de Meio	17
Ilha de Cavalos	18
Ilha de Poilão	19
A SOCIEDADE BIJAGÓ	26
Filosofia, religião e organização social	26
Clãs ou Djorsons	26
Grupos de idade e ritos de passagem	27
Organização das tabancas Bijagós	28
O papel da mulher na medicina tradicional Bijagó	28
Sítios e matos sagrados e sua importância na conservação da biodiversidade	29
Principais atividades socioeconómicas das tabancas do Sul de Canhabaque	31

## FLORA E VEGETAÇÃO DO ARQUIPÉLAGO DOS BIJAGÓS E DO PNMJVP

A vegetação do Arquipélago dos Bijagós

Fitogeografia e distribuição das plantas medicinais em Canhabaque e nas ilhas do PNMJVP

### AS PESSOAS E OS SABERES

Agentes da medicina tradicional em Canhabaque e do PNMJVP

Agostinho Sandé (Mancanhe)

Alberto Montiador (Uramiag Coghana)

António Queba (Olassí)

Bico Lourenço (Canéma)

Domingas da Silva (Nininga)

Joaquim Neta (A-Nhiquiuen)

José Martinho (Chofer)

Manuel Onessa (Ulinhogó)

Nené António Matias (Inconem)

Queba Sintra (Onate)

Sana Adão Mané (Tété)

Tenha Ansumane (Hompani)

Uramiag Teo (Ocapuã)

### PLANTAS MEDICINAIS DE CANHABAQUE E DO PNMJVP

*Adenia lobata*

*Albizia dinklagei*

*Alstonia congensis*

*Annona senegalensis*

*Carica papaya*

*Cassia sieberiana*

*Ceiba pentandra*

*Cissampelos mucronata*

*Citrus limon*

*Cnestis ferruginea*

32

32

33

36

37

38

41

43

45

47

49

51

53

55

57

59

61

63

64

66

68

70

72

74

76

78

80

82

84

*Combretum micranthum*

*Cryptolepis sanguinolenta*

*Dalbergia saxatilis*

*Diospyros heudelotii*

*Erythrina senegalensis*

*Faidherbia albida*

*Ficus polita*

*Guiera senegalensis*

*Hallea stipulosa*

*Jatropha curcas*

*Mangifera indica*

*Margaritaria discoidea*

*Mezoneuron benthamianum*

*Newbouldia laevis*

*Ocimum gratissimum*

*Parinari excelsa*

*Parkia biglobosa*

*Piliostigma thonningii*

*Psychotria peduncularis*

*Psydrax parviflora*

*Pterocarpus santalinooides*

*Sansevieria senegambica*

*Sarcocephalus latifolius*

*Senna podocarpa*

*Smeathmania laevigata*

*Spondias mombin*

*Terminalia macroptera*

*Trichilia prieuriana*

*Uvaria chamae*

*Vernonia colorata*

*Vitex doniana*

*Voacanga africana*

86

88

90

92

94

96

98

100

102

104

106

108

110

112

114

116

118

120

122

124

126

128

130

132

134

136

138

140

142

144

146

148

<i>Ximenia americana</i>	150
<i>Xylopia aethiopica</i>	152
<i>Zanthoxylum leprieurii</i>	154
ÍNDICE DE PLANTAS MEDICINAIS	156
ÍNDICE DE UTILIZAÇÕES	158
ÍNDICE DE NOMES VERNÁCULOS E ETNIAS	161
BIBLIOGRAFIA	183

## RESUMO

O Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão (PNMJVP) é constituído por 6 ilhas e ilhotas situadas na zona sul do Arquipélago dos Bijagós. Estas ilhas não são habitadas em permanência e no direito consuetudinário bijagó são consideradas propriedade tradicional da ilha habitada mais próxima, Canhabaque, em particular de um conjunto de tabancas situadas na parte sul da ilha: Ambeno, Ancateb, Inhoda, Bine e Menegue. No censo populacional de 2009, estas cinco tabancas tinham uma população total residente de 876 habitantes, 490 do sexo feminino e 386 do sexo masculino.

Para documentar as práticas de medicina tradicional nas ilhas de Canhabaque e do PNMJVP foi iniciado em finais de 2011 o *Levantamento Qualitativo e Quantitativo das Plantas Úteis e Medicinais do Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão e das Tabancas do Sul de Canhabaque*. No início de 2012, com a colaboração do Diretor e dos técnicos do Parque, foram selecionados e entrevistados 13 praticantes de medicina tradicional nas cinco tabancas do sul de Canhabaque. Em Dezembro do mesmo ano, com a colaboração de quatro dos entrevistados, foram percorridas as quatro principais ilhas do Parque, com o objetivo de confirmar a ocorrência nestas ilhas das espécies das plantas medicinais anteriormente recenseadas.

A idade dos 11 homens e 2 mulheres que colaboraram neste estudo variava, em 2012, entre 45 e 85 anos e cada um afirmou ter entre 5 e 60 anos de prática de medicina tradicional. Todos tinham funções de curandeiros, embora alguns desempenhassem também outras funções relacionadas com a medicina tradicional, em particular djambacosses, balobeiros e matronas. Nenhum dos entrevistados se dedicava em exclusivo à prática da medicina tradicional, sendo em geral também agricultores, pescadores, apicultores ou artesãos. Cinco dos entrevistados já tinham tido contactos e colaboração com a medicina oficial e alguns colaboravam regularmente com os técnicos de saúde da ilha.

Foram recenseadas 45 espécies de plantas, pertencentes a 25 famílias, usadas num total de 85 receitas, das quais 76 são receitas diferentes. As plantas medicinais são em geral colhidas nas proximidades das tabancas e as respetivas populações não parecem estar em declínio. As partes das plantas mais frequentemente utilizadas são as raízes, a casca do tronco e as folhas e os grupos de doenças ou afeições mais tratados são mordeduras e picadas, sobretudo de cobras, dores, problemas intestinais, nomeadamente diarreias, problemas de pele e problemas reprodutivos.

Le Parc National Marin João Vieira et Poilão (PNMJVP) se compose de 6 îles et îlots situés dans la partie sud de l'archipel des Bijagós. Ces îles sont habitées saisonnièrement et sont considérées, selon le droit coutumier Bijagó, la propriété traditionnelle des habitants de Canhabaque, l'île la plus proche, en particulier d'un ensemble de villages situés dans la partie sud de l'île: Ambeno, Ancateb, Inhoda, Bine et Menegue. Le recensement de 2009, avait estimé une population totale résidente de 876 habitants dans ces cinq villages, dont 490 femmes et 386 hommes.

Pour documenter les pratiques de médecine traditionnelle dans les îles de Canhabaque et du PNMJVP, à la fin de 2011, un *Inventaire qualitative et quantitative des plantes utiles et médicinales du Parc National Marin João Vieira et Poilão et des villages du Sud de Canhabaque* a été débutée. En 2012, avec la collaboration du Directeur et des techniciens du Parc, 13 praticiens de médecine traditionnelle dans les cinq villages du Sud de Canhabaque ont été sélectionnés et questionnés. En Décembre de la même année, avec la collaboration de quatre praticiens, les quatre principales îles du parc, on été couvertes afin de confirmer la présence des espèces de plantes médicinales précédemment inventoriées.

En 2012, l'âge des 11 hommes et des 2 femmes qui ont collaboré à cette étude variait entre 45 et 85 ans et chacun affirmait avoir entre 5 et 60 ans de pratique de médecine traditionnelle. Ils étaient des guérisseurs, bien que certains aient aussi des fonctions liées à la médecine traditionnelle, en particulier djambacosses, balobeiros et matronas. Aucun d'entre eux se dédiait qu'à la pratique de médecine traditionnelle, ils étaient aussi des agriculteurs, des pêcheurs, des apiculteurs et des artisans. D'entre eux, cinq avaient déjà eu des contacts et ont collaboré avec la médecine officielle et certains collaborent régulièrement avec les techniciens de santé de l'île.

Quarante-cinq (45) espèces de plantes appartenant à 25 familles, sont utilisées dans environ quatre-vingt-cinq (85) recettes, dont 76 recettes sont des recettes différentes. Les plantes médicinales sont généralement collectées à proximité des villages et les respectives populations ne semblent pas être en déclin. Les parties des plantes les plus fréquemment utilisées sont les racines, l'écorce du tronc et les feuilles et le groupe de maladies les plus traitées sont les morsures et piqûres, surtout des serpents, les douleurs, des problèmes intestinaux, notamment la diarrhée, les problèmes de peau et des problèmes de fertilité.

The National Marine Park João Vieira and Poilão (PNMJVP) consists of 6 islands and islets situated in the southern part of the Bijagós Archipelago. These islands are not permanently inhabited and by Bijagó law are traditionally considered to belong to Canhabaque, the nearest inhabited island, and in particular to belong to a set of villages located in the southern part of the island: Ambeno, Ancateb, Inhoda, Bine and Menegue. In the 2009 census, these five villages had a total resident population of 876 inhabitants, 490 female and 386 male.

The process of documenting the practice of traditional medicine in the islands of the PNMJVP and Canhabaque was started in late 2011 with the *Qualitative and Quantitative Survey of Useful and Medicinal Plants of the National Marine Park João Vieira and Poilão and the villages of south Canhabaque*. In early 2012, with the assistance of the Director and technical staff of the Park, 13 practitioners of traditional medicine from the five villages in the south of Canhabaque were selected and interviewed. In December of the same year, with the collaboration of four of these practitioners the four main islands of the Park were studied, in order to confirm the occurrence of the medicinal plant species that had been registered during the survey.

The ages of the 11 men and 2 women who assisted in this study ranged from 45 to 85 years and each claimed to have practised traditional medicine for between 5 and 60 years. All of them were healers, although some also played other roles within traditional medicine, particularly djambacosses, balobeiros and matronas. None of the respondents devoted themselves exclusively to the practice of traditional medicine; they were also farmers, fishermen, beekeepers and craftsmen. Five of the respondents had at some time worked in collaboration with official medicine and some regularly collaborated with health care providers on the island.

The survey revealed 45 plant species belonging to 25 families. These species were used in a total of 85 recipes relating to 76 different ailments. The medicinal plants were usually harvested from nearby villages and the respective populations did not appear to be declining. The most frequently used plant parts were the roots, the bark of the trunk and the leaves. The ailments most commonly treated were bites and stings (especially from snakes), pains, and problems concerning the intestines (including diarrhoea), skin and reproductive systems.

# AGRADECIMENTOS

A publicação deste livro só foi possível graças ao empenhamento da Direção do IBAP e em particular do seu Director, Dr. Alfredo Simão da Silva, a quem os autores agradecem. Os nossos agradecimentos são extensivos ao Dr. Justino Biai, Encarregado de Programas do IBAP e à Dr<sup>a</sup> Aissa Regalla, Responsável pelo seguimento das espécies e dos habitats, e ao Dr. Meio Dia Sepa Maria Ié Có, Coordenador da Reserva da Biosfera do Arquipélago Bolama Bijagós, pelo interesse e empenho que demonstraram no aprofundamento do saber sobre a diversidade biológica, os usos e conservação das espécies e pelos apoios prestados durante e depois dos trabalhos de campo em Canhabaque e no PNMJVP.

Aos treze homens e mulheres grandes de Canhabaque, que aceitaram transmitir parte da sabedoria que detêm sobre a utilização medicinal das plantas, agradecemos a confiança em nós depositada e o manancial de informação acumulada ao longo de gerações que nos confiaram. Queremos em particular recordar e render homenagem ao Sr. Uramiag Teo que, com 85 anos de idade e trinta de experiência como curandeiro, faleceu um mês depois de nos ter confiado uma pequena parte do seu saber tradicional sobre a utilização das plantas medicinais. Que a sua alma descanse em paz e o seu exemplo perdure.

Agradecemos à delegação da UICN na Guiné-Bissau, na pessoa do seu representante residente Eng. Nelson Gomes Dias, pelo incentivo e apoios conferidos a todas as iniciativas de estudos e conservação da biodiversidade na Guiné-Bissau e particularmente no arquipélago dos Bijagós.

O trabalho de campo que esteve na base desta publicação foi financiado pela FIBA, que é igualmente um dos financiadores da sua edição. Outras entidades, em particular Banco Mundial, FIBA - Fondation Internationale du Banc d'Arguin, MAVA - Fondation por la Nature e GEF - Global Environment Facility, contribuíram igualmente com fundos e assistência para as actividades de conservação da natureza na Guiné-Bissau e em Canhabaque e no PNMJVP, que estão na origem desta publicação.

Ao pessoal do PNMJVP de maneira geral, em particular a Távira António Muscate, animadora comunitária em Canhabaque e Santinho Joaquim da Silva, marinheiro e guarda do Parque e responsável para o seguimento das espécies, o nosso muito obrigado pelo apoio logístico prestado no terreno e pela ajuda na preparação do trabalho de campo. Foram igualmente responsáveis pelo acompanhamento durante o processo de recolha de dados e foram os principais agentes que facilitaram a comunicação com os curandeiros e conseguiram estabelecer um ambiente de confiança durante as entrevistas.

Ficamos gratos à Dr<sup>a</sup> Maria Adélia Diniz e ao Dr. Eurico Sampaio Martins, investigadores aposentados do IICT, pela revisão científica do texto e cedência de fotografias de espécies, ao Eng. Herculano da Silva Nhaga, da Célula SIG – INEP/GPC a elaboração do mapa das ilhas do PNMJVP e à Dr<sup>a</sup> Liz Tavares pela revisão do resumo do livro em inglês.

O nosso muito obrigado a todos pela compreensão, colaboração e amabilidade que nos demonstraram.

# NOTAS PRÉVIAS

## A GÉNESE DESTE TRABALHO

A fixação e divulgação do saber tradicional sobre os recursos naturais é uma das vertentes da ação do IBAP. Neste sentido, foi editado pelo IBAP em 2010 o livro intitulado *Mezinhos de Orango - Plantas medicinais e pessoas da ilha da Rainha Pampa*. O bom acolhimento deste livro, baseado na divulgação do saber endógeno sobre a utilização dos recursos naturais como contributo para a ciência e a conservação da biodiversidade levou a que um estudo semelhante fosse proposto para o Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão e as tabancas do sul de Canhabaque.

Em Outubro e Novembro de 2011 iniciaram-se os trabalhos, através de diversas consultas bibliográficas, na Biblioteca Pública do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), no Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas (IBAP), na Biblioteca da Casa do Ambiente e Cultura Bolama Bijagós, em Bubaque e no pequeno acervo documental do Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão (PNMJVP), em João Vieira, com o objectivo de recolher dados secundários que pudessem contribuir para melhor conhecer a temática do estudo, ora intitulado *Levantamento Qualitativo e Quantitativo das Plantas Úteis e Medicinais do Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão e das Tabancas do Sul de Canhabaque*. O trabalho contou também desde o início com a colaboração e apoio científico de Luís Catarino, investigador do Jardim Botânico Tropical do Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa (JBT/IICT), e colaborador do Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto (CIBIO), na elaboração dos instrumentos de pesquisa e no tratamento de resultados. Neste mesmo período foi realizada uma missão preliminar de contactos, informação e sensibilização dos curandeiros com reconhecidas capacidades de cura, ao nível das seis tabancas do Sul de Canhabaque. Trabalho prévio que foi realizado pela Animadora do Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão, Sr.<sup>a</sup> Távira António Muscate, de origem bijagó, que contactou directamente 15 curandeiros. Estes, por sua vez, confirmaram conhecer mais 10 curandeiros reconhecidos localmente, totalizando assim 25 curandeiros nas seis tabancas seguintes: Ambeno, Inhoda, Bine, Ancanho, Menegue e Ancateb. Entretanto, na fase seguinte, em Janeiro de 2012 foram feitas entrevistas individuais com os treze curandeiros disponíveis nas suas tabancas, com a ajuda de Távira António Muscate, Santinho Joaquim da Silva (marinheiro) e Castro Barbosa, Diretor do PNMJVP. A terceira fase teve a participação de quatro curandeiros e



foi realizada em Dezembro do mesmo ano, tendo sido percorridas as quatro principais ilhas do Parque, com o objectivo de confirmar a ocorrência das 45 espécies de plantas medicinais apresentados pelos 13 curandeiros das seis tabancas do sul de Canhabaque, ao nível das ilhas que compõem o Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão, nomeadamente, João Vieira, Meio, Cavalos e Poilão.

## ORGANIZAÇÃO E CONSULTA

A informação sobre os usos medicinais da flora de Canhabaque e do PNMJVP que é apresentada no livro, bem como a maioria das imagens, foi colhida por Bucar Indjai durante o trabalho de campo realizado e complementada com alguns elementos obtidos das fontes bibliográficas referidas no final do livro. Foram também utilizadas fotografias de Aissa Regalla, Castro Barbosa, Hamilton Monteiro, Luís Catarino e Maria Adélia Diniz e as fotografias de baixa altitude das ilhas foram obtidas por En Hant / IBAP.

Grande parte dos nomes vernáculos das plantas medicinais de Canhabaque e do PNMJVP foi obtida durante o trabalho de campo. Os restantes, bem como a informação respeitante à ecologia e hábito das espécies, foram maioritariamente obtidos do livro *Plantas Vasculares e Briófitas da Guiné-Bissau* (Catarino et al. 2006).

A informação sobre as utilizações das plantas nos restantes países da África Ocidental foi obtida da série de livros sobre as plantas úteis da África Ocidental elaborados por Burkill (1985-2004).

A identificação da língua correspondente a cada nome vernáculo é feita através de uma abreviatura de duas letras, conforme a tabela seguinte:

ba	balanta	fc	francês	mj	manjaco
bf	biafada	ff	futa-fula	nl	nalu
bj	bijagó	fl	felupe	pp	papel
bm	balanta-mané	fs	felupe senegalês	pt	português
cb	cobiana	fu	fula	sr	saracolé
cr	crioulo	mc	mancanha	ss	osso
cs	crioulo - flora do Senegal	md	mandinga	td	tanda
dj	djacanca				

No final do livro são apresentados índices de nomes vernáculos e de nomes científicos das espécies referidas no texto, bem como um índice das afeções tratadas. As utilizações das plantas medicinais em Canhabaque e no PNMJVP são reportadas neste livro apenas a título de divulgação de trabalho de etnobotânica e nem as receitas nem as doses referidas devem ser tomadas como recomendações de utilização.



# INTRODUÇÃO

O Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas (IBAP) é uma instituição pública guineense dotada de autonomia administrativa, financeira e patrimonial, com mandato de promover a conservação dos ecossistemas e da biodiversidade, assim como, a criação e gestão das áreas protegidas. Sob a sua tutela, existe no Arquipélago dos Bijagós, a Reserva da Biosfera do Arquipélago Bolama-Bijagós, reconhecida pela UNESCO em Abril de 1996. Incluídas na Reserva da Biosfera, existem também três áreas marinhas protegidas, o Parque Nacional de Orango, o Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão e a Área Marinha Protegida Comunitária das ilhas de Formosa, Nago e Chediã. O IBAP advoga a utilização racional e equitativa dos recursos naturais e concentra as suas atividades no reforço de uma gestão eficaz, participativa e integradora dos ecossistemas, numa perspetiva de conservação da biodiversidade e no apoio ao desenvolvimento durável. Promove e acompanha a realização de pesquisas nos domínios das ciências sociais e naturais com grande enfoque sobre a diversidade da fauna e flora de uma maneira geral e em particular sobre o saber local na utilização dos recursos florestais. Assim, a Reserva da Biosfera do Arquipélago Bolama-Bijagós, com base nos trabalhos realizados no âmbito da pesquisa científica sobre a biodiversidade, apresenta os seguintes dados: ao nível da biodiversidade da fauna aquática e terrestre, foram recenseadas os seguintes grupos: 155 espécies de Peixes, dentre as quais 35 são raias e tubarões; 283 espécies de Aves, estimando-se em cada ano a passagem de cerca de um milhão de aves migradoras ao nível da Reserva da Biosfera; 29 espécies de Mamíferos; 31 espécies de Répteis; 13 espécies de Anfíbios; 6 espécies de Moluscos das quais 3 de bivalves e 3 de gastrópodes, bem como 7 espécies de Macroalgas. A nível da flora terrestre foram recenseadas no total 471 espécies de plantas vasculares, distribuídas da seguinte forma: 361 Dicotiledóneas, 106 Monocotiledóneas e 4 Pteridófitos (Catarino et al., 2006).

Várias espécies de animais e plantas que ocorrem nas ilhas do Arquipélago estão incluídas nas listas vermelhas da UICN e algumas delas, além da importância ecológica têm também um elevado valor sociocultural para o povo Bijagó, sendo de destacar o hipopótamo (*Hippopotamus amphibius*) e a tartaruga marinha (*Chelonia mydas*) como espécies emblemáticas.

## CANHABAQUE E AS ILHAS DO PARQUE NACIONAL MARINHO JOÃO VIEIRA E POILÃO

As ilhas de Canhabaque e do Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão fazem parte do Arquipélago dos Bijagós, situado a cerca de 20 km da costa da Guiné-Bissau, a sul do estuário do rio Geba. A ilha de Canhabaque situa-se na zona sudeste do Arquipélago, a este da ilha de Bubaque. As ilhas que compõem o Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão localizam-se no extremo Sudeste da Região de Bolama-Bijagós, a sul da ilha de Canhabaque. Do ponto de vista político-administrativo, a ilha de Canhabaque e as ilhas de João Vieira e Poilão pertencem ao Sector Administrativo de Bubaque.

A ilha de Canhabaque tem actualmente 18 tabancas que, segundo os dados do último Recenseamento Geral da População e Habitação (RGPH), efetuado em 2009 pelo Instituto Nacional de Estatística (INE, 2009) congregam uma população residente de 2478 habitantes, sendo 1091 do sexo masculino e 1387 do sexo feminino. É habitada essencialmente pelos bijagós e algumas minorias étnicas, com destaque ao grupo étnico papel. Em termos gerais não existem grandes infra-estruturas sociais, com a exceção de um único Centro de Saúde e uma Escola de ensino básico que lecciona até à 6ª classe, situada na tabanca de Ndena, uma Capela da Missão Católica e uma Igreja protestante, em Ndena e Inorei, respectivamente. Porém, com a criação do Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão, através do IBAP e seus parceiros, foram ou estão a ser construídas algumas infraestruturas sociais nas tabancas do sul de Canhabaque, proprietárias tradicionais das ilhas do Parque, nomeadamente, escolas e poços de água em Ambeno, Menegue e Bine.

Cerca de três quartos da cobertura vegetal terrestre da ilha de Canhabaque é composta por palmar de *Elaeis guineensis*, numa extensão global de vegetação estimada em 6593 hectares (Limoges & Robillard, 1991), ocorrendo também floresta sub-húmida de baixa altitude e savana herbácea e arbustiva. Nas zonas inter-marés destacam-se ainda extensas áreas de mangal e bancos, vasas e canais, com a fauna própria. A gestão tradicional dos espaços e dos recursos é determinada por um conjunto de regras de direito consuetudinário e mágico-religiosas, que resultou na preservação de paisagens e da biodiversidade, graças à presença de sítios e matos sagrados em torno das tabancas e de ilhas sagradas não habitadas e distantes das tabancas.

## AS TABANCAS DO SUL DE CANHABAQUE

No direito consuetudinário dos Bijagós, as tabancas do sul da ilha de Canhabaque são consideradas as donas do chão das ilhas do Parque. Assim, o estudo da flora medicinal foi iniciado com a audição dos principais praticantes da medicina tradicional em cinco tabancas da zona sul da ilha de Canhabaque: Ambeno, Ancateb, Inhoda, Bine e Menegue. Com base no recenseamento populacional de 2009, estas cinco tabancas apresentam a seguinte estrutura demográfica: população total residente de 876 habitantes, onde a população masculina é representada por 386 indivíduos e a população feminina por 490.

**AMBENO** fica situada a 11° 12' 27.4 N e 15° 44' 53.7 W, no Sudoeste da ilha de Canhabaque, é limitada a Norte pela tabanca de Bine e a Sul por Inhoda. O RGPH de 2009 registou 71 habitantes em Ambeno, sendo 30 indivíduos do sexo masculino e 41 do sexo feminino. A tabanca é cercada por árvores de grande porte, como poilão (*Ceiba pentandra*), cabaceira (*Adansonia digitata*) e mangueiras (*Mangifera indica*). A Oeste e a Norte do território da tabanca, a vegetação é dominada por palmares de *Elaeis guineensis*, matas de floresta semi-densa e savana arborizada de mampataz (*Parinari excelsa*) e fara (*Piliostigma thonningii*). Conhecido entre os bijagós como pertença tradicional do Djorson, Oracuma, os donos da terra. Em termos das infra-estruturas, a tabanca tem uma escola com duas salas de aulas, coberta com zinco e um poço de água melhorado, construídos graças ao apoio do Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão e seus parceiros. O Centro de Saúde mais próximo desta tabanca fica situado em Ndena Grande, a cerca de 10 km de distância.

AMBENO

16



**INHODA** fica situada no extremo Sul da ilha de Canhabaque, com as coordenadas 11° 12' 06.5 N e 15° 44' 45.6 W. A envolvente da tabanca está coberta de extensas áreas com manchas de floresta, com diversas espécies de árvores de grande porte e de plantas arbustivas, tais como mampataz (*Parinari excelsa*), polon-foro (*Bombax costatum*) e mandiple (*Spondias mombin*), de palmar com dominância da palmeira de óleo (*Elaeis guineensis*), de savana arbustiva e de savana herbácea, a este da tabanca, com lalas de palha-casa (*Anadelphia afzeliana*) e lagoas com plantas características das zonas húmidas. Nos arredores da tabanca existem plantações de cajueiro (*Anacardium occidentale*) e um número considerável de poilões (*Ceiba pentandra*), conhecidos entre os bijagós como pertença tradicional do Djorson, Onouca/Ogubane, os donos da terra. No RGPH de 2009 foram contabilizados 147 habitantes em Inhoda, sendo 66 indivíduos do sexo masculino e 81 do sexo feminino.

INHODA



**BINE** situada a 11° 13' 06.7 N e 15° 45' 21.5 W, faz fronteira a Sul com a tabanca de Ambeno, e a Norte com a pequena tabanca de Ancanho, a Noroeste com a tabanca de Bane e a Nordeste com o mar. O coberto vegetal nas imediações da tabanca é dominado por manchas de florestas sub-húmidas com um número considerável de palmeiras de óleo (*Elaeis guineensis*) e de árvores de grande porte tais como o poilão (*Ceiba pentandra*), o polon-foro (*Bombax costatum*) e o mampataz (*Parinari excelsa*), conhecidas entre os bijagós como propriedade tradicional do Djorson Onouca/Ogubane, os donos da terra. Em 2009, o RGPH registou em Bine 210 habitantes, sendo

17



## BINE

83 indivíduos do sexo masculino e 127 do sexo feminino. A tabanca tem uma escola em fase final de construção, com capacidade de duas salas de aulas, projetada para lecionar 5ª e 6ª classe, mas atualmente as crianças deslocam-se para a Escola em Ambeno, situada cerca de 2 km de distância. Tem um poço de água melhorado e o Centro de Saúde mais próximo situa-se em Ndena Grande a cerca de 6 km de distância.

MENEGUE fica situada no Sudeste da ilha de Canhabaque, com as coordenadas 11° 14' 26.5 N e 15° 41' 48.2 W. O coberto vegetal nesta zona é dominado por manchas de florestas sub-húmidas, savana arbustiva e savana herbácea com zonas alagadas. Nos arredores da tabanca ocorrem mangueiras (*Mangifera indica*) e plantações de cajueiros (*Anacardium occidentale*), são frequentes as palmeiras de óleo (*Elaeis guineensis*), bem como árvores de grande porte nomeadamente poilão (*Ceiba pentandra*), cabaceira (*Adansonia digitata*) e polon-foro (*Bombax costatum*). Os solos são propícios a prática agrícola e fruticultura. A tabanca é conhecida entre os bijagós como pertença, ou seja,

propriedade tradicional do Djorson Onouca/Ogubane. O RGPH de 2009 contabilizou 324 habitantes, sendo 146 indivíduos do sexo masculino e 178 do sexo feminino. A tabanca tem uma escola com duas salas de aulas, coberta com zinco e três poços de água melhorados, construídas graças ao apoio do Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão e seus parceiros. O Centro de Saúde mais próximo fica situado em Ndena Grande, a cerca de 6 km de distância.



## ANCATEB

ANCATEB situada a 11° 14' 51.7 N e 15° 41' 52.3 W, sendo conhecida entre os bijagós como propriedade tradicional do Djorson Oraga. Em 2009, o RGPH registou 124 habitantes em Ancateb, sendo 61 indivíduos do sexo masculino e 63 do sexo feminino. A tabanca não tem o estatuto de um regulado e inclusivamente todas as cerimónias importantes são feitas pelo régulo de Menegue. À semelhança de Inhoda, não há nesta tabanca infraestruturas sociais básicas. As crianças e jovens de Ancateb deslocam-se para estudar na escola em Menegue e o Centro de Saúde mais próximo fica em Ndena Grande, situado a cerca de 5 km de distância. Também não foi ainda construído nenhum poço e para obter água a população desloca-se a uma fonte no mato.

## MENEGUE

18



19

# AS ILHAS DO PNMJVP

O Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão foi criado pelo Decreto-Lei 6A/2000. É composto por uma extensa área marinha e por 6 ilhas e ilhotas não habitadas: as ilhas de João Vieira, Meio, Cavalos e Poilão e as ilhotas das Cabras e das Águias. Tem uma superfície total de cerca de 500 km<sup>2</sup> (484 km<sup>2</sup> de mar e 16 km<sup>2</sup> de terra firme). Estas ilhas são desabitadas e apenas periodicamente utilizadas pelos bijagós das tabancas do sul de Canhabaque para a extração de bens de consumo, e a realização de atividades rituais, tais como as cerimónias de investidura do Régulo e de iniciação ou “fanado” nas respetivas áreas sagradas.

As quatro principais ilhas do Parque são consideradas como propriedades tradicionais das tabancas situadas ao Sul da ilha de Canhabaque atrás referidas, que sempre exerceram sobre elas a gestão tradicional dos recursos florestais e marinhos. Entretanto, para além das cerimónias, a população bijagó em especial a originária das tabancas proprietárias tradicionais desenvolve nestas ilhas algumas atividades para fins produtivos, que consistem sobretudo na prática da cultura do arroz pam-pam associada a queimadas, na exploração florestal que assenta na extração do chabéu para fabrico de óleo de palma, na colheita de frutos silvestres, na pesca e colheita de mariscos, com a exceção das ilhas de Poilão e Cavalos, que ainda são reservadas apenas para fins cerimoniais das tabancas proprietárias. Seguem-se breves notas ilustrativas sobre cada uma das quatro principais ilhas do Parque.

## Tabancas do Sul de Canhabaque e Ilhas do PNMJVP



10 0 10 20 Km

Poilao

BISSASIG Celula SIG INEP/GPC 2014  
Por. Herculano da S. Nhaga



## ILHA DE JOÃO VIEIRA

Conhecida em bijagó com o nome Codotch, tem cerca de 900 hectares, é a ilha com maior extensão no grupo das ilhas do Parque, e é propriedade tradicional da tabanca de Menegue em Canhabaque e que pertence ao Clã ou Djorson Onouca ou Ogubane. Esta ilha foi antigamente utilizada essencialmente para fins cerimoniais, em particular o fanado e por isso era interdita aos jovens não iniciados e mulheres. Nesta ilha também não se enterram os mortos. O sítio principal de cerimónia localiza-se nas imediações de um acampamento que dista cerca de 800 m da sede do Parque existindo, no entanto, outros sítios de cerimónias no interior da mesma. Atualmente constatam-se vários acampamentos em João Vieira, nos quais se albergam as populações de Canhabaque, concretamente da tabanca de Menegue, que se dedicam essencialmente ao cultivo do arroz de pam-pam, à pesca, à exploração florestal, em especial à extração do chabéu e vinho de palma e à colheita do nhambe-di-mato (*Dioscorea bulbifera*) e pó-di-saia (*Lannea acida*) e confeção de esteiras, utilizando as fibras das folhas de palmeiras jovens (*Elaeis guineensis*).



## ILHA DE MEIO

Conhecida em bijagó com o nome Noponoque é a segunda maior ilha do Parque, com 402 hectares e é propriedade tradicional da tabanca de Inhoda, em Canhabaque e do Clã Onouca ou Ogubane, que a utiliza essencialmente como área sagrada para as cerimónias de iniciação. Esta tabanca é ainda proprietária do Ilhota das Águias, também conhecido em bijagó com o nome de Aweta, localizado a escassos metros a sudeste de Meio, a que se liga na baixa-mar e o Ilhota das Cabras, em Bijagó Ameque, ambos com uma superfície de cerca de 3 hectares cada. Ali, as mulheres extraem o inhame selvagem ou *nhambe-di-mato* e as fibras do pó-de-saia, nas florestas, sobretudo no ilhota de Aweta. Ocasionalmente praticam o cultivo do arroz de *pam-pam* na Ilha de Meio, na qual é frequente encontrar acampamentos de pescadores temporários e jovens de Inhoda na extração de óleo de palma.



## ILHA DE CAVALOS

É conhecida em bijagó pelo nome de Anchenem, tem cerca de 210 hectares, é propriedade tradicional da tabanca de Bine e é do Clã Onouca ou Ogubane. É igualmente um local de cerimónia de iniciação da tabanca de Bine. É interdita aos não iniciados em geral. Utilizada muito raramente para a prática da cultura do arroz de pam-pam. Nela se criam porcos em regime selvagem de forma muito extensiva e peculiar. A caça ou a captura de porcos selvagens nesta ilha tem sido uma actividade frequente nos últimos anos, prática de pessoas não identificadas mas os vestígios encontrados nas praias indicam que alguns pescadores residentes do arquipélago deslocam-se a esta ilha de forma clandestina. Também é efetuada a extração do vinho de palma, sobretudo para os fins cerimoniais e de chabéu, assim como a pesca. Atualmente são frequentes os acampamentos temporários de grupos de jovens originários de Canhabaque para a exploração da palmeira ou para a atividade de pesca na ilha.



## ILHA DE POILÃO

Conhecida em bijagó com o nome de Bias, tem cerca de 50 hectares e pertence à tabanca de Ambeno e ao Clã Orácuma. Esta ilha é o local de iniciação (fase final de camabé) e entronização dos *Oronhós* (régulos) da tabanca proprietária. Durante estas cerimónias extraem chabéu e vinho de palma e procedem à captura e colheita dos ovos das tartarugas marinhas (*Chelonia mydas*) e praticam a pesca, mas exclusivamente para a alimentação e fins cerimoniais, isto é, para a subsistência dos participantes da cerimónia. Quando terminam as cerimónias, algumas tartarugas são capturadas e transportadas para Ambeno para realização das cerimónias na *baloba* principal da tabanca. Estas interdições foram no passado muito infringidas por pescadores estrangeiros que instalavam acampamentos provisórios nesta ilha. Hoje são os turistas que ali desembarcam com maior frequência, algumas vezes sem o conhecimento e autorização das estruturas do Parque.

# A SOCIEDADE BIJAGÓ

## FILOSOFIA, RELIGIÃO E ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Segundo Scantamburlo (1991), na filosofia bijagó a vida avança passo a passo e cada um aprende com os outros e consigo próprio a adaptar-se ao meio e a relacionar-se dentro e fora da tabanca. Qualquer pessoa tem as mesmas oportunidades de obter riqueza e posição, e cada um é livre de se comprometer com as responsabilidades do dia-a-dia e com aqueles com quem vive. As crenças religiosas dos Bijagós inserem-se na linha das religiões tradicionais africanas, de contornos animistas. Segundo esta corrente religiosa existe um ente superior, intangível, que é coadjuvado por numerosas entidades espirituais, os irãs (singular irã), com diferentes graus de poder, que podem ser corporizados em objetos de culto. Os locais de culto, que abrigam os altares e os símbolos religiosos da aldeia ou da família, e onde pairam as almas dos antepassados, são designados por balobas. São em geral cabanas bem construídas, habitualmente com uma única sala, onde têm lugar as cerimónias religiosas e algumas outras atividades de carácter sociocultural.

Em cada tabanca pode existir mais que uma baloba, com funções sociais e religiosas diferenciadas e cujo acesso pode ser restrito a alguns grupos. O balobeiro ou balobeira é o sacerdote ou sacerdotisa responsável pelo culto religioso na baloba da aldeia. É também responsável por acender e controlar o fogo na baloba, que deve estar sempre aceso no seu interior.

## CLÃS OU DJORSONS

A estrutura social dos bijagós baseia-se em Clãs ou Djorsons, que são grupos de indivíduos pertencentes à mesma família e que partilham um antepassado comum. Por outras palavras, Clã ou Djorson significa linhagem ou série de gerações de uma família e também pode ser definida como conjunto de pessoas com um antecedente comum (Scantamburlo, 2002). As linhagens não são todas equivalentes e podem conferir direitos desiguais. Uma das desigualdades conferidas é a impossibilidade de um membro de uma linhagem não proprietária da tabanca aceder ao cargo de Oronhó (régulo), isto é, de poder ser a autoridade política suprema (Cardoso, 2008). Na maior parte das ilhas existem apenas quatro Clãs ou Djorsons (Ominka, Ogubane, Oraga e Orakuma), cada uma com seus poderes mitológicos e seus direitos. Assim, Ogubane tem uma relação especial com o gado, com certos animais

selvagens, como os hipopótamos e com o mar, enquanto Ominka tem poder sobre as chuvas. Orakuma tem poderes sobre a terra e Oraga sobre o céu.

## GRUPOS DE IDADE E RITOS DE PASSAGEM

Na sociedade Bijagó o estatuto de cada indivíduo depende do seu nível etário ou classe de idade, havendo classes de idade diferenciadas para os homens e para as mulheres. O sistema de níveis etários na sociedade Bijagó permite a divisão dos deveres e das responsabilidades entre os membros da tabanca de acordo com as suas capacidades, que se supõe aumentarem com a educação e a experiência. As classes de idade constituem não só a forma de organização onde cada membro usufrui dos mesmos direitos e se encontra sujeito às mesmas obrigações, mas também um fator de diferenciação e desigualdade social e política (Cardoso, 2008). À medida que um indivíduo passa de um grupo etário para outro, aumentam os seus privilégios e diminuem as suas obrigações, portanto, aumenta a sua categoria social e ele fica cada vez mais próximo dos círculos de decisão e de poder. A passagem de classe de idade depois da iniciação representa vantagens sociais garantidas pelo reconhecimento profundo dos segredos e tabus do grupo étnico (Cardoso, 2008).



## ORGANIZAÇÃO DAS TABANCAS BIJAGÓS

O sistema de organização da tabanca Bijagó é agrupado, estando a tabanca ordenada em quarteirões ou bairros, onde as casas se agrupam perto uma das outras. Não existe uma organização da tabanca em moranças separadas como em outras etnias da Guiné-Bissau (Fernandes, 1989).

De maneira geral, cada tabanca bijagó tem uma baloba principal, podendo também apresentar outras *balobas*, nos bairros ou nas residências particulares dos moradores. A baloba tem uma função social como local de cerimónias e de concertação dos assuntos sociais da tabanca e dos seus membros, onde se discutem as cerimónias de fanado, proteção da tabanca, prevenção das doenças, consultas sobre os mortos e o enterro de cada defunto, cerimónias de cura e de prevenção das doenças, através de realização de rituais específicos, por exemplo para a falta das chuvas, bem como para a fertilidade das terras, dos animais e das pessoas (Indjai *et al.*, 2010).

## ○ PAPEL DA MULHER NA MEDICINA TRADICIONAL BIJAGÓ

Na sociedade Bijagó o conhecimento e a prática da medicina tradicional são reservados sobretudo aos homens, embora as mulheres tenham sempre um importante papel na saúde comunitária, cuidando em particular dos problemas de saúde das crianças e de outras mulheres. As mulheres que praticam a medicina tradicional adquirem este conhecimento em primeiro lugar para seus próprios usos e da sua família, podendo também ajudar os amigos e vizinhos quando for necessário ou quando forem solicitadas. Assim, embora as mulheres sejam detentoras de conhecimento sobre as propriedades medicinais das plantas, em geral não se assumem como curandeiras, pois a prática terapêutica tradicional é considerada como uma competência masculina.

À semelhança das entrevistas efetuadas em Orango (Indjai *et al.*, 2010), nenhum curandeiro mencionou o nome de uma mulher como conhecedora da cura tradicional, embora todos saibam que as mulheres desempenham um importante papel na saúde da população, sobretudo nos tratamentos das crianças e de outras mulheres, nomeadamente das grávidas e parturientes. O conhecimento sobre as curas está muitas vezes relacionado com poderes sobrenaturais e a sua transmissão é feita dos mais velhos para os mais novos em processos de carácter mágico-religioso em que habitualmente intervêm apenas homens. Assim, é compreensível o receio por parte das mulheres em se apresentarem como curandeiras e exporem em público aquilo que sabem ou conhecem sobre a cura pelas plantas. Nas cinco tabancas do sul de Canhabaque onde o estudo foi realizado, apenas duas mulheres ousaram apresentar e fornecer as informações sobre os saberes da cura tradicional através

das plantas medicinais: Nené António Matias (Inconem) em Inhoda e Domingas da Silva (Nininga) em Menegue.

## SÍTIOS E MATOS SAGRADOS E SUA IMPORTÂNCIA NA CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

Os sítios e matos sagrados têm grande importância sociocultural e simbólica para a tradição de vários grupos étnicos, em suas comunidades, a nível da Guiné-Bissau. Exemplificam não só o papel do sagrado, na dinâmica de construção dos territórios étnicos e, mais especificamente do território das tabancas, as formas como as sociedades tradicionais interagem e actuam com a natureza e em especial nos respectivos processos de reprodução social. São considerados igualmente como uma forma do reconhecimento e legitimação da propriedade e direitos de usos étnicos e ancestrais sobre os respetivos territórios e em especial dos territórios das tabancas (Said *et al.*, 2011).

É reconhecido que em relação a estes territórios, as sociedades étnicas desenvolveram um acervo de conhecimento muito importante, sobretudo em matéria de conhecimento sobre gestão do espaço e dos recursos. Os valores e as lógicas interligadas e subjacentes a este relacionamento com a natureza, em especial com as florestas sagradas, podem servir de exemplo a novos modelos de desenvolvimento e conservação mais conciliadas com a natureza, em especial para a gestão e conservação da biodiversidade.

Além disso, a integração destas áreas no Sistema Nacional de Áreas Protegidas (SNAP), aumentaria a resiliência das sociedades tradicionais face às diferentes pressões e factores de mudança vindos do exterior, integrando os aspetos socio-religiosos e culturais nos sistemas de conservação e contribuiria para o aumento considerável da superfície das Áreas Protegidas e respetiva representatividade em diversidade, inclusive sociocultural. Este conhecimento tradicional, apesar da sua importância para a conservação dos recursos da biodiversidade, é no entanto pouco reconhecido e em regra não integrado nos sistemas nacionais de conservação (Said *et al.*, 2011).

A terra, que é considerada chão sagrado, é um lugar de identificação da população, não só rural, e representa igualmente um dos fundamentos da identidade étnica e é, na maioria dos países do mundo, o que assegura a sobrevivência económica e social da maior parte da população (Augel, 1993).

Os irãs, ou espíritos, têm domínio sobre a terra e sobre os recursos naturais aí existentes. As suas moradas são locais de natureza sagrada e assim preservadas. As áreas de floresta onde se situam não deverão ser devastadas. Conta-se que para se cortar uma árvore grande, tem de se pedir autorização aos homens grandes e que se um indivíduo tenta abater uma dessas árvores sucede-lhe algo de inexplicável, como o machado virar-se contra ele (Frazão-Moreira, 1995).

As árvores são *mangidu* e o irã que nelas vive protege-as. Numa história contada, um homem começou a cortar uma árvore sem autorização, e do sítio onde bateu com o machado saiu um pássaro dentro da árvore. Noutra história, depois de abatida, a árvore levantou-se e firmou-se. Muito embora estas histórias sejam consideradas coisas dos “antigos” que agora abrandam, elas revelam a atribuição às árvores de características que ultrapassam as meramente naturais.

Por conseguinte, a floresta é entendida como um local indispensável à vida económica e material do grupo, não apenas por nela se produzirem as culturas de sequeiro e as frutas, mas também, por ela fornecer alimentos selvagens, mel e matéria-prima necessária para a construção das casas e de inúmeros artefactos utilizados nas práticas quotidianas (Frazão-Moreira, 1995).

No quadro do presente estudo de plantas úteis e medicinais do Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão e nas tabancas do Sul de Canhabaque, foram recenseados 23 matos e sítios sagrados, em apenas 5 tabancas. A existência destes importantes matos e sítios sagrados foi confirmada pelos 13 curandeiros entrevistados.

Todos os matos sagrados acima referidos têm suas restrições, não podem neles entrar pessoas a quem não seja autorizado o acesso ao seu interior, ninguém pode cortar árvores ou exercer qualquer atividade agrícola e a extração de recursos ali existentes é proibida ou severamente condicionada.

Por exemplo, no caso do mato sagrado das mulheres de Bine, pode-se explorar o chabéu, mas a entrada é autorizada apenas para dois homens que acompanham as mulheres nas suas cerimónias. Estes homens são uma espécie de assistentes das mulheres durante as suas cerimónias. Atualmente existe apenas um homem grande a nível da tabanca que pode entrar no mato sagrado das mulheres da referida tabanca.

Em Menegue, o mato de fanado dos homens é expressamente interdito a não iniciados, apenas podem entrar nele os homens mais velhos da tabanca que já terminaram as suas cerimónias (com o estatuto Ussuca / Otobonghó) e estes homens quase não frequentam essas matas, devido às suas idades avançadas, favorecendo assim os macacos (*Cercopithecus* sp.) que têm assim um bom e seguro abrigo, onde os jovens da tabanca, como potenciais predadores, não têm acesso. Há informação que defende ser por causa deste mato de fanado que a área de Menegue é das poucas tabancas que conserva ainda estes pequenos primatas em Canhabaque.

## PRINCIPAIS ACTIVIDADES SOCIOECONÓMICAS DAS TABANCAS DO SUL DE CANHABAQUE

As actividades socioeconómicas principais da população do sul de Canhabaque consistem na agricultura itinerante para a subsistência, ou *pam-pam* onde cultivam o arroz de planalto (*Oryza sativa*), consociado a outras culturas secundárias, tais como abóboras (*Cucurbita pepo*), pepinos (*Cucumis sativus*), mandioca (*Manihot esculenta*), etc. Também se pratica a fruticultura, com destaque para a coleira, *Cola nitida*, para comercialização da noz de cola. A exploração dos recursos naturais é muito importante na vida económica das mulheres, nomeadamente a exploração de fibras das folhas de palmeira (*Elaeis guineensis*) para construção de esteiras e a colheita de moluscos. Quanto aos jovens do sexo masculino, as principais actividades geradoras de rendimento que praticam são a extração de óleo de palma e a pesca, esta última com fraca intensidade. As crianças e adolescentes ajudam os adultos, em quase todas as atividades produtivas que praticam, sendo uma forma de serem preparadas para os desafios de um futuro homem ou mulher. Dedicam-se também bastante à caça do ruedor *djiquindor* (*Cricetomys gambianus*), onde por vezes são vítimas de picada da cobra cuspidreira, conhecida em crioulo com o nome de bida, que frequentemente se abriga nas tocas de *djiquindor*.



# FLORA E VEGETAÇÃO DO ARQUIPÉLAGO DOS BIJAGÓS E DO PNMJVP

## A VEGETAÇÃO DO ARQUIPÉLAGO DOS BIJAGÓS

As principais formações vegetais que ocorrem no arquipélago são floresta aberta, savana arborizada, palmar e mangal. A distribuição da vegetação nas ilhas do arquipélago é influenciada pelo clima tropical sub-húmido mas com uma estação seca prolongada e pelos solos de fertilidade limitada. A intervenção humana de longa data contribui também para o estado atual da vegetação.

As savanas arborizadas ocupam grandes extensões em várias ilhas, com um elenco de árvores em que são frequentes *Daniellia oliveri*, *Elaeis guineensis* e *Lophira lanceolata*, bem como *Albizia zygia*, *Lannea acida*, *Neocaria macrophylla*, *Parkia biglobosa*, *Prosopis africana*, *Pterocarpus erinaceus* e *Terminalia albida*.

Os palmares, em que é dominante a palmeira *Elaeis guineensis* ocorrem em grandes extensões nas ilhas do arquipélago. Além desta palmeira, outras espécies arbóreas frequentes nos palmares são *Albizia adianthifolia*, *Carapa procera*, *Dialium guineense*, *Ficus sur*, *Khaya senegalensis*, *Malacantha alnifolia*, *Parinari excelsa*, *Parkia biglobosa*, *Sterculia tragacantha* e *Vitex doniana*.

A floresta aberta atinge grande desenvolvimento nas ilhas do arquipélago, com espécies como *Albizia adianthifolia*, *Ceiba pentandra*, *Dialium guineense*, *Elaeis guineensis*, *Ficus sur*, *Malacantha alnifolia*, *Parinari excelsa* e *Spondias mombin*.

Os mangais ocupam grandes extensões nas zonas costeiras periodicamente alagadas por água salgada na maioria das ilhas dos Bijagós. As espécies predominantes nos mangais são *Avicennia germinans* e *Rhizophora* spp. (*R. mangle*, *R. racemosa* e *R. harrisonii*), frequentemente acompanhadas por *Conocarpus erectus* e *Laguncularia racemosa*.

O povo bijagó, dono do chão no Arquipélago e possuidor de uma sabedoria acumulada ao longo de muitas gerações sobre as propriedades das plantas, utiliza tradicionalmente as espécies da flora local para a satisfação de muitas das suas necessidades. Assim, numerosas espécies da flora das ilhas são utilizadas por exemplo para a preparação de receitas na medicina tradicional, como materiais de construção, na produção de utensílios e peças de artesanato ou como condimentos e complementos alimentares.



## FITOGEOGRAFIA E DISTRIBUIÇÃO DAS PLANTAS MEDICINAIS NAS ILHAS DE CANHABAQUE E DO PNMJVP

Segundo o Plano de Gestão do Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão (IBAP, 2008), os mangais, os palmares naturais e as savanas são as formações vegetais mais representativas deste grupo de ilhas. Pelas áreas ocupadas, os palmares representam 74% de todas as formações vegetais, seguidas das savanas arbustivas com 16,6%, culturas alimentares (8,3%) e florestas degradadas (0,8%). Algumas pequenas manchas de floresta sub-húmida são de assinalar, as quais podem ser consideradas como restos das florestas originais, que encontram o seu prolongamento nas florestas sub-húmidas da zona costeira, cujo maciço mais representativo e em bom estado de conservação se localiza em Cantanhez, no Sul do país. Estas manchas são o resultado de um longo processo de degradação e fragmentação, causadas sobretudo pelas desmatações e queimadas inerentes ao ciclo do *pam-pam* ali realizado.

Em pequenas ilhas como Poilão, Cabras e Ilhota das Águias ou Aweta a formação vegetal dominante é o palmar natural, que chega a cobrir 60 a 100% da área terrestre. O mangal chega a cobrir, sobretudo na ilha de Cavalos e de Poilão entre 20 e 40% das respectivas superfícies. O coberto vegetal da ilha de João Vieira é dominado por palmares

naturais densos e semi-densos e pela savana seca, existindo no entanto também manchas de floresta sub-húmida, muito fragmentadas pela cultura de *pam-pam*. Nesta ilha são frequentes ainda os bandos de papagaios cinzentos (*Psittacus timneh*).

Na ilha de Meio dominam como cobertura vegetal os palmares densos e semi-densos e a savana arbustiva. Em algumas áreas da ilha podem-se observar ainda manchas de uma vegetação de floresta sub-húmida muito importantes como habitat de papagaios cinzentos.

Na ilha de Cavalos a cobertura vegetal é dominada pelo palmar natural denso e pelo mangal. Este último cobre as margens de um pequeno braço de mar, que se estende do seu interior até as praias do nordeste da Ilha e transformam as áreas no seu entorno, numa importante zona húmida.

Na ilha de Poilão a vegetação é dominada pelo palmar denso e pelo mangal. Este último, com exceção das praias do norte da ilha, pode ser encontrado em toda a extensão da sua costa. No interior do palmar ou nos seus limites e próximo das praias são frequentes os poilões (*Ceiba pentandra*) e cabaceiras (*Adansonia digitata*).

A ilha de Aweta é coberta por palmar denso, no qual se encontram algumas árvores de grande porte. As raízes de algumas espécies presentes nestas formações são utilizadas na confeção da saia bijagó.

A ilha das Cabras é coberta por um palmar pouco denso, no qual se salientam algumas manchas com um estrato superior composto por árvores de grande porte.

Em resumo são representativos neste grupo de ilhas alguns restos de florestas húmidas (por exemplo em João Vieira e Meio), como também os palmares densos e semi-densos, nas ilhas de João Vieira, Meio, Cavalos, Cabras e Poilão. Embora com área relativamente menor, salienta-se a presença do mangal, sobretudo na ilha de Cavalos, onde penetra no interior da ilha, acompanhando o percurso de um pequeno braço de mar.

Os estudos sobre a flora aquática são quase inexistentes, mas é frequente encontrar nas praias das ilhas do Parque diferentes tipos de macroalgas marinhas. A presença das tartarugas marinhas, particularmente a tartaruga verde (*Chelonia mydas*), com mais de 30 mil desovas por ano e a frequência de juvenis desta espécie, leva a crer na existência de alguma riqueza da flora submersa de que as tartarugas se alimentam.



# AS PESSOAS E OS SABERES

Em Canhabaque, como em toda a Guiné-Bissau, as pessoas das comunidades rurais têm uma vida muito ligada à utilização dos recursos naturais para a obtenção dos principais bens e serviços de que necessitam. Ao longo do tempo foram sendo adquiridos e transmitidos de geração em geração conhecimentos sobre as propriedades dos elementos da flora e da fauna locais com interesse para os humanos. No que diz respeito às propriedades medicinais das plantas, embora quase todas as pessoas tenham algum conhecimento, há especialistas a quem habitualmente se recorre, sobretudo curandeiros e djambacosses.

Dos 13 agentes da medicina tradicional entrevistados em Canhabaque, todos se assumem como curandeiros, embora alguns tenham também outras funções relacionadas com a medicina tradicional, em particular djambacosses, balobeiros e matronas. A aprendizagem das receitas é feita na maior parte dos casos por via familiar, em que é dispensado pagamento pela transmissão dos conhecimentos. A compra de receitas a um mestre é também frequente e o pagamento considerado como necessário para que os mezinhos feitos pelo aprendiz tenham efectivo poder de cura. Em casos mais raros há curandeiros que afirmam ter inventado novas receitas, em regra testadas inicialmente em si próprios.

A idade dos 11 homens e 2 mulheres que colaboraram neste estudo variava, em 2012, entre 50 e 85 anos, com uma média de 68 anos. Pertencem a várias djorson mas todos têm o estatuto de Ussuca Otobonghó, o mais elevado na hierarquia social da ilha. Cada um afirmou ter entre 15 e 49 anos de prática de medicina tradicional. Segundo muitos dos curandeiros entrevistados, a medicina tradicional parece estar em regressão em Canhabaque, face a algum descrédito das novas gerações e eventualmente a um maior acesso à medicina oficial.

A grande maioria dos curandeiros entrevistados nunca teve contactos com a medicina oficial, embora alguns colaborem regularmente com os técnicos de saúde da ilha.

Os pacientes tratados são oriundos principalmente da tabanca em que reside cada curandeiro ou da ilha de Canhabaque, embora alguns tratem também pacientes de outras ilhas e do continente.

O número médio de doentes tratados varia bastante entre curandeiros: entre um mínimo de 6 doentes por ano e um máximo de 50 por mês. Na maioria dos casos não é cobrado o tratamento, dependendo da vontade e das possibilidades do doente a retribuição ao curandeiro. Quando é cobrado o tratamento, o pagamento pode ser feito em dinheiro (por exemplo 1000 a 5000 FCFA) ou em géneros (galinhas, ovos, tabaco, etc).

Uramiag Teo era um homem grande muito interessante e um dos mais conceituados praticantes de medicina tradicional em Canhabaque. A porta da sua casa sempre estava aberta e era muito procurado para consultas (bota-sortes). Tinha uma pequena baloba no seu quarto onde sempre tinha frascos de mezinhas preparados para dores de barriga e outros casos de emergência. Infelizmente faleceu meses depois da nossa entrevista, sem que pudéssemos registar toda a sabedoria que tinha sobre as utilizações das plantas medicinais.



## AGENTES DA MEDICINA TRADICIONAL EM CANHABAQUE E DO PNMJVP

Nas páginas seguintes são apresentados, por ordem alfabética do primeiro nome, os homens e mulheres de Canhabaque que se dispuseram a partilhar connosco os conhecimentos que detêm sobre as propriedades medicinais das plantas, adquiridos e transmitidos ao longo de muitas gerações. Agradecemos a cada um a confiança em nós depositada.

# AGOSTINHO SANDÉ

(MANCANHE)  
Bine



## Dados Pessoais

Agostinho Sandé vive em Bine mas nasceu em Bolama. Tem 55 anos, é casado e frequentou a instrução primária. É de etnia bijagó e religião animista, pertence à djorson Oraga e tem o Estatuto Ussuca / Otobonghó.

## Os Saberes

Conhece a utilização de algumas plantas medicinais e é curandeiro há cerca de 5 anos, mas também se dedica à agricultura. Começou a aprender com seu pai desde pequeno mas não conseguiu aprender tudo que o pai conhecia sobre plantas medicinais porque se separaram quando era muito jovem. As receitas de todos os mezinhos que usa foram aprendidas do seu pai e dos seus mestres. Conhece outros curandeiros a nível da ilha onde reside, como Joaquim Bico, em Ancanhó e também já trabalhou com pessoal da medicina moderna, com boa colaboração.

## As Práticas Medicinais

Agostinho Sandé reconhece a doença e o remédio que deve dar a cada doente através das suas entrevistas e das explicações do paciente. Dependendo da doença e do estado do doente, pode seguir um doente desde um dia ou até que o doente fique curado. Recebe em média quatro doentes por mês, que são pessoas da sua tabanca, de todas as idades e de ambos os sexos. Segundo Agostinho Sandé, as doenças mais frequentes em Canhabaque e no PNMJVP são paludismo e gripe. As doenças que sabe tratar melhor são dores de barriga e diarreia e a doença que trata mais é a dor da barriga.

## Plantas e Mezinhos

Encontra as plantas medicinais que precisa no mato e arredores da tabanca, sem dificuldade de maior. Mede as doses dos seus mezinhos com um copo de um quarto de litro. Os mezinhos que considera darem melhores resultados são *Psydrax parviflora*

(ghodenaco, bj) e *Cassia sieberiana* (equeno, bj; canafistra, cr). Quando colhe material, Agostinho Sandé leva tabaco pilado ou uma moeda, para colocar na planta pedindo licença para tirar a parte que precisa. Noutros casos apanha areia debaixo da árvore com a mão esquerda e diz, não vim brigar, vim pedir remédio, repete o ritual sete vezes, com a cara voltada para nascente. Segundo este curandeiro, quando anuncia na tabanca que vai procurar uma planta em concreto, por vezes não consegue encontrá-la nesse momento, mesmo estando perto.

Agostinho Sandé tem um discípulo a aprender consigo, Armando Sandé. Também utiliza um dos seus mezinhos, *Zanthoxylum leprieurii* (caquebi, bj) para tratar vacas. Referiu uma planta considerada como sagrada, unican-ulancussa (bj), mezinho-di-bolanha (cr), mas disse que pessoalmente nunca viu a referida planta sagrada, só ouviu falar o nome. Segundo Agostinho Sandé há quatro matos sagrados na sua tabanca: *Itute-ma-acanto* (mato sagrado das mulheres); *Itute-ma-uanto* (mato sagrado dos homens); *Manlas-ma-uanto* (mato de fanado dos homens); *Manlas-ma-aloboco* (mato de fanado de mulheres, defuntos). O acesso aos matos sagrados é restrito. No caso dos matos sagrados das mulheres, pode-se explorar chabéu, mas a entrada apenas é autorizada a homens que acompanham as mulheres nas suas cerimónias, uma espécie de assistentes das mulheres durante as suas cerimónias. Atualmente existe apenas um homem desta tabanca que pode entrar no mato sagrado das mulheres.

## Notas Finais



# ALBERTO MONTIADOR (URAMIAG COGHANA)

Ancateb



## Dados Pessoais

Alberto Montiador, também conhecido por Uramiag Coghana tem 65 anos e é casado. Nasceu em Canhabaque e reside em Ancateb, não frequentou a escola. É de etnia bijagó e religião animista, pertence à djorson Oracuma e tem o estatuto Ussuca/Otobonghó.

## Os Saberes

É curandeiro e djambacosse há cerca de 30 anos mas também agricultor. Aprendeu a utilização das plantas medicinais através do seu pai, mas também inventou novas receitas como *Senna podocarpa*; essenquedenfe, bj); *Uvaria chamae* (ainque, bj; banana-santcho, cr) e *Psychotria peduncularis* (cobodo, bj). Conhece outros curandeiros a nível da sua tabanca e no PNMJVP, como José Gomes, em Ambuduco mas nunca trabalhou em colaboração com pessoal da medicina moderna

## As Práticas Medicinais

Para reconhecer a doença e seleccionar o remédio que deve dar ao paciente observa e examina e ouve as explicações do paciente. Recebe em média dez pessoas por mês, de todas as idades e de ambos os sexos. São pessoas da sua tabanca e da sua ilha, de outras ilhas do Arquipélago como Orango e Bubaque, e também de outras regiões do país, como Bissau. Costuma acompanhar os doentes, depois de tomarem o remédio, por tempo variável, dependendo da doença, entre dez dias e um ano. Trata principalmente os doentes que vêm ter consigo mas também prepara mezinhas que envia para os seus pacientes em Bubaque. É especialista no tratamento de fracturas resultantes de quedas em árvores e palmeiras. Alberto Montiador considera como doença mais frequente em Canhabaque e no PN MJVP a dor de bassa e as doenças que trata mais são dor de barriga e bassa.

## Plantas e Mezinhas

Encontra as plantas medicinais de que precisa nos arredores da tabanca, no mato e à beira-mar, sem dificuldade. Mede as doses dos seus mezinhas com um copo de um quarto de litro. Segundo Alberto Montiador o medicamento mais eficaz é *Alstonia congensis* (cuguinssun, bj; tagara, cr). Quando colhe uma planta Alberto Montiador leva tabaco ou vinho de palma e pede ajuda na cura.

## Notas Finais

Alberto Montiador está a transmitir os seus conhecimentos a José Martinho (Chofer), de Ancateb. Também faz mezinhas que servem para tratar vacas. Não conhece plantas consideradas como sagradas e refere a existência de dois matos sagrados na sua tabanca: *Ute-malobogo* (mato sagrado de mulheres), *Ute-ma-wanto* (mato sagrado de homens).





### Dados Pessoais

António Queba é natural de Canhabaque. Tem 48 anos, é casado e completou a instrução primária. É de etnia bijagó e religião animista. Pertence à djorson Onouca / Ogubane e tem o estatuto Ussuca / Otobonghó.

### Os Saberes

É curandeiro e djambacosse há cerca de 10 anos, mas também pratica agricultura. Aprendeu a utilização das plantas medicinais com um mestre de Orango Grande e através do seu pai, mas descobriu também a utilização de duas espécies. Quando sofria de dores de barriga experimentou as raízes de *Cassia sieberiana* (equeno, bj; canafistra, cr) em si mesmo e deu bom resultado. Experimentou também mastigar as folhas novas de *Neocarya macrophylla* (ulodó, bj; tambacumba, cr) para tratar a tosse, com bom resultado. Conhece outros curandeiros na sua ilha, nomeadamente Joaquim Neta, em Bine, mas nunca manteve colaboração com pessoal da medicina moderna.

### As Práticas Medicinais

Reconhece a doença e o remédio que deve dar ao paciente através das suas entrevistas e das explicações do paciente. Costuma acompanhar o tratamento dos doentes entre uma semana e um mês, dependendo dos casos. Recebe cerca de quatro doentes por semana, da sua tabanca e das tabancas vizinhas, bem como de outras ilhas dos Bijagós, em particular de Bubaque. Trata pessoas de todas as idades e de ambos os sexos. Em geral trata apenas os doentes que vêm ter consigo, mas alguns pacientes levam o mezinho para a sua tabanca ou ilha para continuarem os tratamentos.

Segundo António Queba as doenças mais frequentes em Canhabaque são a mordedura de cobra, paludismo e dor de barriga. As doenças em que é especialista são mordedura de cobra, dor de barriga e dores no corpo.

### Plantas e Mezinhos

António Queba obtém as plantas medicinais que precisa no mato e arredores da tabanca. Tem dificuldade em obter algumas pois são difíceis de encontrar quando precisa delas. O doseamento dos mezinhos depende da doença que o paciente tem e o tipo de mezinho a tomar. Geralmente utiliza como medida um copo de um quarto de litro e utiliza também um corno de vaca (tchifre), as crianças e adultos têm medidas diferentes. Os seus mezinhos que são mais eficazes são *Alstonia congensis* (cuguinssun, bj; ó-di-tagara, cr) e *Trichilia prieuriana* (bj).

Quando colhe o material para os mezinhos António Queba faz uma cerimónia, levando um pouco de cana e tabaco, pede desculpas ao dono do mezinho e pede-lhe ajuda para tratar o doente que veio pedir socorro junto dele.

### Notas Finais

António Queba está atualmente a transmitir os seus conhecimentos a um discípulo, José Manuel. Também utiliza *Faidherbia albida* (cadio, bj; ferida-branco, cr) para tratar animais, nomeadamente porcos, cães, cabras. Por exemplo, recentemente seu vitelo estava doente, triturou muitos frutos secos de fidida-branco, colocou-os em água e deu ao seu vitelo durante quatro dias, manhã e tarde e ficou bom. António Queba conhece duas plantas consideradas como sagradas, *Hallea stipulosa* (cuguma, bj) e *Psychotria peduncularis* (cobodo, bj) e refere a existência de nove matos sagrados na sua tabanca, onde o acesso é restrito e não se podem cortar árvores nem exercer qualquer atividade agrícola.



# BICO LOURENÇO

(CANÉMA)  
Ambeno



## Dados Pessoais

Bico Lourenço é natural de Canhabaque, tem 50 anos e é casado; não frequentou a escola. É de etnia bijagó e pratica a religião animista. Pertence à djorson Onouca / Ogubane e tem o estatuto de Ussuca / Otobonghó.

## Os Saberes

É curandeiro há cerca de 20 anos tendo aprendido com um mestre de Uno. Além disso é também agricultor e escultor. Reconhece as doenças e escolhe os remédios através das explicações do doente. Conhece outros curandeiros na ilha onde reside, como Manuel Onessa, em Inhoda e Sana Adão Mané, em Ambeno, com quem mantém colaboração, mas nunca manteve relações com profissionais da medicina oficial.

## As Práticas Medicinaias

Bico Lourenço trata pessoas de todas as idades e de ambos os sexos, da sua tabanca e em especial da sua família, mas apenas doentes que vêm ter consigo. Acompanha os doentes por tempo variável, em geral durante 3 dias ou até que o paciente se sinta melhor. Afirma que actualmente há pouca procura das plantas medicinais pois a maioria das pessoas vão ao Centro de Saúde. Tratou apenas um caso grave de mordedura de cobra no ano de 2011. Segundo Bico Lourenço as doenças mais frequentes na ilha de Canhabaque são dor de barriga, paludismo e tosse. As doenças que sabe tratar melhor são dores da cabeça e doenças sexualmente transmissíveis. Os mezinhos que dão melhores resultados são os que faz para dor de peito (tosse) e para mulheres cuja gravidez diminui (ameaça de aborto).

## Plantas e Mezinhos

Obtém as plantas medicinais que precisa nos arredores da tabanca e no mato, não sentindo presentemente dificuldades em encontrá-las. Em geral mede as doses dos mezinhos com um copo de um quarto de litro. Bico Lourenço faz uma cerimónia na baloba da sua tabanca antes de ir buscar o material para preparar remédios.

## Notas Finais

Não conhece plantas sagradas pois o seu pai não lhas mostrou, mas sabe que existem. Lourenço refere a existência de dois matos sagrados principais na sua tabanca: *Itute-ma-acanto*, mato sagrado das mulheres, e *Bíás* (Ilhota de poilão), mato sagrado dos homens. Além destes, existe um outro pequeno mato sagrado dos homens (*Ami-N'dodo*) situado próximo da tabanca, onde só podem entrar os homens já iniciados (*Cassuca*).



# DOMINGAS DA SILVA

(NININGA)  
Menegue



## Dados Pessoais

Domingas da Silva tem 60 anos, é casada e não frequentou a escola. Nasceu em Canhabaque e reside atualmente em Meneque. É de etnia bijagó e religião animista, pertence à djorson Onouca e tem o estatuto Ussuca / Otobonghó.

## Os Saberes

É curandeira e matrona há cerca de 30 anos, mas também agricultora. As receitas de todos os mezinhos que usa foram aprendidas dos seus mestres e em particular do seu pai.

Conhece outros curandeiros a nível da tabanca e no PNMJVP, como Apoi, em Inhoda e Alambader, em Bane. Já trabalhou em colaboração com pessoal da medicina moderna e com boa colaboração, trabalhou como matrona da sua tabanca, juntamente com uma colega.

## As Práticas Medicinais

Domingas da Silva reconhece a doença e o remédio que deve dar ao paciente através das suas entrevistas e as explicações do paciente. Recebe cerca de cinco pessoas doentes por mês, de todas as idades e de ambos os sexos, que são da sua tabanca e da sua ilha. Apenas trata os doentes que vêm ter consigo mas no caso de um paciente que venha de outra tabanca, pode levar o remédio consigo quando regressa. Costuma dar seguimento ao doente depois de tomar o remédio, durante três a quatro dias. As doenças que sabe tratar melhor são a dor de bassa e o alcoolismo, para suspender bebidas alcoólicas e a doença que trata mais é dor de barriga. Segundo Domingas da Silva as doenças mais frequentes em Canhabaque e no PNMJVP são dores de barriga e dores de ouvidos.

## Plantas e Mezinhos

Encontra as plantas medicinais de que precisa nos arredores da tabanca e no mato, sem dificuldade. Em geral mede as doses dos seus mezinhos com um copo de um quarto de litro.

A planta que proporciona o mezinho mais eficaz é *Spondias mombin* (udjalin, bj; mandiple, cr). Quando colhe o material para fazer um mezinho, Domingas da Silva faz uma cerimónia junto à planta e diz, por favor tenha paciência e aceite o meu pedido porque vou salvar a vida de alguém. Também pode levar um pouco de cana ou vinho de palma ou tirar um pouco de casca que coloca debaixo da árvore, caso não tenha outra oferenda.

## Notas Finais

Domingas da Silva está a transmitir os seus conhecimentos a uma aprendiz, Ocantó. Também faz alguns mezinhos para tratar animais, como galinhas, cabras e porcos. Não conhece plantas consideradas como sagradas e refere a existência de seis matos sagrados na sua tabanca: *Amindodo-maloboco* (mato sagrado das mulheres); *Itute-maloboco* (mato sagrado das mulheres); *Itute-ma-wanto* (mato sagrado de homens); *Ambubá* (mato de fanado de mulheres defuntos) *Itida* (mato de fanado de homens); *Amindodo-ma-wanto* (mato sagrado dos homens).





### Dados Pessoais

Joaquim Neta tem 85 anos e é casado. Nasceu em Orango Grande e vive em Bine. Há cerca de 6 anos é de etnia bijagó e religião animista e não foi escolarizado. Pertence à djorson Ogubane / Onouca e tem o estatuto Ussuca / Otobonghó.

### Os Saberes

É curandeiro e djambacosse há cerca de 60 anos, mas também se dedica à agricultura. Afirmo que aprendeu sobre a utilização das plantas medicinais por inspiração divina e que todas as receitas dos mezinhos que usa são da sua própria invenção. Conhece outros curandeiros a nível da tabanca e no PN MJVP, como Joaquim Bico em Ancanho e também já trabalhou em colaboração com pessoal da medicina moderna, com bons resultados.

### As Práticas Medicinais

Reconhece a doença e o remédio que deve dar a cada paciente através das suas entrevistas e as explicações do paciente. Recebe cerca de dez doentes por mês, tanto da sua tabanca e da sua ilha como de outras ilhas dos Bijagós, como Bubaque, Orango, Bolama e Galinhas e de outras regiões do país como Bissau e Tombali. São pessoas de todas as idades e de ambos os sexos, a quem costuma acompanhar por tempo variável depois de tomarem o remédio, de um dia até alguns meses, dependendo da doença. Além de tratar doentes na sua casa, também prepara mezinhos para serem usados noutros locais, como Bubaque e Bissau. As doenças que considera mais frequentes em Canhabaque e no PN MJVP são dor de barriga e dores de cabeça. A doença que sabe tratar melhor é *bambarã*, dificuldade de engravidar e as doenças que trata mais são dores da barriga e dores musculares.

### Plantas e Mezinhos

Joaquim Neta encontra as plantas medicinais que precisa no mato e arredores da tabanca, sem dificuldades de maior. Utiliza habitualmente uma garrafa para dosear os seus mezinhos. Os mezinhos que considera mais eficazes são *Faidherbia albida* (camudo, bj) e *Terminalia macroptera* (uqueredjo, bj). Quando colhe planta para fazer um tratamento faz um ritual simples com cana, vinho de palma ou tabaco em pó, que coloca na base da planta de onde extrai as folhas ou raízes.

### Notas Finais

Joaquim Neta é talvez o mais conceituado praticante de medicina tradicional em Canhabaque. É colega e amigo do grande mestre curandeiro e djambacosse de Orango Silva Martins. Este curandeiro conhece numerosas plantas medicinais, cuja utilização não foi possível ser reportada durante o tempo disponível. Ainda assim referiu-nos que as plantas apresentadas são as principais que utiliza no dia-a-dia. Joaquim Neta está a transmitir os seus conhecimentos à sua esposa Tina.

Uma planta que considera sagrada é *Erythrina senegalensis* (cussinrí, bj). Segundo Joaquim Neta há quatro matos sagrados na sua tabanca: *Itute-ma-acanto* (mato sagrado das mulheres); *Itute-ma-uanto* (mato sagrado dos homens); *Manlas-ma-aloboco* (mato de fanado de defuntos); *Manlas-ma-uanto* (mato de fanado dos homens), nos quais não podem entrar pessoas não autorizadas e não se podem cortar árvores ou exercer qualquer actividade agrícola.



JOSÉ MARTINHO  
(CHOFER)  
Ancateb



### Dados Pessoais

José Martinho, também conhecido por Chofer tem 45 anos, é casado e não frequentou a escola. É natural de Canhabaque e vive em Ancateb. É de etnia bijagó e religião animista, pertence à djorson Onouca /Ogubane e tem o estatuto Cabaro.

### Os Saberes

É curandeiro há cerca de 15 anos mas também se dedica à agricultura e à apicultura. Aprendeu a utilização medicinal das plantas com vários mestres. Além das receitas aprendidas dos seus mestres, também inventou, adaptou ou trouxe do exterior novas receitas como *Anthocleista vogelii* (edjaghata, bj); caboupa-matchu, cr), *Psychotria peduncularis* (cobodo, bj); *Margaritaria discoidea* (ussa, bj); *Uvaria chamae* (ainque, bj); banana-santchu, cr) e *Mangifera indica* (mango, bj; pe-di-mango, cr) e *Zanthoxylum leprieurii* (elanha, bj). Conhece outros curandeiros a nível da tabanca e no PNMJVP, como Preto, em Ndenzinho. Já trabalhou em colaboração com o pessoal da medicina moderna com bons resultados, no âmbito de um projecto de saúde de base que entretanto acabou.

### As Práticas Medicinais

José Martinho reconhece a doença e o remédio que deve dar através das suas entrevistas e as explicações do paciente. Recebe cerca de cinco pessoas por mês, de todas as idades e de ambos os sexos, vindos da sua tabanca e da sua ilha. Em geral costuma dar seguimento ao doente depois de tomar o remédio, durante cerca de uma semana. José Martinho considera como doença mais frequente em Canhabaque e no PNMJVP o paludismo. A doença que sabe tratar melhor é a dificuldade de menstruação regular para a mulher engravidar, que é também a que mais trata.

50

### Plantas e Mezinhos

Encontra as plantas medicinais que precisa nos arredores da tabanca e no mato, sem grande dificuldade e mede as doses dos seus mezinhos com um copo de um quarto de litro.

Segundo José Martinho os mezinhos mais eficazes são obtidos de *Margaritaria discoidea* (ussa, bj) e epado (bj). Quando colhe material para preparar um mezinho retira um pequeno pedaço da casca do caule e enterra na base da planta; por outro lado não colhe raízes com qualquer sinal ou cicatriz.

### Notas Finais

José Martinho tem um aprendiz a quem está a transmitir os seus conhecimentos, Salomão Martinho, seu filho. Também faz mezinhos que servem para tratar cães. Não conhece plantas sagradas e refere a existência de dois matos sagrados na sua tabanca, *Itute-malogo* (mato sagrado de mulheres, defuntos); *Itute-ma-wanto* (mato sagrado de homens).

51





### Dados Pessoais

Manuel Onessa tem 53 anos, é natural de Canhabaque e residente em Inhoda. É casado, de etnia bijagó e religião animista; não foi escolarizado. Pertence à djorson Onouca / Ogubane e tem o estatuto Ussuca / Otobonghó.

### Os Saberes

Manuel Onessa é curandeiro há cerca de 30 anos tendo aprendido com um mestre de Orango Grande e com o seu pai. Além de curandeiro é também djambacosse, agricultor, pescador e agente de saúde de base.

Recorre em primeiro lugar aos mezinhos que aprendeu com o seu pai e seu mestre e caso estes não resultarem, ele tenta usar outras plantas que pressentiu que Deus Ihe indicou como remédio para se curar a si mesmo e seus pacientes. Descobriu assim a utilização de algumas espécies para tratamento da dor de barriga: usa casca do caule de *Faidherbia albida* (cadio, bj; fidida-branco, cr) pilada colocada na água para o doente se banhar e beber, bem como a casca do caule de *Dialum guineense* (epado, bj; veludo, cr), a raiz de *Landolphia sp.* (erocodo, bj) e a casca do caule de *Neocaria macrophylla* (ulodón, bj; tambacumba, cr). Manuel Onessa conhece outros curandeiros a nível da sua ilha, como Joaquim, em Ancanho e mantém também uma boa colaboração com o pessoal da Saúde de Base.

### As Práticas Medicinais

Manuel Onessa recebe em média cerca de dez doentes por mês, da sua tabanca e das tabancas vizinhas, que são pessoas de todas as idades e de ambos os sexos. Reconhece a doença e o remédio que deve dar ao paciente através das suas perguntas e as explicações do paciente. Após o início de um tratamento costuma seguir o doente durante um dia até um mês, conforme os casos.

### Plantas e Mezinhos

É especialista no tratamento de mordedura de cobra bida e cacuba e de doenças sexualmente transmissíveis. Faz mezinhos para utilização na sua tabanca mas também envia mezinhos para o mestre Joaquim Neta, em Bine. Quando este Ihe pede alguns remédios ele procura no mato e envia-Ihe para Bine.

Este curandeiro encontra as plantas medicinais que precisa no mato sem dificuldades. Mede as doses dos seus mezinhos com uma colher, no caso de bebés e crianças; ou com um copo de um quarto de litro para adultos, dependendo do tipo e a potência do remédio.

Segundo Manuel Onessa, as doenças mais frequentes em Canhabaque e no PNMJVP são dor de barriga e paludismo e as doenças que trata mais são dor de barriga, dor da cabeça e gravidez com problemas. Os mezinhos que considera mais eficazes são *Alstonia congensis* (cuguinssun, bj; pó-di-tagara, cr) e *Faidherbia albida* (cadio, bj; fidida-branco, cr). Quando colhe uma planta para utilizar este curandeiro faz uma cerimónia e pede à planta a parte que precisa como remédio.

### Notas Finais

Manuel Onessa está a transmitir os seus conhecimentos a três aprendizes: Cacho, Juca e Amigo. Este curandeiro também consegue fazer mezinhos para tratar animais, por exemplo tratou seu cabrito com raiz de *Terminalia macroptera* (n'quelendjó, bj). Uma planta que refere como sagrada é *Hallea stipulosa* (cuguma, bj) e refere a existência de nove matos sagrados na sua tabanca, onde não se podem cortar árvores ou fazer qualquer actividade agrícola, havendo dois tipos de matos sagrados mais importantes, mato de homens e mato das mulheres.



# NENÉ ANTÓNIO MATIAS (INCONEM)

Inhoda



## Dados Pessoais

Nené António Matias, também conhecida por Inconem, tem 57 anos, é casada e vive em Inhoda, Canhabaque, de onde é natural. Não foi escolarizada. É de etnia bijagó e religião animista, pertence à djorson Oraga e tem o estatuto Ussuca / Otobonghó.

## Os Saberes

É matrona e curandeira há cerca de dez anos, mas também se dedica à agricultura e à produção de esteiras. Aprendeu a utilização de plantas medicinais com um mestre de Orangozinho. Conhece outros praticantes de medicina tradicional na sua tabanca, como Manuel Onessa, António Queba e Tina Matias, mas nunca teve colaboração com a medicina oficial.

## As Práticas Medicinais

Reconhece as doenças e o remédio que deve dar ao paciente através das suas entrevistas e as explicações do paciente. Segundo Nené António Matias, as doenças mais frequentes em Canhabaque e no PNMJVP são dor de barriga, diarreias em crianças, dores de cabeça e constipações. A doença que sabe tratar melhor é o inchaço no corpo e as doenças que mais trata são inchaços e picadas de raia. Recebe e trata cerca de duas pessoas por mês, que em geral são da sua tabanca. São pessoas de todas as idades mas principalmente mulheres e crianças, embora trate pessoas de ambos os sexos. Costuma dar seguimento ao doente depois de tomar o remédio 3 a 4 dias, dependendo dos casos.

## Plantas e Mezinhos

Nené António Matias encontra as plantas medicinais que utiliza nos arredores da tabanca, na beira-mar e no mato. Não sente dificuldade em encontrar as plantas medicinais de que precisa mas às vezes é difícil encontrar a planta quando sai à sua procura, pois pode não a encontrar mesmo que a planta esteja lá. Doseia os seus mezinhos com uma colher, no caso de bebés e crianças, com um copo de um quarto de litro para adultos, e com um balde de 10 litros para caso de banhos. O mezinho que considera dar melhores resultados é *Rhizophora* sp. (tarrafe, cr)

## Notas Finais

Nené António Matias não está a transmitir os seus conhecimentos, até porque o seu mestre lhe recomendou para não passar as receitas a outras pessoas. Segundo esta curandeira, *Annona senegalensis* (ebandjo, bj) é uma planta considerada como sagrada e refere a existência de dez matos sagrados na sua tabanca. Apesar de haver outras mulheres com conhecimento como ela, Nené António Matias foi a única que aceitou ser entrevistada, em Inhoda, o que merece ser realçado.





### Dados Pessoais

Queba Sintra é natural de Canhabaque e vive em Menegue. Tem 61 anos, é casado e não foi escolarizado. É de etnia bijagó e religião animista, pertence à djorson Onouca / Ogubane e tem o estatuto Ussuca /Otobonghó.

### Os Saberes

É curandeiro há cerca de 30 anos, mas também balobeiro e agricultor. Todas as receitas dos mezinhos que usa foram aprendidas com os seus mestres, principalmente com o seu pai. Conhece outros curandeiros a nível da tabanca e no PNMJVP, nomeadamente Infali, em Ndena e Queba em Menegue, mas nunca trabalhou em colaboração com pessoal da medicina moderna.

### As Práticas Medicinais

Reconhece a doença e escolhe o remédio que deve dar a cada doente através das suas entrevistas e explicações. Recebe cerca de cinco doentes por mês, que são pessoas da sua tabanca e da sua ilha, de todas as idades e de ambos os sexos. Costuma acompanhar cada doente depois de tomar o remédio em geral de três dias até duas semanas, dependendo da doença. Segundo Queba Sintra as doenças mais frequentes em Canhabaque e no PNMJVP são dores musculares. A doença que sabe tratar melhor e que mais vezes trata é a mordedura de cobra.

### Plantas e Mezinhos

Encontra as plantas que precisa nos arredores da tabanca e no mato, sem dificuldades. Mede as doses dos seus mezinhos com corno de vaca (tchifri), com uma pequena cabassa (calma), uma colher ou copo de um quarto de litro, dependendo do tratamento e do doente. A planta cujo mezinhos dá melhores resultados é *Alstonia congensis* (cuguinssun, bj). Queba Sintra, quando colhe material vegetal, pede à planta para lhe oferecer o remédio, colocando um pouco de cana na base ou tira um pouco da casca da planta, que enterra na base.

### Notas Finais

Queba Sintra faz parte do Clã dos donos da tabanca (Onouca/Ogubane). É responsável de fanado na sua tabanca e é também o segundo homem com mais poder na tabanca, a seguir ao régulo. Está a transmitir os seus conhecimentos sobre medicina tradicional a José Martinho (Chofer), de Ancateb. Também faz alguns mezinhos para tratar animais, em particular cabras e galinhas, utiliza os frutos de udós (bj) (provavelmente *Dichrostachys cinerea*), colocando-os na água, onde bebem os animais. Segundo Queba Sintra existem plantas consideradas como sagradas, mas o seu conhecimento só se obtém depois de submeter os Cabaros à cerimónia de fanado, fase que ainda não atingiu. Refere a existência de quatro matos sagrados na sua tabanca: *Itida* (mato de fanado de homens); *Amindodo* (mato sagrado dos homens); *Inhogo/Ambuba* (mato de fanado das mulheres, defuntos); *Amindodo* (mato sagrado de defunto).



# SANA ADÃO MANÉ

(TÉTÉ)  
Ambeno



## Dados Pessoais

Sana Adão Mané nasceu em Caiar, Sul do país e vive actualmente em Canhabaque. Tem 55 anos, é casado e não frequentou a escola. É de religião animista, de etnia bijagó. Pertence à djorson ou clã Oracuma, considerada como donos da tabanca e da Ilha de Poilão, e tem o estatuto Ussuca / Otobonghó.

## Os Saberes

É curandeiro e balobeiro há cerca de 35 anos, mas também se dedica à agricultura. Aprendeu todas as receitas que sabe com o seu pai e tem actualmente um discípulo a aprender consigo, Bico Lourenço. Conhece outros praticantes de medicina tradicional na sua ilha, como Manuel Onessa e António Queba, em Inhoda, mas não tem tido colaboração com pessoal da medicina oficial.

## As Práticas Mediciniais

Sana Adão Mané trata pacientes de todas as idades, que o procuram na sua tabanca, especialmente mulheres. Refere que actualmente há pouca procura das plantas medicinais, pois a maioria das pessoas vão ao Centro de Saúde. Tratou em 2012 apenas uma pessoa com mordedura de cobra. Reconhece a doença e o remédio que deve dar através das explicações do paciente. Costuma seguir o doente depois de tomar o remédio, por tempo variável, de algumas horas até várias semanas dependendo de cada caso. Afirma que as doenças mais frequentes em Canhabaque e no PNMJVP são paludismo, dor de barriga, mordedura de cobra e picada de raia.

## Plantas e Mezinhos

Encontra as plantas medicinais que usa nos arredores da tabanca e no mato. Em geral não tem dificuldade em encontrar as plantas medicinais de que precisa, mas refere que no caso de um doente cuja doença esteja ligada a algo misterioso é difícil encontrar a planta que precisa para o tratar, mesmo que a planta esteja próximo. As doenças que sabe tratar melhor são mordedura de cobra, picada de raia e dores nos olhos; o seu mezinho que considera mais eficaz é para a mordedura de cobra. Doseia os seus mezinhos com um copo de um quarto de litro e com um corno de vaca (tchifri) dependendo do tipo do remédio e do doente, pois crianças e adultos têm medidas diferentes. Antes de colher o material para fazer um remédio Sana Adão Mané faz um ritual na Baloba da sua tabanca e pede a cura do paciente.

## Notas Finais

Embora saiba que existem plantas sagradas não as conhece pois o seu pai não lhas mostrou porque não tinha atingido a idade suficiente para conhecer estas plantas. Sana Adão Mané refere a existência de dois matos sagrados na sua tabanca. *Itute-macanto* é o mato sagrado das mulheres e *Biás* (Ilhota de Poilão) é o mato sagrado dos homens.



# TENHA ANSUMANE (HOMPANI)

Bine



## Dados Pessoais

Tenha Ansumane nasceu em Canhabaque e vive presentemente em Bine. Tem 46 anos e fez a instrução primária. Está actualmente separado das suas mulheres, devido às cerimónias de Camabi. É de etnia Bijagó e religião animista, pertence à djorson Oracuma e tem o estatuto Camabi.

## Os Saberes

É curandeiro há cerca de oito anos mas tem como actividades principais a agricultura e a apicultura. Aprendeu o que sabe sobre a utilização das plantas medicinais com vários mestres principalmente com o Mestre Joaquim Neta de Bine. Conhece outros curandeiros a nível da Tabanca e no PNMJVP, como Joaquim Neta, em Bine e Alberto Montiadador, em Ancateb. Nunca trabalhou em colaboração com pessoal da medicina moderna.

## As Práticas Medicinais

Reconhece as doenças e escolhe os remédios que deve dar aos doentes através das suas perguntas e das descrições do paciente. Recebe em geral cerca de 15 doentes por mês, que são pessoas da sua tabanca, de todas as idades e de ambos os sexos. Acompanha os doentes depois de tomarem os remédios por tempo variável, dependendo da doença, em geral de um dia até uma semana. Segundo Tenha Ansumane, as doenças mais frequentes em Canhabaque e no PNMJVP são diarreia e dores nos olhos. As doenças que trata mais são dores da barriga, diarreia e dor nos olhos e a doença que sabe tratar melhor é a dor da barriga.

## Plantas e Mezinhos

Encontra as plantas medicinais que precisa no mato e arredores da tabanca, sem grande dificuldade. Mede as doses dos seus mezinhos, dependendo do tipo de remédio, com um copo de um quarto de litro ou um litro, excepto nos casos em que se mastiga a planta ou se ingere a seiva. Dos mezinhos que conhece, os que dão melhores resultados são *Psychotria peduncularis* (cobodo, bj) e *Uvaria chamae* (ainqui, bj). Tenha Ansumane faz habitualmente uma cerimónia antes de colher as plantas de que precisa. Leva um pouco de vinho de palma ou cana bordão que verte na base da planta.

## Notas Finais

Tenha Ansumane também sabe fazer alguns mezinhos para tratar vacas e cães. Não conhece plantas consideradas como sagradas mas refere a existência de dois matos sagrados na sua tabanca, *Manlas-ambuba* (mato de fanado de defuntos) e *Manlas-unssaba* (mato de fanado de homens), onde a entrada é permitida somente para aqueles que já passaram pelas respectivas fases de cerimoniais e não se pode cortar árvores ou exercer qualquer actividade agrícola.



# URAMIAG TEO

(OCAPUÂN)  
Menegue



## Dados Pessoais

Uramiag Teo nasceu na ilha de Canhabaque e vive em Menegue. Tem 85 anos, é solteiro e não foi escolarizado. É de etnia bijagó e religião animista, pertence à djorson Onouca / Ogubane, os donos da tabanca, e tem o estatuto Ussuca /Otobonghó.

## Os Saberes

É curandeiro, djambacosse e balobeiro há cerca de 30 anos, mas também é agricultor. Aprendeu as receitas de todos os mezinhos que usa com o seu pai (Teo) e com outros mestres. Conhece outros curandeiros a nível da tabanca e no PNMJVP, como Joaquim Bico, em Ancanho, mas nunca trabalhou em colaboração com pessoal da medicina moderna .

## As Práticas Medicinai

Reconhece a doença e escolhe o remédio que deve dar ao paciente através das suas entrevistas, diagnósticos e das explicações do paciente. Recebe em média sete pessoas por dia, de todas as idades e de ambos os sexos, que vêm da sua tabanca, de outras tabancas da sua ilha, de outras ilhas do Arquipélago, como Bubaque e também pessoas que vêm de Bissau e do Senegal. Dependendo da doença, pode acompanhar os doentes que trata durante dois a cinco dias. Uramiag Teo também prepara mezinhos ou plantas para serem usados noutros locais, em particular Bubaque e Bissau, mas afirma que enviar mezinhos tem o risco de perderem propriedades curativas durante a viagem, especialmente quando são preparados com plantas frescas, preferindo assim tratar os doentes na sua tabanca. Segundo Uramiag Teo as doenças mais frequentes em Canhabaque e no PNMJVP são dor de barriga e dores musculares. A doença que sabe tratar melhor é a mordedura de cobra e a doença que trata mais é a dor da barriga.

## Plantas e Mezinhos

As plantas medicinais que utiliza são obtidas nos arredores da tabanca e no mato, presentemente sem dificuldade. As doses dos mezinhos dependem do tipo de doente e do remédio e são em geral medidas com um corno de vaca (tchifri). Os mezinhos que considera mais eficazes são cossonló (bj), encontrada só em Bubaque e no sul do país, caudo-cola (bj) e malila-vermelho (cr). Quando colhe o material para fazer um medicamento Uramiag Teo, coloca uma moeda ou tabaco junto da planta.

## Notas Finais

Uramiag Teo tem dois discípulos a quem está a transmitir os seus conhecimentos: Nelson e Martinho. Também faz mezinhos que servem para tratar animais, em particular vacas e galinhas. Não conhece plantas consideradas como sagradas e refere a existência de quatro matos sagrados na sua tabanca: *Itida* (mato de fanado de homens), *Ambuba* (mato de fanado das mulheres), *Itute-ma-wanto* (mato sagrado de homens, para pagamentos de *Garandeça* aos anciões); *Itute-maloboco* (mato sagrado de mulheres para pagamento de *Garandeça* às anciãs). Quando colhe material para fazer os mezinhos Uramiag Teo coloca uma moeda ou um pouco de tabaco na planta.



# PLANTAS MEDICINAIS DE CANHABAQUE E DO PNMJVP

## A FLORA MEDICINAL DO SUL DE CANHABAQUE E DAS ILHAS DO PNMJVP

O levantamento qualitativo e quantitativo das plantas medicinais, realizada ao nível de 5 tabancas do sul de Canhabaque, nomeadamente em Ambeno, Inhoda, Bine, Menegue e Ancateb, permitiu o recenseamento de 44 espécies de plantas medicinais, graças a colaboração de 13 curandeiros. Por outro lado, uma missão técnica acompanhada por 4 curandeiros deslocou-se às principais ilhas do Parque, João Vieira, Meio, Poilão e Cavalos, com o objetivo de confirmar a ocorrências dessas espécies nas ilhas do Parque. Estas informações permitem assinalar a existência de grande diversidade biológica, e de uma grande riqueza de conhecimentos locais sobre as propriedades e utilizações das plantas medicinais. Foram colhidas importantes informações sobre o contexto sociocultural dos bijagós que, por outro lado, são uma mais-valia para conhecer melhor a diversidade da flora medicinal utilizada pela população no seu dia a dia, assim como as formas de conservação dos espaços naturais e dos sítios sagrados. Isto permite que esses recursos florestais possam ser conhecidos de melhor forma para sua maior valorização e conservação para as futuras gerações. As diversas informações recolhidas são de carácter multidimensional, do âmbito etnográfico, ecológico, antropológico e sociocultural, demonstrando assim, a riqueza da flora da zona insular do país de maneira geral e em particular uma grande diversidade de plantas medicinais e de conhecimentos sobre as suas propriedades.

Refira-se no entanto que é provável que o número de plantas utilizadas na medicina tradicional em Canhabaque e nas ilhas do PNMJVP seja superior aos valores até agora obtidos, uma vez que, por limitações logísticas e de tempo, apenas foi possível entrevistar uma amostra limitada dos praticantes da medicina tradicional em Canhabaque.

Nas cinco tabancas da zona sul de Canhabaque foi obtida informação sobre os usos e propriedades de 44 espécies, pertencentes a 25 famílias. Ainda do ponto de vista da fitogeografia das ilhas, nota-se uma grande dinâmica e distribuição espacial das espécies identificadas ao sul de Canhabaque, ocorrendo um pouco por cada uma das quatro principais ilhas do PNMJVP. Das 44 espécies de plantas medicinais identificadas no total, 40 delas ocorrem em João Vieira; 38 ocorrem em Meio; 12 ocorrem em Cavalos e 15 espécies ocorrem em Poilão.

No quadro do presente estudo, nas ilhas de Cavalos e Poilão foi identificada a ocorrência de um menor número de espécies com utilização medicinal em relação as ilhas de João Vieira e Meio. Cada ilha apresenta características ambientais específicas e algumas delas são utilizadas exclusivamente para fins cerimoniais, onde o acesso ao seu interior é limitado. As ilhas de João Vieira e Meio têm menor restrição de acesso das pessoas, verificando-se atualmente uma maior afluência das populações, sobretudo os provenientes das tabancas proprietárias tradicionais destas ilhas, para o desenvolvimento das suas actividades produtivas e extrativas, tais como a agricultura de planalto ou pam-pam, a exploração de chabéu para produção de óleo de palma, a extração de vinho palma e a extração de fibras das folhas de palmeiras jovens para construção das esteiras, sendo esta última a principal atividade das mulheres: A pesca artesanal tanto para subsistência como com o propósito de fumagem e secagem do pescado para os fins comerciais, é também praticada, sendo uma das atividades desenvolvidas pelos jovens e adultos do sexo masculino.

Por conseguinte, a constante mobilidade das populações para as ilhas do Parque, sobretudo em João Vieira e Meio, tem contribuído muito na introdução de algumas espécies exóticas que ocorrem em suas tabancas em Canhabaque, como são os casos da mangueira (*Mangifera indica*), limoeiro (*Citrus limon*), papaeira (*Carica papaya*) e cajueiro (*Anacardium occidentale*), bem como algumas outras espécies de plantas que não foram mencionadas pelos curandeiros como plantas medicinais.

*Psychotria peduncularis* (foto ao lado) e *Senna podocarpa* (foto na capa) são provavelmente as duas espécies de plantas mais usadas na medicina tradicional bijagó. Foram ambas referidas por vários curandeiros para tratamento de numerosas doenças e para mordeduras de cobra. Como curiosidade refira-se que o nome em balanta da primeira significa medicamento dos bijagós.



## ADENIA LOBATA

(JACOQ.) ENGL.

PASSIFLORACEAE

NEDANO (BJ) RABO-DE-LAGARTO (CR)



### Outros nomes

belau (ba); belau (bf); urebau (fl); endembessauare (td)

### Hábito e Ecologia

Trepadora herbácea perene, em floresta densa, floresta aberta, galerias florestais e palmar. Pode ser encontrada também no mato em regeneração junto às tabancas. A planta pode ser colhida em qualquer época do ano mas tem de ser utilizada em fresco; atualmente é fácil de obter e a sua abundância tem-se mantido.

### Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

Referida por Joaquim Neta, que utiliza a seiva extraída do caule para tratar dores nos olhos com “ramelga”. O tratamento consiste em cortar um pedaço do caule desta liana, em forma de um pequeno bastão e colocar uma das extremidades na boca para soprar a seiva, que pinga directamente no olho do paciente. Deve-se pingar uma gota da seiva de manhã e outra à tarde em cada olho, até o doente ficar curado.

Segundo Joaquim Neta, que afirma ter inventado esta receita, não há nenhuma reação negativa ao mezinho. O tratamento não é cobrado mas o doente é livre de oferecer alguma recompensa a quem o trata. Joaquim Neta já tratou várias pessoas com esta receita, especialmente durante uma epidemia de dores nos olhos que ocorreu na sua ilha. Trata pessoas da sua tabanca e tabancas vizinhas que vêm ter consigo.

### Outras utilizações

A raiz desta planta é também referida na Guiné-Bissau para tratamento de fezes com sangue. Esta planta tem várias utilizações registadas noutros países da África Ocidental, nomeadamente medicinais, fitoquímicas e magico-religiosas.



## ALBIZIA DINKLAGEI

(HARMS) HARMS

MIMOSACEAE

COÓNA (BJ), FARROBA-DE-MATO (CR)



### Outros nomes

nasce-fôre (ba); bansabúle (bm); gaúde (ff); bubicaramba (fs); netechaguhol, sindjadjálê, sindjalale (fu); masamp, masamp-tchill, masang-na (nl); ussúmbulo (pp); safatá, uasafore (ss)

### Hábito e Ecologia

Pequena árvore ou arbusto, em floresta densa, floresta aberta, savana arborizada, galerias florestais e margens de rios, palmares, lalas e orlas de mangal; também pode ser encontrada no mato em regeneração junto às tabancas. A planta é fácil de obter durante todo o ano e a sua abundância tem-se mantido.

### Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

Esta planta foi referida por Nené António Matias para o tratamento de inchaços no corpo, numa receita que aprendeu com um mestre de Orango. Utiliza-se a casca do tronco, em fresco, que é triturada e colocada num balde com água. O doente toma banho com o remédio em cada madrugada durante três dias, com o remédio preparado de véspera; o tratamento não provoca reações. Já tratou várias pessoas da sua tabanca e não cobra pelo tratamento.

### Outras utilizações

A madeira desta árvore é usada no fabrico de arados na Guiné-Bissau. Além do uso da madeira, esta planta tem várias utilizações registadas em outros países da África Ocidental, nomeadamente medicinais e fitoquímicas.



# ALSTONIA CONGENSIS

ENGL.

APOCYNACEAE

CUDJÉSSE, CUGUINSSUM,  
QUESSUM (BJ); TACÁRA, TAGARA (CR)



## Outros nomes

djambé (ba); léguerè (ff); bantam-foro (fu); betácarre (mc); bantam-forô (md); bidjésse (mj); batáguar (pp); iangué, ianké, ianque (nl)

## Hábito e Ecologia

Árvore de grande porte, em floresta densa, floresta aberta e margens de rios. Também pode ser encontrada com alguma frequência junto às tabancas. Esta planta está a ficar mais rara porque a sua madeira é utilizada no fabrico de canoas e na construção das casas mas, segundo Bico Lourenço pode ser plantada.

## Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

Esta planta é utilizada por Bico Lourenço para o tratamento de dor de peito com tosse, numa receita que aprendeu com o seu tio e por Queba Sintra para tratar inchaços, em receita aprendida a com o seu pai.

Para tratamento da dor de peito com tosse, Bico Lourenço usa a casca do tronco em fresco, raspa a parte externa mais grossa com uma faca ou catana até atingir a parte com a seiva branca. Ferve-se com água durante meia hora a uma hora, após o que espera que arrefeça, cõa-se e dá-se a beber ao doente num copo de um quarto de litro, três vezes por dia. Quando a tosse diminui, o paciente pode passar a tomar o remédio somente nos períodos de manhã e de tarde, mas se aumentar, pode tomar o remédio como se fosse água, durante 10 dias.

70

## Outras utilizações

Queba Sintra, para o tratamento de inchaços, utiliza a raiz desta espécie em fresco. A raiz é raspada, triturada e colocada numa cabassa com água. O doente bebe duas mãos cheias do remédio e toma banho com o mesmo duas vezes por dia, até que fique curado.

Em ambos os casos não há reação negativa ao remédio. O tratamento não é pago mas o doente pode fazer alguma oferta a quem o trata.

Nota: esta espécie é bastante semelhante a *Alstonia boonei* e serão provavelmente utilizadas ambas indiferenciadamente. A madeira é utilizada em barcos, caixões, artesanato e na construção de casas. Também tem outras utilizações medicinais no país, nomeadamente a seiva que é usada como antibiótico. Além do uso da madeira, as duas espécies têm várias utilizações registadas em outros países da África Ocidental, nomeadamente medicinais, fitoquímicas e magico-religiosas.



71

**ANNONA**  
**SENEGALENSIS PERS.**

ANNONACEAE

BOLE, EBANDJO, EBUD (BJ); MAMBUMBA,  
MAMBUNDA, PINHA-DI-MATO (CR)



**Outros  
nomes**

bodi-iode, bórè (ba); bubomba (bf); mambomba, ulolocô (fs); ducúmè, ducumê (fu); bâme, suncun-úm (mc); sucum-ô, suncun-úm (md); benémpe, benempele, benotaro (mj); sampane (pp)

**Hábito e  
Ecologia**

Arbusto que pode medir até cerca de dois metros, ocorre em floresta aberta e savana arborizada e também em locais sob influência humana, como o mato em regeneração nas proximidades das tabancas. A planta é fácil de obter e é colhida em qualquer época do ano, mas é preferível na época da seca, porque o remédio fica mais forte. A abundância desta espécie tem diminuído nos últimos tempos por os terrenos serem cultivados mas segundo Sana Adão Mané pode ser cultivada se se plantarem pedaços de ramos na época das chuvas.

**Utilizações no  
PNMJVP e em  
Canhabaque**

A utilização desta planta foi referida por Sana Adão Mané, para o tratamento de mordedura de cobra cuspideira ou bida, (*Naja nigricollis*) numa receita que aprendeu com o seu pai. Segundo Sana Adão Mané a picada desta cobra provoca dores muito fortes e utiliza-se o remédio para acalmar as dores e para expulsar os dentes da cobra. São utilizadas as raízes em fresco, que são raspadas, trituradas no pilão e a pasta obtida é amarrada sobre a zona da picada. Deixa-se o remédio amarrado sobre a picada durante dois dias e no terceiro renova-se o tratamento, repetindo até baixar o inchaço e expulsar o resto dos dentes e o veneno. O remédio não é pago e não provoca nenhuma reação. Antes de colher a planta o curandeiro faz uma pequena cerimónia na baloba pedindo a cura do paciente, mas em caso de urgência, vai colher o remédio e de seguida faz o rito cerimonial.

72

**Outras  
utilizações**

A utilização desta planta foi referida em Orango para os tratamentos de dores de barriga e dores de cabeça e tem ainda outras utilizações medicinais reportadas no país: a infusão da raiz usa-se para a esterilidade feminina, a raiz e as flores para dores de olhos, a folha esmagada e cheirada, para tratar constipações e a infusão da folha para tratar disenterias. É também uma planta alimentar pois o fruto é comestível. Esta espécie têm também várias utilizações registadas em outros países da África Ocidental, nomeadamente medicinais, fitoquímicas, magico-religiosas e para construção de utensílios.



73



## CARICA PAPAYA L.

CARICACEAE

GHOPADANGA, MANTEGA,  
UMPANDÁ (BJ); PÉ-DI-PAPAIA, PAPAIA,  
PAPAIA-MATCHO (PLANTA MASCULINA,  
QUE NÃO PRODUZ FRUTOS) (CR)



### Outros nomes

pace (ba); bufápá, bufápiá (bf); papae (fu); bedon-albabo, pedum-hal (mc); pápoia (md); bepaia, pupá (mj); n'papa (nl); papaia (pt)

### Hábito e Ecologia

Pequena árvore que pode atingir cerca de seis metros de altura, com frutos comestíveis, frequentemente cultivada nas povoações ou junto destas. É fácil de obter em qualquer época do ano mas atualmente é menos abundante, por ser menos plantada.

### Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

A utilização medicinal da papaia foi referida por Manuel Onessa para tratamento de dores de barriga, quando se sentem dores na "bridja" e a pessoa fica com dificuldade de urinar, numa receita que aprendeu com um mestre. Utiliza a raiz, da qual retira a casca fina de cima e mistura com raiz de bulongodjuba (cr) (*Morinda geminata*). Ferve-se com água, sal e um pouco de limão, e dá-se o líquido para o paciente beber. Um adulto pode tomar cerca de um litro do remédio e uma criança pode tomar um copo ou meio copo de um quarto de litro. Este mezinho provoca diarreia, vômitos e faz urinar muito. Manuel Onessa trata cerca de 15 pessoas por ano com este mezinho. Não cobra pelo tratamento mas o doente pode contribuir com cana, tabaco ou uma moeda para realizar cerimónia na planta.

### Outras utilizações

A papaeira é muito comum e tem várias utilizações na Guiné-Bissau, para além do fruto que é comestível. As folhas desta espécie foram referidas em Orango, para o tratamento das mulheres com dificuldades no parto; a raiz, os frutos verdes e as sementes têm várias utilizações medicinais e as folhas são utilizadas para tornar tenra a carne antes de ser cozinhada. A papaeira têm também numerosas utilizações medicinais registadas noutros países da África Ocidental, bem como usos fitoquímicos, magico-religiosos e veterinários.



## CASSIA SIEBERIANA DC.

CAESALPINIACEAE

CAQUECEQUECE, EQUENÓ (BJ);  
CANAFÍSTULA, CANAFISTRA (CR)



### Outros nomes

p'fonante (ba); bissindje, bussindja (bf); sama-sidjam, sambasindjandje, samba-sinhangho, sambasinha, sambassinhamé, sandjoné, sanjoué (fu); sindjam-ô (md); bentape, n'tame, untame (mj); betame (pp)

### Hábito e Ecologia

Pequena árvore ou arbusto, em floresta brenhosa, floresta aberta, savana arborizada, palmar e margens de rios. Ocorre também no mato em regeneração após cultivo. Esta planta é fácil de obter durante todo o ano e, segundo Queba Sintra, pode também ser cultivada.

### Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

A utilização medicinal desta planta foi referida por Agostinho Sandé e Queba Sintra, em receitas que ambos aprenderam com os respetivos pais. Agostinho Sandé usa as raízes após secagem ao sol e as folhas em fresco para tratamento das dores no corpo, mais frequentes durante a noite, em especial dos adultos. As folhas são fervidas com água, até ficarem cozidas. No caso das raízes, são raspadas, cortadas e colocadas numa panela onde fervem com água até cozerem; podem também ser raspadas e cortadas em pedaços que são colocados numa garrafa de cana bordão para beber. No caso das folhas fervidas, o doente toma duas mãos cheias do remédio e bebe, tomando depois banho com o remédio, de manhã e à tarde, durante quatro dias. Em fresco ou após secagem, raspa-se a raiz e corta-se em pedaços que são colocados numa garrafa com água. Toma-se o remédio no "tchifre" (corno) ou num copo de meio litro ou um quarto de litro, dependendo do paciente. Sendo o paciente jovem pode parar ao fim de uma semana; no caso dos pacientes mais velhos o remédio pode ser tomado continuamente. Com as raízes fervidas ou colocadas em cana bordão toma-se um cálice do remédio de manhã e à tarde, até se ficar curado. O remédio feito com raízes é amargo e faz urinar bastante, no início do tratamento pode provocar diarreia, mas um dia depois passa.

76

77



Queba Sintra usa as raízes da planta, tanto em fresco como após secagem ao sol ou à sombra, para aumentar potência sexual masculina, nos homens que tem dificuldades de ereção.

### Outras utilizações

Esta planta tem outras utilizações conhecidas na Guiné-Bissau, nomeadamente medicinais: a raiz é utilizada como antibiótico e para dores do corpo e rins e as folhas para a falta de apetite. As folhas são usadas para acelerar a maturação de frutos. Esta árvore têm também várias utilizações registadas em outros países da África Ocidental, nomeadamente medicinais, fitoquímicas, magico-religiosas, construção de utensílios e como sombreadora.



**CEIBA PENTANDRA**  
(L.) GAERTN.  
BOMBACACEAE  
COB-BÊ, CUNÉ (BJ); POILÃO,  
POILON, POLÓM, POLON (CR)



#### Outros nomes

psáhè, pthaé, rumbum (ba), brêgue (bf); bantanhe (ff, fu); pentene (mc); bantam-ó (md); péntia (mj); m'bath (nl); metchene, n'tene, untene (pp)

#### Hábito e Ecologia

Árvore de grande porte, em floresta densa, floresta aberta, savana arborizada e margens de rios. Ocorre também nos matos em regeneração junto às tabancas. A planta é fácil de obter, pode ser cultivada e parece regenerar facilmente.

#### Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

A utilização medicinal desta planta foi referida por Sana Adão Mané para tratamento de inchaços, tipo "mandita", quando um determinado local do corpo incha e desenvolve um abscesso contendo pus. A receita foi obtida por transmissão familiar, através do seu pai.

Utiliza-se a casca do tronco, em fresco, que é triturada até ficar bem macia, a que se adiciona um pouco de óleo palma, misturando-se até que fique em pasta e amarra-se no local afetado.

Deixa-se o remédio amarrado no local que dói durante dois dias e no terceiro dia retira-se o remédio e fura-se o abscesso ou "mandita", para expulsar o pus. Para completar o tratamento, utiliza-se a casca interna de *Annona senegalense*, em fresco, que é raspada e amarrada no local para eliminar o resto de pus e ajudar para cicatrizar a ferida. O tratamento pode provocar alguma comichão, quando o pus está prestes a sair ou quando a "mandita" rebenta por si.

#### Outras utilizações

Esta espécie tem outras utilizações conhecidas no país. A casca é usada para curar feridas e do tronco fazem-se canoas, das folhas secas e moídas faz-se um "lalo". É também muito utilizada em toda a África Ocidental, nomeadamente com finalidades medicinais, fitoquímicas, magico-religiosas e na construção de utensílios e embarcações.



## CISSAMPELOS MUCRONATA

A.RICH.

MENISPERMACEAE

CABOTCHE, UNICAN-U-CUNIPO (BJ);  
MEZINHO-DI-CATCHUR, OREDJA-DI-RATO,  
OREDJA-DI-SANJO (CR)



### Outros nomes

aneafiafia, manéfa-fial (bf); cauce-edjanbaran (dj); nofer-balo, nopeleballo (fu); bacalambách, cabate-cu'uíte, cubate-cuiate (mc); inétulo, nhinatulô, sapatê-ô (md); cabate-uíate, cubate-cuiate (mj); neun'fa-ak (nl); bislina (pp); nofelbade (sr)

### Hábito e Ecologia

Pequena trepadora herbácea que ocorre em floresta aberta, savana arborizada, palmar, lala e também em locais perturbados. Em Canhabaque obtém-se no mato em regeneração junto das tabancas. Embora seja mais rara atualmente, porque há mais corte de matos e plantações de caju, a planta ainda é fácil de obter e pode ser colhida em qualquer época do ano.

### Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

A utilização medicinal desta planta foi referida por Sana Adão Mané, em receita que aprendeu através do seu pai e também com um mestre Djambacosse. É utilizada a raiz, tanto em fresco como após secagem, para dor da barriga quando se sente a sensação de algo estar a movimentar-se na barriga, da "bridja" para o umbigo. Em caso de urgência, extrai-se a raiz, raspa-se e mastiga-se diretamente. Em casos normais, raspa-se a casca externa da raiz, corta-se em pequenos pedaços que são colocados num recipiente com água, aguarda-se de meia hora a uma hora e dá-se ao paciente cerca de um quarto de litro. A raiz também pode ser raspada, secada, triturada e guardada num frasco limpo e seco, para levar para locais onde a planta não existe. Neste caso coloca-se uma porção do remédio em pó na boca e engole-se com água. A reação ao remédio provoca a eliminação de bastante urina. Por outro lado, se a dose for excessiva, pode provocar prisão de ventre, não conseguindo o doente evacuar fezes.

80



### Outras utilizações

Na ilha de Orango foi também referida a utilização desta planta para dores de barriga. A raiz, caule e folhas têm várias outras aplicações medicinais conhecidas na Guiné-Bissau e noutros países da África Ocidental a planta tem várias utilizações medicinais e fitoquímicas reportadas.



81

## CITRUS LIMON

(L.) BURM. F.

RUTACEAE

ANDJEM, ESSAGARA-EDJOCO (BJ);  
LIMON, LIMON-DI-TERRA (CR)



### Outros nomes

mandabannelbéne (nl); limão (pt); budemna-buràb (bf)

### Hábito e Ecologia

Pequena árvore, cultivada junto às povoações, provavelmente em todo o país. É uma planta fácil de obter durante todo o ano.

### Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

A utilização medicinal do limoeiro foi reportada por Bico Lourenço, em receita que aprendeu com o mestre Epugha de Uno. Utilizam-se as raízes e folhas em conjunto, em fresco, para tratamento de constipações e gripes, após serem fervidas em água. Adiciona-se açúcar, toma-se o remédio no copo de um quarto de litro, duas vezes por dia, até que a gripe acabe. Também se pode associar com raízes de *Cassia sieberiana* (equenó, bj) e folhas de *Uvaria chamae* (banana-santchu, cr). Neste caso o tratamento consiste na inalação do vapor, após fervura da mistura de plantas.

### Outras utilizações

O limoeiro é uma fruteira introduzida e cultivada, originária do Sudeste Asiático, muito utilizada em todo o país. Em Orango foi referida para tratamento de dores de cabeça e dores de barriga e noutros locais da Guiné-Bissau o sumo do fruto é usado para tratar catarro e as folhas fervidas para a comichão. Esta planta é igualmente utilizada nos outros países da África Ocidental.



## CNESTIS FERRUGINEA DC.

CONNARACEAE

NAPORÓ, NEREGO, NOLÓGO (BJ);  
MESINHO-DI-RATO, OJO-DI-ONÇA,  
UDJU-DI-ONÇA (CR)



### Outros nomes

toen-tolôe, treventi-ito (ba); cupeléén (fs); talquibare (fu); bdutubus, beduto-ubule, utonque-ubusse (mc); manterim-ô, manterinterim, talquidqga, tulu-nereure (md); dutubule, peduto-ubusse, utonque-ubusse, utunque-ubule (mj); n'jete-nambel n'xetenhembale (nl); barniate (pp); kulenhimaba (ss)

### Hábito e Ecologia

Arbusto de frutos vermelhos e folhas compostas, que pode atingir cerca de dois metros de altura. Ocorre em floresta densa, floresta brenhosa, floresta aberta e palmar. Obtém-se com alguma facilidade no mato em regeneração junto às tabancas durante todo o ano.

### Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

Esta planta foi referida por Nené António Matias para tratamento das dores de dentes com buraco, e por Tenha Ansumane para tratar feridas provocadas por objetos cortantes (catanas e machados).

Nené António Matias usa ramos com folhas, em fresco, que ferve num recipiente com água, até ficarem cozidas. O doente leva o recipiente com o remédio ainda quente junto da boca, de forma que o vapor possa subir e entrar na boca para "fumar" os dentes, depois coloca algum líquido na boca para enxaguar. Em caso de dores fortes, repete-se o tratamento quatro vezes por dia, até a dor passar.

Para feridas novas, Tenha Ansumane recomenda que se mastiguem folhas jovens, sendo a pasta colocada diretamente na ferida. Amara-se o remédio na ferida durante quatro dias e no quinto dia troca-se as folhas na ferida.

84



### Outras utilizações

Esta espécie foi referida em Orango para inflamações nos pés e para dores de estômago e de ouvidos. Na Guiné-Bissau a planta tem várias outras utilizações medicinais: as folhas são usadas como antipalúdico e contra enxaqueca. As sementes, que são venenosas, pisadas e misturadas com comida são utilizadas como raticida. Nos restantes países da África Ocidental a espécie tem também várias utilizações, principalmente medicinais.



85

## COMBRETUM MICRANTHUM G.DON

COMBRETACEAE

ECOT, ECOTE-ELANDIN, EPUEQUE,  
EPUEK, EPEC, UPATOCUMA (BJ);  
BUCO, BUÇO, CAFÉ, CAFÉ-BRAVO,  
CHÁ-DE-BUCO (CR)



### Outros nomes

bsálá, p'sangla (ba); bôk, bu-ok, kinkélib, (cs); cancaliba (ff); buchicabu (fl); butique (fs); canquelibá, quem-quelebá, tade (fu); buôque (mc); barcolomô, cancalibá (md); buco (mj); n'babass (nl); buéco (pp); buko (ss); ambate (td)

### Hábito e Ecologia

Arbusto ou pequena árvore que atinge até cinco metros de altura ou trepadora lenhosa. Ocorre em floresta aberta, savana arborizada, galerias florestais, palmar. Em Canhabaque é obtida no mato em regeneração junto às tabancas sem dificuldade durante todo o ano.

### Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

A utilização desta planta foi referida por Queba Sintra, para tratamento de diarreia, e por Uramiag Teo para as dores no corpo. Em ambos os casos as receitas foram aprendidas com os respectivos pais.

Para a dor de barriga com diarreia usam-se as raízes em fresco, que são raspadas, cortadas em pedaços e colocadas numa garrafa com água. O doente toma o remédio num corno de vaca pequeno ("tchifre") ou num copo de um quarto de litro, três vezes por dia, até a dor passar.

No caso de dores no corpo são usadas as folhas em fresco, que são fervidas em água, numa panela grande até ficarem cozidas. O doente toma banho com o remédio morno de manhã e à tarde, durante três dias. Uramiag Teo utiliza também as folhas frescas trituradas para tratar feridas de vacas, colocando-as nas feridas previamente lavadas.

### Outras utilizações

Esta planta foi referida em Orango para tratamento de feridas e queimaduras. Na Guiné-Bissau tem várias outras utilizações conhecidas. Dos frutos faz-se uma bebida que é um sucedâneo do café ou chá; as folhas têm efeito antipirético e são utilizadas também contra "biliosa" e outras doenças hepáticas. A planta tem também muitas outras utilizações medicinais, fitoquímicas, como material de construção e lenha noutros países da África Ocidental.



**CRYPTOLEPIS  
SANGUINOLENTA  
(LINDL.) SCHLTR.**

ASCLEPIADACEAE  
CAUDO-CA-ALA (BJ);  
CUNTÉSSE, CUNTEZ (CR)



**Outros  
nomes**

butnacimbore, mansahane (ba); funhalunco (fs); cuntésse, porecududo (fu); cuntesse (md); bumbine, bumbipe (mj)

**Hábito e  
Ecologia**

Pequena trepadora lenhosa, em floresta aberta e galerias florestais; também ocorre como ruderal. Em Canhabaque a planta é obtida no mato em regeneração, junto às tabancas. Pode ser colhida todo o ano, mas na época da seca é mais difícil de encontrar, pois as folhas secam.

**Utilizações no  
PNMJVP e em  
Canhabaque**

A utilização desta planta foi referida por Uramiag Teo para cinco finalidades diferentes: dores de barriga, tosse, feridas ("tchaga"), repelente de cobras e para mordeduras de cobras. São receitas que aprendeu com o seu pai, em que utiliza as raízes da planta, em fresco ou após secagem ao sol. No tratamento de dores de barriga pode ser utilizada de duas formas: para cessar a diarreia, assim como para provocar a diarreia, no caso de barriga seca (prisão de ventre). Para a tosse acompanhada de dores no peito serve para fazer eliminar a expetoração e no caso das feridas serve para tratar feridas novas e velhas. Segundo Uramiag Teo, o cheiro desta planta afugenta a mamba verde ou cobra "cacuba" (*Dendroaspis viridis*), e para repelir a cobra pode-se tomar sempre o remédio; a planta é usada também para tratamento da picada desta cobra. A preparação do mezinho consiste em raspar as raízes, cortar em pedaços, colocar em água, que será depois usada pelo doente.

**Outras  
utilizações**

Para dor de barriga e tosse com dor de peito, tomar o remédio de manhã e de tarde, durante cinco dias, para tratamento de feridas, lavar a ferida com água morna, ou água salgada do mar e colocar o remédio na ferida até sarar. Para afastar cobras, tomar sempre o remédio e para a picada de cobra, tomar quantidade suficiente para vomitar, expulsando assim o veneno.

Esta planta tem outras utilizações medicinais no país: a raiz é utilizada contra "febre amarela" (ictérica) e no tratamento de chagas e as folhas como anti-palúdico. Também é usada com finalidades similares noutros países da região.



**DALBERGIA  
SAXATILIS** HOOK.F.

FABACEAE

CAUDÓ-CARTICÓ, ECONTONTON (BJ);  
MALILA-PRETO (CR)



Outros  
nomes

sáfirè (fu)

Hábito e  
Ecologia

Trepadora lenhosa ou arbusto, em floresta brenhosa, savana arborizada e galerias florestais; também em locais perturbados. Em Canhabaque esta planta é obtida no mato em regeneração, durante todo o ano e a sua abundância tem-se mantido ao longo do tempo.

Utilizações no  
PNMJVP e em  
Canhabaque

Agostinho Sandé utiliza as folhas desta planta, em fresco e após secagem ao sol, para tratamento de feridas novas, numa receita que aprendeu com um mestre. Em caso de urgência, mastiga-se as folhas e amarra-se a pasta formada no local cortado; em tratamentos normais, pode-se secar as folhas, triturar e peneirar para tornar mais fino o preparado e colocar numa garrafinha para guardar. Quando necessário, aplica-se o pó sobre as feridas. Este mezinho também serve para tratar feridas em animais, como vacas por exemplo.

Outras  
utilizações

Não se conhecem outras utilizações desta planta na Guiné-Bissau, mas é usada noutros países da África Ocidental na medicina tradicional e para construção de artefactos.



**DIOSPYROS  
HEUDELOTII HIERN**

*EBENACEAE*

EPANCLEBA, EBANGLEBA (BJ)



**Outros  
nomes**

silabono (fu); cussito, malefu (md); jagôrtá, n'jangugurta, tchamburtá (nl); iatété, malefú, malevu (ss); culum (td)

**Hábito e  
Ecologia**

Árvore ou arbusto, em floresta densa, floresta brenhosa, floresta aberta, galerias florestais e orla de mangal. É obtida no mato em regeneração sem grande dificuldade e durante todo o ano. Segundo Alberto Montiadador a planta é mais abundante atualmente devido a regeneração natural.

**Utilizações no  
PNMJVP e em  
Canhabaque**

A utilização desta planta para tratamento de prisão de ventre foi referida por Alberto Montiadador, que afirma ter inventado a receita por inspiração divina. Para a dor de barriga sem vômitos, quando a pessoa não consegue defecar, usa-se a casca do tronco. Raspa-se a casca exterior na própria árvore e corta-se a casca interior até atingir a parte lenhosa. Coloca-se essa casca num copo com água que se deixa ao sol, para aquecer um pouco. O doente toma o remédio num copo de meio litro, ao meio-dia, numa única dose. Como reação a este mezinho o doente pode ter vômitos.

**Outras  
utilizações**

Esta espécie tem outras utilizações medicinais conhecidas na Guiné-Bissau, nomeadamente para tratamento do paludismo, dores nas articulações e para corpo inchado e também é usada noutros países da África Ocidental.



## ERYTHRINA SENEGALENSIS DC.

FABACEAE

CUSSERÊ, CUSSERUM (BJ); BISSACA,  
DOLIN, PÓ-DE-OSSO,  
PÓ-DI-OSSO (CR)



### Outros nomes

m'zisse (ba); burale, sélélé (bf); pó-di-budogo (cs); arbre-corail, erythrine du Sénégal (fr); bondja, botchotchadje, bothola, mochôla, m'zisse (fu); dolim, dôlim-ô (md); n'chaka-refat, n'tchakarfat (nl); bissansce (pp)

### Hábito e Ecologia

Árvore que atinge de 8 a 10 metros de altura, espinhosa, com flores vermelhas. Ocorre na Guiné-Bissau em floresta aberta, savana arborizada, palmar e lala. Em Canhabaque encontra-se facilmente junto das tabancas em qualquer época do ano. Segundo Joaquim Neta esta árvore pode ser cultivada e parece ser atualmente mais abundante.

### Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

A utilização da espécie foi referida por Joaquim Neta que afirma ter inventado a receita por inspiração divina. É utilizada a casca do tronco em fresco, para tratamento da "bassa" das crianças e da picada de cobra "cacuba". A preparação do mezinho consiste em raspar, triturar e colocar na água a casca do tronco. No caso de picada de cobra "cacuba", o doente deve tomar duas doses de meio litro ou um litro duas vezes seguidas. O remédio provoca o vômito para tirar o veneno. A "cacuba", ou mamba verde (*Dendroaspis viridis*) é uma das cobras mais temidas pelos bijagós por ser altamente venenosa.

No caso de tratamento de "bassa", a criança deve tomar três colheres do remédio ao dia e ser banhada com o remédio três vezes por dia, durante três dias. Além de tratar os doentes da sua tabanca, Joaquim Neta por vezes também envia este mezinho para o exterior, nomeadamente para Bissau.

### Outras utilizações



A utilização de *E. senegalensis* para a bassa das crianças foi também referida em Orango, assim como para tratamento das picadas de raia e para as mulheres com problemas de menstruação que não conseguem engravidar. Esta planta tem também outras utilizações referidas na Guiné-Bissau: a infusão da entrecasca usada em dores de garganta e das sementes fazem-se contas de colar. Em outros países da África Ocidental estão registadas também numerosas utilizações da espécie.



# FAIDHERBIA ALBIDA (DELILE) A.CHEV.

MIMOSACEAE

CABIÓ, CADIÓ, CAMUDE, CAMUDÉ,  
CAMUDO (BJ); FERIDA-BRANCO,  
FIDIDA-BRANCO, PAU-FERIDA,  
PÓ-DE-FERIDA-BRANCO (CR)



## Outros nomes

bioépi, djúè (ba); buàdja (bf); biongômo (bm); sipiñã, sipiña-brabu (cs); busseu-uliba (fl); cad (fr); bubirique (fs); borassanhe, buladanêlhe, bulé, búrlè-danédjo, marroné, (fu); betampale (mc); borassam, borassam-ô (md); butchampele (mj); ussímpulo (pp)

## Hábito e Ecologia

Árvore que atinge 12 a 15 metros de altura, espinhosa, que apresenta um caule rugoso.

Ocorre na Guiné-Bissau principalmente em floresta aberta, savana arborizada, palmar e na vegetação de transição para o mangal. Em Canhabaque é colhida no mato em regeneração, sendo fácil obter em qualquer época do ano. No entanto parece ser mais rara atualmente porque é cortada pela população.

## Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

Esta árvore tem várias utilizações medicinais em Canhabaque e nas ilhas do PNMJVP. José Martinho, numa receita que aprendeu através do seu pai, utiliza a casca do tronco, em fresco, para tratamento de "manditas" no corpo (furúnculos). O material vegetal é triturado no pilão e colocado num balde com água, ficando a repousar durante um dia. O doente toma banho com o remédio duas vezes por dia, durante dois ou três dias, após o que se deve trocar o remédio, que fica com cheiro forte e desagradável. O tratamento pode durar uma a duas semanas.

Sana Adão Mané usa a casca do tronco, em fresco, para a picada de cobra "cacuba" (*Dendroaspis viridis*), e para dores de dentes em receitas que aprendeu com o seu pai. Para a picada de cobra "cacuba", a casca é extraída, triturada no pilão e colocada em água, após o que se coa e dá-se o líquido a beber ao paciente imediatamente após a mordedura. Quando a "cacuba" pica alguém, o corpo fica mole e o doente não consegue sustentar-se ou ficar em pé. Deve-se agitar o doente para não adormecer pois caso contrário pode morrer, se o veneno lhe subir à cabeça.

Para o tratamento de picada de cobra "cacuba" a dose pode variar de meio litro até um litro, dependendo da reação do paciente ao remédio. O tratamento deve continuar até que o paciente vomite, após o que tem maior possibilidade de sobreviver.

No tratamento de dor de dentes em que se forma pus, a casca do tronco, em fresco, é fervida com água. Utiliza-se a água resultante da fervura do remédio, ainda morna com vapor, que se coloca num recipiente e se leva junto da boca. O doente deve inalar o vapor na boca para expulsar o pus que provoca a dor nos dentes. O tratamento pode ser feito uma única vez ou pode durar até uma semana, repetindo o processo uma vez por dia, preferencialmente de manhã ou no período da tarde.

A colheita da planta para fabricar os mezinhos envolve um ritual. José Martinho tira uma casca do tronco e coloca na base da árvore e enterra. Sana Adão Mané, no caso da picada de cobra faz uma cerimónia na sua baloba antes de ir procurar o remédio, para saber se é um caso de simples picada de cobra ou se está misturado com outra coisa mística. Caso tenha sido causada por um feitiço de alguém, se o curandeiro for buscar o remédio sem antes consultar a baloba, pode encontrar a cobra no pé de mezinho que foi procurar, correndo o risco de ser picado, porque é uma situação armada.

## Outras utilizações

A utilização medicinal desta planta foi referida em Orango para tratamento de inflamações no corpo com inchaço. Na Guiné-Bissau a madeira desta árvore é usada para a construção de vários artefactos para utilização caseira ou agrícola. Na África Ocidental esta espécie tem numerosas utilizações de vários tipos.



## FICUS POLITA VAHL

MORACEAE

CANHAMA, CANHIMVA (BJ);

FIGUERA, FIGUEIRINHA (CR)



### Outros nomes

bupóco (mj)

### Hábito e Ecologia

Arbusto estrangulador, epífita em geral sobre *Elaeis guineensis*, ou árvore, que pode atingir cerca de 10 metros de altura ou mais.

Planta leitosa, com raízes adventícias, que se desenvolve frequentemente sobre palmeiras, as quais envolve com as raízes e caule, acabando por as estrangular e matar.

Ocorre principalmente em floresta densa e palmar mas em Orango pode ser obtida junto das tabancas pois é usada para vedação dos quintais e pode ser cultivada ou plantada.

É fácil de obter e pode ser colhida em qualquer época do ano

### Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

Segundo Sana Adão Mané, esta planta serve para aumentar o sangue em pessoas com anemia, em que as palmas das mãos de uma pessoa fraca e doente estão esbranquiçadas, quando se aperta as palmas das mãos e não se vê sinal de sangue. A receita foi aprendida por transmissão familiar, através do seu pai, sendo utilizadas as folhas secas e recém caídas no chão.

Colhem-se as folhas caídas debaixo da árvore, completa-se a secagem ao sol e lavam-se com água até que fiquem limpas, fervem-se com água, cõa-se para uma garrafa e acrescenta-se um pouco de açúcar. O paciente deve tomar o remédio três vezes por dia, numa xícara de "uarga" até que fique melhor. Uma garrafa de litro e meio de remédio pode durar para um mês de tratamento. As crianças devem tomar a medida de uma colher, três vezes ao dia até que fiquem restabelecidas. Sana Adão Mané não cobra pelo tratamento pois somente ajuda as pessoas.

Domingas da Silva, numa receita que aprendeu com o seu mestre, utiliza esta planta para as mulheres com dificuldade em iniciar o parto. É usada a casca do tronco em fresco, que é raspada, triturada e colocada em água, que se dá a beber à parturiente. Esta deve tomar o remédio num copo de um quarto de litro, quantas vezes puder, até dar à luz. Como reação pode provocar vômito, mas não é grave. Quando colhe o material para fazer o mezinho, a curandeira ou matrona deve despir-se junto à planta e pedir o remédio; depois corta um pedaço da casca de caule e põe na base da árvore, colhe a parte que precisa e veste a roupa. Domingas da Silva não cobra pelo tratamento mas aceita o que lhe puderem pagar.

### Outras utilizações

Esta planta também é usada em Orango para as dificuldades de parto. Nos restantes países da África Ocidental a espécie tem várias utilizações medicinais e magico-religiosas e por vezes é plantada como sombreadora.



# GUIERA SENEGALENSIS

J.F.GMEL.

COMBRETACEAE

CARERÉ, CARRERE, ERERÓ (BJ);  
BADODOCE, BADÔ-DÔCE,  
BADODOSSO, BADÔSDÔCE,  
BADOSSÔSO, PAUNDOCE (CR)



## Outros nomes

biôcé, bionsi, biussi, iuci (ba); budôssosse (bf); babodos, badosdos, bu-rusu (cs); elóco (fl); fufumuco (fs); elode, guêlodi, helócò, (fu); bisse-nhatam, bissom-aptchom, bitchiante (mc); bissem-antchom, bissilintche, bitchiante (mj); manafenafém, ntáfine (nl); mamakoikoi (ss)

## Hábito e Ecologia

Arbusto que atinge uma altura de cerca de dois metros e meio. Ocorre em floresta aberta e savana arborizada, sendo frequente também em locais perturbados, como pousios. Em Canhabaque obtém-se no mato em regeneração junto às tabancas, sendo fácil de encontrar em qualquer época do ano. Atualmente, a planta é mais abundante, talvez pela maior quantidade de chuvas ao longo do tempo.

## Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

Joaquim Neta referiu a utilização desta planta como contraceptivo e para dores de estômago e, segundo disse, terá inventado a receita com ajuda de Deus, através de um sonho. Quando uma mulher quer parar de ter filhos, utiliza-se a raiz em fresco, que é raspada, picada e fervida em água até ficar cozida, após o que se coa, deixa-se arrefecer e adiciona-se um pouco de cana no remédio. A mulher deve tomar um copo de um quarto de litro de manhã, durante cinco dias.

Para as dores de estômago são usadas as folhas novas, que se mastigam. Engole-se o suco, que faz a dor passar. Este remédio não deve ser usado por mulheres que ainda queiram ter filhos. Joaquim Neta não cobra pelos tratamentos mas aceita qualquer oferta que os doentes lhe tragam.

## Outras utilizações

Em Orango esta planta é usada para tratamento de tosse com febre e para a coceira. A raiz, casca e folhas têm várias utilizações medicinais na Guiné-Bissau, como por exemplo no tratamento de diabetes; os muçulmanos utilizam as folhas no enterro dos cadáveres.

Na África Ocidental esta espécie tem numerosas utilizações de vários tipos, nomeadamente medicinais, cerimoniais e fitoquímicas, sendo também usada para lenha.



# HALLEA STIPULOSA (DC.) LEROY

RUBIACEAE

COBALUMBA, COLALUMBA,  
CUGUMA (BJ); CABOUPA,  
PADJA-DI-EMBRULHA-COLA,  
PÓ-SAGRADO (CR)



## Outros nomes

cófa (ba); pópôe (ff); fafadjambô (md)

## Hábito e Ecologia

Árvore de grande porte, característica dos locais húmidos, ocorre sobretudo em galerias florestais e margens de rios, palmares e também em lalas e bolanhas. Em Canhabaque ocorre no mato junto dos palmares. É pouco abundante mas mantém-se sem grandes alterações nos últimos anos. A planta pode ser colhida durante todo o ano, mas é preferível colher o material de manhã.

## Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

A utilização desta planta foi referida por António Queba para tratamento de dores no corpo, musculares e ósseas, numa receita que aprendeu com o seu pai. Utiliza a casca do tronco, em fresco para casos mais graves e urgentes e após a secagem ao sol para casos de tratamento normal. Após a colheita, raspa-se a parte grossa da casca do tronco, que é de seguida cortada em pequenos pedaços e colocada numa panela com água. Deixa-se ferver até ficar cozida e a água se tornar escura. A casca do tronco também pode ser secada ao sol e conservada num saco para qualquer uso posterior.

O remédio deve ser tomado três vezes por dia: de manhã, ao meio-dia e à tarde. A dose para as crianças é medida com uma colher; os adultos podem tomar um copo de um quarto de litro de cada vez. Como reação este mezinho pode provocar vômitos, mas nem todos os pacientes vomitam, somente aqueles que têm sujidade no estômago. Este curandeiro não costuma cobrar pelos tratamentos, mas às vezes passa mal por isso, porque os donos do mezinho, sempre esperam alguma recompensa.

102

## Outras utilizações

Segundo António Queba há uma árvore sagrada desta espécie onde, sempre que precisa de plantas medicinais para tratar qualquer caso sério, ele vem efetuar uma cerimónia antes de iniciar o tratamento. Através de realização da cerimónia, esta planta sagrada, que não é cortada, pode dar pistas ao curandeiro sobre quais as plantas a utilizar para uma determinada cura.

As folhas são utilizadas na Guiné-Bissau para conservar nozes de cola (*Cola nítida*). Na África Ocidental esta espécie tem várias utilizações registadas, nomeadamente medicinais, cerimoniais, fitoquímicas e no fabrico de artefactos.

103



## JATROPHA CURCAS L.

EUPHORBIACEAE

GHOROK ,NCUMOCUMO (B);

PULGA (CR)



### Outros nomes

n'bacá (ss); pulga (bf); purgueira (pt)

### Hábito e Ecologia

Arbusto que mede até cerca de dois metros de altura, encontra-se nas tabancas ou junto destas. É uma espécie introduzida, originária da América tropical. É fácil de obter e atualmente encontra-se em maior abundância pois é cultivada como sebe viva para vedar os quintais. Pode ser colhida em qualquer altura do ano.

### Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

A utilização medicinal desta planta foi referida por António Queba para a dor de "bridja" nas grávidas, que não conseguem dormir e sentem dificuldade de urinar, numa receita que aprendeu através do seu tio.

Utilizam-se as raízes em fresco, que são raspadas para retirar a casca e cortadas em pequenos pedaços, que são colocados numa garrafa de litro e meio, após o que se adiciona um litro de água limpa e a garrafa é colocada a macerar ao sol. A doente deve tomar meio copo de um quarto de litro do remédio três vezes ou mais por dia, conforme a dor. Como reação o medicamento faz urinar bastante, aliviando assim as dores.

### Outras utilizações

Esta planta está difundida em todo o país, sendo muito utilizada como sebe viva nos quintais. O óleo da semente é usado como purgante em alguns locais da Guiné-Bissau, mas esta utilização deve ser feita com muito cuidado pois este óleo pode ser venenoso em doses relativamente pequenas. Em Orango esta planta é utilizada contra picadas de cobra, como primeiro recurso. A espécie está bastante difundida em toda a África Ocidental, tendo numerosos usos registados.



## MANGIFERA INDICA L.

ANACARDIACEAE

MANGO, PÉ-DI-MANGO (BJ);  
PÉ-DI-MANGO, MANGO-DI-TERRA,  
MANGO-SARALÃO (CR)



### Outros nomes

bumang (bf); mancó (md); mango-sane (pp); mangueira (árvore),  
manga (fruto) (pt)

### Hábito e Ecologia

Árvore plantada habitualmente nas povoações, que atinge 15 a 20 metros de altura. Espécie introduzida e atualmente subspontânea, originária da Índia. É uma planta de fácil acesso, podendo ser colhida em qualquer época do ano.

A utilização medicinal da mangueira foi referida por Domingas da Silva e por Uramiag Teo. Domingas da Silva, em receitas que aprendeu com o seu mestre de Bubaque utiliza a mangueira para tratamento de dores de barriga acompanhadas de diarreia e vômitos e para uma inflamação nas axilas, a que se chama "coramento". Para as dores de barriga utiliza-se a casca do tronco, em fresco, que é raspada, cortada em pedaços pequenos e fervida com água até que a água fique avermelhada. Deve-se tomar o remédio repetidamente, num copo de um quarto de litro até que a diarreia e os vômitos parem. Para o "coramento" das axilas são usadas folhas novas recém-colhidas, que são colocadas no local da inflamação; as folhas devem ser trocadas assim que a dor passar. Domingas da Silva aceita receber qualquer coisa que a pessoa doente lhe queira dar, porque os curandeiros muitas vezes apanham "pancadas" dos mezinhos, quando não cobram os tratamentos.

Uramiag Teo utiliza as folhas e a casca do tronco, em fresco, para tratar mordedura de cobra bida (*Naja nigricollis*), que provoca dores muito fortes no local da picada, numa receita que aprendeu com o seu pai. A casca do tronco é raspada e triturada juntamente com as folhas até se tornar macia e a pasta obtida é amarrada no local da picada até a dor passar, o que pode ser

Utilizações no  
PNMJVP e em  
Canhabaque

106



no mesmo dia ou no dia seguinte. Embora não tenha um preço estipulado para o tratamento, o curandeiro aceita o que o doente puder pagar.

### Outras utilizações

A mangueira é muito frequente em todo o país, sendo os frutos muito apreciados. Também tem outras utilizações medicinais, sendo usada por exemplo contra dores de barriga e em Orango para as dores de dentes. Além de ser cultivada em toda a África Ocidental como fruteira, a mangueira é também usada como ornamental e sombreadora, e tem várias outras utilizações, nomeadamente medicinais e fistoquímicas, sendo a madeira combustível e no fabrico de artefactos



107

**MARGARITARIA  
DISCOIDEA**  
(BAILL.) G.L. WEBSTER  
EUPHORBIACEAE  
GHOSSABA, USSÁ (BJ)



### Outros nomes

queri (ff)

### Hábito e Ecologia

Arbusto ou pequena árvore que ocorre na Guiné-Bissau em floresta aberta, savana arborizada e galerias florestais. Em Canhabaque é obtida no mato em regeneração junto às tabancas, mas é mais rara atualmente devido ao corte de mato para a cultura de pam-pam. Pode ser colhida em qualquer época do ano mas, como durante os meses de Janeiro e Fevereiro as folhas desta espécie caem, é difícil de se obter na época seca.

### Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

Sana Adão Mané, numa receita aprendida por transmissão familiar através do seu pai, utiliza a casca do tronco, em fresco, para o tratamento da bassa das crianças. Esta doença, típica dos bebés e crianças pequenas, tem como sintomas a barriga da criança ficar rija na parte direita e quando se toca na barriga a criança chora. O corpo fica quente, com febre mas as plantas dos pés ficam muito frias e a criança fica sem vontade brincar. É usada a casca do tronco, em fresco, que se tritura no pilão, após o que se coloca num balde com água, tapa-se e deixa-se macerar um pouco durante 20 ou 30 minutos e dá-se para a criança tomar. Os bebés podem tomar o remédio numa colher, de manhã e à tarde; as crianças de dois a cinco anos, podem tomar meio copo de um quarto de litro de cada vez que pedem água para beber, substituindo a água pelo remédio. Como reacção o paciente elimina fezes pretas, mas isto é sinal de estar a eliminar a doença da "bassa". Sana Adão Mané não cobra pelo tratamento, somente ajuda as pessoas.

Domingas da Silva utiliza também a casca do tronco, em fresco, para mulheres com dificuldade em engravidar ou que tenham abortos espontâneos, numa receita que aprendeu com o seu mestre. A casca é raspada, pilada e colocada num frasco de um litro com água que se deixa repousar por um instante, após o que se dá para a paciente beber. Para a dificuldade de engravidar, tomar o remédio no copo de um quarto de litro, duas vezes por dia, manhã e à tarde até que o remédio fique "doce" isto é, quando não sente mais gosto do remédio e depois troca-o e faz um novo preparado. No caso de a mulher engravidar neste período, deve continuar a tomar o remédio até completar um mês de gravidez. Para mulheres com ameaça de aborto, também deve tomar o remédio no copo de um quarto de litro, de manhã e à tarde, durante uma semana. Embora não exija pagamento pelo tratamento a curandeira aceita algum contributo que as pacientes lhe possam dar.

### Outras utilizações

Em Orango a utilização desta planta foi referida para tratamento de problemas neuromusculares, e como antidiarreico e antipalúdico. Na África Ocidental esta espécie tem várias utilizações medicinais e fitoquímicas, e a madeira é usada em carpintaria e fabrico de utensílios.



# MEZONEURON BENTHAMIANUM

BAILL.

CAESALPINIACEAE

IPUT, M'PÔTI, NOPOTE,  
NUPUTA (BJ); FERIDA-PRETO,  
FIDIDA, UNHA-DI-ONÇA (CR)



## Outros nomes

mougue-netempo (ba); humohía (cb); buropod (cs); búrlè (fu);  
solim-n'ganin-ô (md); n'pinkind-zé, pinkit-zé (nl); tchifla (pp);  
tumbebele (ss)

## Hábito e Ecologia

Trepadora lenhosa ou arbusto que ocorre em floresta brenhosa,  
floresta aberta, savana arborizada, palmar e orla de mangal. É  
muito frequente no mato em regeneração junto das tabancas e  
a sua abundância tem-se mantido, sendo fácil de colher durante  
todo o ano.

## Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

A utilização medicinal desta planta foi referida por Domingas  
da Silva, para as dores nos olhos. Aprendeu a receita através de  
um mestre que lhe tinha tratado uma dor de olhos, tendo ela  
então começado também a usar a planta.

Para as dores fortes nos olhos, que ficam inflamados, vermelhos,  
inchados e com ramelas usa-se a seiva do caule, em fresco. Corta-  
se o caule em forma de pedaço de bastão e coloca-se uma das  
extremidades na boca para soprar de forma que a seiva que está  
no bastão possa sair em forma de gotas que se deixam pingar  
nos olhos do doente. Pingar uma gota do remédio em cada  
olho doente, de manhã e à tarde, até ficar curado. Domingas da  
Silva refere que tratou um grande número de pessoas com este  
mezinho quando houve uma epidemia (bento) na sua tabanca.

## Outras utilizações

Esta espécie tem várias utilizações medicinais no país. Os  
rebentos são usados para dores de barriga, a raiz para impotência  
masculina, a raiz e as folhas para feridas de balas e também há  
outras referências à utilização da seiva e folhas para doenças de  
olhos. É também conhecida a utilização desta espécie em outros  
países da África Ocidental, nomeadamente para fins medicinais.



**NEWBOULDIA LAEVIS**  
(P.BEAUUV.) SEEM. EX BUREAU  
*BIGNONIACEAE*

CANHOM, CASSINCONCO, CUSSIPOMPU,  
GHOSSONCONCO (BJ);  
MANDUCO-DE-FETICERO,  
MANDUCO-DI-FUTICERO (CR)  
MANDUCO-DI-FUTUCERO (CR)



**Outros  
nomes**

bugampal (bf); mânduk-difuti-siru (cs); sucúndè (ff); fugumpa (fs); canhómburi (fu); becuape (mj); n'simkété, singèle (nl); angade-tcharre (td); cundjunburum (md)

**Hábito e  
Ecologia**

Arbusto ou árvore que atinge seis a oito metros de altura, ocorre em floresta densa, floresta brenhosa, floresta aberta, savana arborizada e palmar. Em Canhabaque a planta é facilmente obtida em qualquer época do ano e a sua abundância mantém-se.

**Utilizações no  
PNMJVP e em  
Canhabaque**

A utilização medicinal desta planta foi reportada por Manuel Onessa, para tratamento de dores nos olhos, provavelmente conjuntivite, numa receita que aprendeu com o seu pai e o seu Mestre.

Utiliza-se a raiz em fresco, que é raspada, colocada num pano limpo e batida para ficar macia até que liberte suco. Espreme-se então o remédio para pingar gotas nos olhos do paciente. Como reação arde um pouco na vista mas logo a seguir o ardor passa. Embora não cobre pelo tratamento aceita o que o paciente lhe queira oferecer.



112

**Outras  
utilizações**

Esta planta tem outras aplicações medicinais no país. Por exemplo a raiz é usada como abortivo e contra reumatismo e gonorreia. Em Orango as raízes e folhas são usadas contra a febre, sobretudo das crianças. Está também reportada a utilização desta espécie em outros países da África Ocidental, nomeadamente para fins medicinais e mágico-religiosos, sendo a madeira também usada.



113

## OCIMUM GRATISSIMUM L.

LABIATAE

GHOBONGONGO (BJ); DOREDA,  
DORÉDA, MEZINHO-DE-MOSQUITO (CR)



### Outros nomes

Não se conhecem outros nomes vernáculos para esta espécie na Guiné-Bissau.

### Hábito e Ecologia

Pequeno arbusto que atinge um metro e meio de altura, ocorrendo principalmente em locais perturbados e é também cultivado. É uma planta de origem asiática, mas atualmente está difundida em todas as regiões tropicais. Apresenta inflorescência em forma de espiga e tem um cheiro característico e bastante forte. É uma planta que foi sempre abundante ao longo do tempo, sendo fácil de obter em qualquer período e época do ano, mas é mais abundante na época das chuvas.

### Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

Foi referida por Bico Lourenço, que aprendeu a receita através do Mestre Epugha de Uno e através da sua família em casa, para tratamento de constipações e gripes e como repelente de mosquitos e melgas.

Para tratamento de constipação ou gripe utiliza-se toda a parte aérea, em fresco, associada com folhas de limoeiro. As folhas são ferverdas com água, juntamente com as folhas de limão. O doente deve inalar o vapor do mezinho quente, de manhã e à tarde, até que a gripe passe.

Como repelente de mosquitos e melgas, queimam-se as folhas frescas, durante a noite, nos sítios de divertimento (Djumbai) para produzir fumo, que afasta os insetos.

### Outras utilizações

Em Orango esta planta é usada para tratamento de febre sobretudo em crianças e para as dores de cabeça. Na Guiné-Bissau a planta tem várias utilizações conhecidas, nomeadamente medicinais e alimentares, sendo usada para aromatizar bebidas. As duas espécies de *Ocimum* que ocorrem na Guiné-Bissau (*O. basilicum* e *O. gratissimum*) são utilizadas com a finalidade de conservar alimentos em grão, como arroz, feijão e mancarra, protegendo-os dos insetos. São usadas as inflorescências e as sementes secas, que se misturam com os produtos a proteger. Nos restantes países da África Ocidental estas espécies são também largamente utilizadas com fins similares.



## PARINARI EXCELSA

SABINE

CHRYSOBALANACEAE

KANKENOM (FRUTO), NHÊG-CUNEME, UGUENE, UQUENEM, UKENOM, UQUENON (BJ); MAMPATACE, MAMPATÁS, MAMPATASSA, MAMPATAZ (CR) MAMPATASSA, MAMPATAZ (CR)



### Outros nomes

meile, n'djano, pilé, undiano (ba); bussol, mantchoul (fruto) (bf); cura (ff); bionai (fs); cura, curanaco (fu); minquela (mc); mampatá (md); bitchalam, n'tchalame (mj); lút (nl); minquelma (pp); sugé (ss); atchaguisse (td)

### Hábito e Ecologia

Arvore de grandes dimensões, de frutos arredondados e caule rugoso, que atinge 25 metros de altura ou mais. Ocorre na Guiné-Bissau em floresta densa, floresta brenhosa, floresta aberta e palmar. Em Canhabaque é obtida no mato em regeneração, junto às tabancas. É mais abundante na atualidade, porque há regeneração de matos, podendo ser colhida em qualquer época do ano.

### Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

Esta planta foi referida por Nené António Matias, para combate à febre, quando uma pessoa sente temperatura no corpo durante a noite, numa receita que aprendeu através do seu mestre, um homem de Ganogo.

Utiliza-se a casca do tronco, em fresco, que é triturada e misturada com óleo de palma, sendo depois a mistura colocada numa panela para aquecer. O remédio aquecido é colocado num pano em cima de uma esteira onde o doente se deve deitar. O tratamento deve ser feito durante três dias, a partir da hora de ir à cama até ao amanhecer.

### Outras utilizações

Esta planta é usada em Orango para a bassa das crianças e para as dores no corpo. Na Guiné-Bissau tem várias outras utilizações medicinais, sendo usada contra paludismo e contra dores de barriga. O fruto é doce e comestível e antigamente era utilizado como substituto de açúcar, na preparação de papa de arroz ou milho, chamada moni (cr). Os frutos eram fermentados para obter o vinho de mampataz; a madeira é usada em carpintaria e como combustível.

Nos restantes países da África Ocidental esta espécie é também largamente utilizada nomeadamente para fins medicinais, fitoquímicos e alimentares, e a madeira para construção e como combustível.



**PARKIA BIGLOBOSA**  
(JACO.) B.BR. EX G.DON  
MIMOSACEAE

CANHANDO (O FRUTO),  
EM-BANDO, NÁNDU, N'ANDU,  
UNHANDO (BJ); FAROBA, FARÔBA,  
FARROBA, FARROBE (CR)



**Outros  
nomes**

gante, mehanté (ba); biáie, buiái (bf); poroba (cs); caroubier-africain, mimosa-poupre (fr); néré, netch, nétè (fu); olélè, ulélè (mc); nétè (md); ii (nl); olélè, ulélè (pp); néri (ss); anjambane (td)

**Hábito e  
Ecologia**

Árvore, com até cerca de 20 metros, que ocorre em floresta aberta e savana arborizada. Esta espécie não é cultivada mas, dado que tem frutos comestíveis, é frequentemente poupada nas derrubas, sendo relativamente fácil de obter durante todo o ano.

**Utilizações no  
PNMJVP e em  
Canhabaque**

A utilização medicinal desta planta foi referida por Tenha Ansumane para a dificuldade de engravidar por falta de menstruação e para as dificuldades no parto, em receitas aprendidas com o seu mestre. Utiliza-se em ambos os casos a casca do tronco.

Para a dificuldade de engravidar, a casca é fervida com água até ficar cozida, devendo a paciente beber o líquido.



Para tratamento da mulher com dificuldades durante o parto, tritura-se a casca do tronco, coloca-se em água e dá-se à doente para beber. Sobre a retribuição pelo tratamento Tenha Ansumane afirma que ainda não está na altura de cobrar.

**Outras  
utilizações**

Esta árvore é bastante utilizada em todo o país. Os frutos são comestíveis e bastante nutritivos, sendo inclusivamente comercializados a nível da sub-região. Também tem várias aplicações medicinais, nomeadamente como antidiarreico, para tratamento de dores de dentes e furúnculos e para inchaços e fraturas.

Esta é uma planta largamente utilizada pelas populações em toda a África Ocidental, principalmente na alimentação humana, mas também na alimentação animal, na medicina tradicional e a madeira como combustível e material de construção.



**PILIOSTIGMA THONNINGII**  
(SCHUMACH. & THONN.)  
MILNE-REDH.

CAESALPINIACEAE

CANNA, EBALGUDA, EBÁLUGUDA,  
EBUEL-UDA, EPACO, EPAMÁMBO,  
EPANDANDO, NEPANRAMBU (BJ); FARÁ,  
PANO-DI-CANCURAM, PANU-DI-KANKORA,  
PATA-DI-BACA (CR) FARÁ,  
PANO-DI-CANCURAM ,  
PANU-DI-KANKORA (CR)



**Outros  
nomes**

boã, mansonca, mansanca, pouúnquè (ba); fará, bufará (bf); budandepe, bupande (fs); baiqué, bárquè, barquedje, barqueiê, bongué, fará (fu); fará (md); impukui, m'bukui mukui (nl); n'tangré, n'toncre, untoncre (pp)

**Hábito e  
Ecologia**

Pequena árvore que atinge 8 a 10 metros de altura. Ocorre no país em floresta aberta, savana arborizada e palmar. Em Canhabaque pode ser obtida no mato em regeneração junto às tabancas, sendo fácil de obter durante todo o ano, mas é preferível colhê-la de manhã ou à tarde.

**Utilizações no  
PNMJVP e em  
Canhabaque**

A utilização medicinal desta árvore foi referida por Tenha Ansumane e por António Queba, em ambos os casos é utilizada a casca do tronco, em fresco, para a tosse.

Segundo Tenha Ansumane, que aprendeu a receita com o seu mestre, corta-se a casca do tronco em pedaços pequenos, ferve-se com água até ficar cozida, deixa-se esfriar e dá-se a beber ao doente. O remédio é tomado num copo de um quarto de litro, de manhã e à tarde, durante 3 dias. O doente deve deitar-se de barriga para baixo ao tomar remédio, devendo ficar nesta posição durante uns três minutos.

António Queba, que aprendeu a receita através do seu pai utiliza também a casca do tronco para a tosse seca, sem expetoração. A casca fresca é raspada, cortada em pedaços e fervida com água até que a água da fervura fique avermelhada, após o que se coa e se dá para o paciente tomar.

Os adultos tomam o remédio três vezes por dia num copo de um quarto de litro e as crianças podem tomar três colheres de sopa ao dia, de manhã, ao meio-dia e à tarde. Para as crianças coloca-se um pouco de açúcar no remédio. Como reação o remédio pode baixar a temperatura do corpo do doente.

**Outras  
utilizações**

Em Orango as raízes desta planta são usadas no tratamento da diarreia. Esta planta tem várias outras utilizações na Guiné-Bissau. A casca é cicatrizante e anti-hemorragica, é usada para tratar hemorroidas e dores de coração e as folhas são utilizadas contra prisão de ventre, pedras dos rins e doenças venéreas. A entrecasca é utilizada no fabrico de pano-di-cancuram para as cerimónias de fanado e na confeção das saias típicas das mulheres bijagós. O fruto também é queimado para obter a cinza que entra no processo de fabrico de sabão preto e na preparação de tabaco em pó.

Nos restantes países da África Ocidental, a espécie tem numerosas utilizações reportadas, principalmente na medicina tradicional mas também fitoquímicas e magico-religiosas e a madeira como combustível e no fabrico de utensílios.



**PSYCHOTRIA  
PEDUNCULARIS**  
(SALISB.) STEYERM.

RUBIACEAE

COBODO, CUBEDÔ, GHUPUGHE,  
NOBONODO (BJ); COMIDA-DE-SANTCHO,  
PO-DI-BRAS (CR)



**Outros  
nomes**

masnebissongró (= medicamento dos Bijagós) (ba); m'tokoi,  
rutabanfataque (nl)

**Hábito e  
Ecologia**

Pequeno arbusto que pode atingir um metro e meio de altura, frequente nos locais ensombrados debaixo das árvores. Ocorre na Guiné-Bissau principalmente em floresta densa, floresta aberta e palmar, sendo em Canhabaque obtida no mato em regeneração junto às tabancas, onde é frequente. Pode ser colhida em qualquer altura do ano e é preferível ser colhida nos períodos de manhã e ao fim da tarde.

Esta é uma das plantas mais utilizadas na medicina tradicional bijagó. Em Canhabaque foi referida por cinco curandeiros para várias doenças. Agostinho Sandé, que aprendeu a receita com o seu mestre, usa a raiz em fresco para a dor de barriga com diarreia, em particular quando a dor da barriga ataca repentinamente no mato. Raspa-se a raiz, mastiga-se e engole-se o suco. Também se pode raspar, cortar e colocar em água fria ou em alternativa ferver e tomar o remédio. Neste caso toma-se um cálice por dia, durante dois dias e a dor passa. Em caso de urgência é só pedir a autorização e colher, nos casos normais leva tabaco pilado para agradecer, pedir desculpas e colher a parte necessária. Não cobra o tratamento, depende do paciente.

Alberto Montiadador, que afirma ter inventado as receitas por inspiração divina, usa as folhas e as raízes em fresco para o tratamento de fraturas, nomeadamente quando alguém cai de uma palmeira ou de qualquer árvore e para as mordeduras de cães. No tratamento das fraturas usam-se as folhas frescas fervidas com água, que é depois utilizada para fazer massagens no local da fratura e para o doente tomar banhos quentes com o remédio, duas vezes por semana até ficar curado, em geral durante um a dois meses.

Utilizações no  
PNMJVP e em  
Canhabaque

122

Para as mordeduras de cães é usada a raiz em fresco, que é raspada, retirando-se a casca interior, picada ou triturada e misturada com óleo palma. Aquece-se a pasta obtida no fogo e amarra-se no local da mordedura do cão, uma só vez. Este curandeiro cobra 50.000 FCFA pelo tratamento de fraturas, mas quase ninguém paga.

Joaquim Neta usa as folhas para as dores de estômago, que dói e arde, tendo o paciente dificuldade em respirar, numa receita que inventou por inspiração divina. As folhas frescas são bem lavadas e fervidas com água até ficarem cozidas. O doente deve tomar o remédio deitado de barriga para baixo, levanta a cabeça um pouco e toma o remédio, aguarda um instante naquela posição e levanta-se. Repete-se o processo duas vezes por dia, durante quatro dias. Os adultos tomam um copo de meio litro e as crianças também podem tomar a mesma medida, conforme a quantidade que conseguirem beber. Joaquim Neta não cobra o tratamento, depende do que paciente lhe possa oferecer.

Queba Sintra usa também a raiz em fresco para tratar picada de raia, que é forte e provoca muita dor, numa receita que aprendeu com o seu pai. A raiz é raspada e pelada, após o que é mastigada e a pasta obtida é amarrada no local da picada. Aplica-se o remédio na ferida uma vez por dia, no período da manhã, até o doente ficar curado. Cobra 3.000 FCFA depois do tratamento mas os casos de picada de raia são raros e muitas pessoas já conhecem o remédio. Tenha Ansumane usa as raízes e folhas em fresco para tratamento da diarreia forte e constante, em receita aprendida com o seu mestre. Misturam-se as raízes e folhas, fervem-se com água e dá-se para o doente tomar. O remédio é tomado num copo de um quarto de litro, de manhã e à tarde, até que a diarreia pare. É utilizada também para tratamento de dores de barriga repentinas.

**Outras  
utilizações**

É usada em Orango para várias finalidades: como calmante para doentes com problemas de coração, palpitações e tensão alta, para mordedura de cobra e para desintoxicação e preventivo de venenos ingeridos. Há ainda vários outros usos desta planta conhecidos na Guiné-Bissau, como por exemplo contra o paludismo e a prisão de ventre; os felupes usam a raiz para "cortar o vinho" quando estão embriagados. Há algumas utilizações medicinais desta planta reportadas para outros países da sub-região.



123

**PSYDRAX PARVIFLORA**  
(AFZEL.) BRIDSON  
RUBIACEAE  
GHODENACÓ (BJ)



Outros  
nomes

Não se conhecem outros nomes para esta planta na Guiné-Bissau

Hábito e  
Ecologia

Arbusto que atinge três a quatro metros de altura, ocorre principalmente em floresta aberta e margens de rios. Em Canhabaque é obtido no mato em regeneração perto das tabancas.

Utilizações no  
PNMJVP e em  
Canhabaque

A utilização medicinal desta planta foi referida por Agostinho Sandé para tratamento de dores no corpo, com febre e dores musculares, numa receita que aprendeu por transmissão familiar. Utilizam-se as folhas e a casca do tronco, em fresco. As folhas são ferverdas em água até cozerem, após o que se deixa arrefecer até a água ficar morna, para o doente tomar banho. A casca do tronco é triturada no pilão e colocada num balde com água fria, que se deixa repousar um pouco para o doente tomar banho com o remédio. Em ambos os casos, tomar banho com o remédio de manhã e à tarde, durante três a quatro dias ou até o doente ficar melhor. Segundo Agostinho Sandé, ao trocar o remédio não se deve deixar o resto num sítio quente, mas sim deitar num local com sombra. Pode-se também associar a este mezinho folhas de *Uvaria chamae* e *Cassia sieberiana*. O curandeiro não cobra pelo tratamento mas, dependendo do paciente, aceita o que lhe queiram oferecer.

Outras  
utilizações

Há referência a algumas outras utilizações medicinais e alimentares desta planta em África, bem como da utilização da madeira.

124

125



**PTEROCARPUS  
SANTALINOIDES**

L'HÉR. EX DC.

FABACEAE

UBONTONTO,( BJ),

MANGANTEM (CR)



**Outros  
nomes**

dêssa, dessáha, déxa (ba); antante, benganta (bf); ebontonton (bj); mangantem (cr); djégo (ff); djecudjecumádje, d'jega, d'jego, mangantum,(fu); nitichiba, n'tisebá, sibá (nl)

**Hábito e  
Ecologia**

Arbusto ou árvore, em galerias florestais, palmar, margens de rios e lagoas e charcos temporários; também em bolanhas

**Utilizações no  
PNMJVP e em  
Canhabaque**

Referida por Uramiag Teo, numa associação com *Vernonia colorata* para tratamento de mulheres com dificuldades de engravidar, em receita que aprendeu através do seu pai. Uramiag Teo utiliza as raízes em fresco, que são raspadas, cortadas em pedaços colocadas numa garrafa com água, juntamente com raízes de *Vernonia colorata* (ghudacó, bj; sucumadera, cr) tratadas da mesma forma e colocadas numa garrafa que se agita para misturar bem. No primeiro dia de tratamento, o marido ou parceiro deve tomar o remédio no copo de "uarga", no período da tarde antes de ir para cama e a mulher deve tomar a mesma medida do remédio. Na manhã seguinte, o homem e a mulher tomam outra dose do remédio cada um. Depois somente a mulher continuará a tomar o copo de "uarga" de manhã e à tarde, durante quatro dias consecutivos. Se a barriga da mulher estiver "suja", o remédio pode provocar diarreia, mas depois de limpar a barriga a mulher engravida. Uramiag Teo não cobra pelo tratamento mas aceita alguma retribuição, dependendo das possibilidades do paciente.

**Outras  
utilizações**

Esta planta tem outras utilizações conhecidas no país: as sementes são comestíveis e os caules são usados na medicina tradicional. Na África Ocidental a planta tem também várias utilizações conhecidas, nomeadamente medicinais, fitoquímicas, alimentares e magico-religiosas, sendo a madeira também usada.



**SANSEVIERIA  
SENEGAMBICA BAKER**  
DRACAENACEAE  
CALOCA (BJ)



**Outros  
nomes**

boia-dabo (fl); bassatá (fs); bôcò-fèto (fu); lacom-ô, nhaucom-ô (md); n'cópè (pp)

**Hábito e  
Ecologia**

Erva perene de folhas carnudas e fibrosas, que ocorre em floresta densa, floresta aberta, savana arborizada, palmar e orla do mangal. Segundo Manuel Onessa, em Canhabaque a planta é obtida junto à tabanca, sendo relativamente fácil de colher em qualquer época do ano. Também pode ser plantada e parece ser mais abundante atualmente.

**Utilizações no  
PNMJVP e em  
Canhabaque**

Esta planta foi referida por Manuel Onessa para tosse seca sem expetoração, em receita que aprendeu com o seu mestre. Utilizam-se os rizomas em fresco, que são raspadas, cortadas em pedaços e fervidas com água. No entanto, em caso de urgência pode-se simplesmente raspar, cortar em pequenos pedaços colocar numa garrafa com água e dar a beber ao doente. Deve-se tomar o remédio três vezes por dia, num copo de um quarto de litro, durante quatro dias. O doente deve beber o mezinho deitado de barriga para baixo ("m'borcado"). Como reação o remédio provoca vômito fazendo o doente tossir para expulsar o catarro ou expetoração.

**Outras  
utilizações**

Esta planta tem outras utilizações conhecidas na Guiné-Bissau. As mulheres fazem tranças com fibras das folhas; as folhas raspadas misturadas com "fussunei" (*Alchornea cordifolia*) utilizam-se para fazer crescer o cabelo. Na África Ocidental as fibras das folhas desta planta são bastante utilizadas e é usada também para fins medicinais e mágico-religiosos e no fabrico de artefactos.



## SARCOCEPHALUS LATIFOLIUS

(SM.) E. A. BRUCE

RUBIACEAE

CANHAMINHA, ENHAMUGHUNÉ (BJ);

CABOUPA, MADRONHA,

MADRONHO,

TAMBACUMBA-DE-SANTCHO (CR)



### Outros nomes

cunhe, ptehén'tugudu, tehé-intogudê, tètúgde (ba); bugulbá (bf); canhame (bj); bacoré, cóile, condé, obacoré, naude-puthu, naudó-putcho (fu); m'nafo-ucon, nafum-cone (mc); bati-forô, fafadjambô (md); benau-utchata (mj); bopánicam, ofêde, ópanica (pp)

### Hábito e Ecologia

Arbusto com até cinco metros de altura ou liana. Na Guiné-Bissau ocorre em floresta densa, floresta aberta, galerias florestais, palmares, lalas e margens de rios e de lagoas. Tem frutos arredondados, que são comestíveis. Em Canhabaque a planta é obtida junto às tabancas sem grande dificuldade, podendo ser colhida em qualquer época do ano.

### Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

Esta planta foi referida por José Martinho, para as mulheres com dificuldade de engravidar, em receita que aprendeu com o seu mestre, e por Queba Sintra para dores nos olhos e para a limpeza do sangue das mulheres pós parto, tendo aprendido as receitas através do seu pai.

José Martinho usa as raízes em fresco, que são raspadas e fervidas com água. A paciente deve tomar meio litro do mezinho todas as manhãs, durante sete dias. Como reação ao remédio a paciente pode enjoar e ter vômitos; para evitar o vômito deve lamber limão de cada vez que tomar o remédio. No último dia, a paciente remove uma faixa de pano que manteve amarrada na barriga, após o que se corta raiz de *Bridelia micranta* (untague, bj; bissaca, cr) e se ferve até ficar cozida. Com a água deste mezinho cozinha-se uma galinha inteira com o arroz suficiente para duas pessoas, que deve ser comida somente pela mulher e seu parceiro, não deixando nada sobrar. Depois do tratamento a paciente deve pagar, 15.000 FCFA, um pano e uma galinha, totalizando cerca de 17.000 FCFA.

130

### Outras utilizações

Esta planta tem várias utilizações na Guiné-Bissau; as infrutescências são comestíveis; a raiz, casca e folhas têm várias utilizações medicinais. Esta planta tem numerosas utilizações registadas na África Ocidental, nomeadamente medicinais, alimentares, fitoquímicas e na alimentação animal.



Queba Sintra utiliza as raízes e as folhas em fresco. As folhas são fervidas com água que, ainda morna, é usada para lavar a cara quando se tem dores nos olhos e é usada também para o banho de limpeza do sangue da mulher pós-parto. Neste caso usam-se ainda as raízes, que são raspadas, cortadas em pedaços e fervidas com água, que se dá para a mulher beber.

No tratamento de dor nos olhos, lavar a cara de manhã e à tarde até ficar melhor. Para tratamento da mulher pós-parto, tomar banho com água quente das folhas fervidas de manhã e à tarde e beber o mezinho elaborado com as raízes num copo de um quarto de litro de cada vez que sente sede, até que o cordão umbilical do bebé caia. Depois disso, pode diminuir a dose, passando a tomar um copo de um quarto de litro três vezes por dia. Cada tratamento custa 2000 ou 2500 FCFA.

131



## SENNA PODOCARPA

(GUILL. & PERR.) LOCK

CAESALPINIACEAE

ECEPO, EBUACA, ESSENFUEDANCO,  
ESSENQUEDANCO, NECEPÓ,  
NEGONOGHATE-OREBOC, NICHANÓ,  
NISSANO, NISSANO-NO-ORONHO (BJ);  
PALHA-SANTA, PLANTA-DI-REGULO (CR)



### Outros nomes

m'panté (ba); ridjame, sindjouel (fu); djandjam-cafae (md); beuroque (pp)

### Hábito e Ecologia

Arbusto de flores amarelas que atinge cerca de dois metros de altura, introduzido e cultivado junto às tabancas, mas que atualmente ocorre também em floresta aberta, galerias florestais e palmares. É uma planta importante e muito utilizada em tratamentos e rituais, por exemplo nas portas das balobas e para lavar os defuntos durante as cerimónias da baloba. Pode ser colhida em qualquer altura do ano, principalmente na época das chuvas, mas não é cortada de qualquer maneira. Na época seca tem tendência a desaparecer mas se for regada pode manter as folhas todo o ano. Para alguns curandeiros é uma espécie relativamente difícil de obter, no entanto é em geral considerada mais abundante atualmente e regenera facilmente. Segundo António Quebá pode ser colhida em qualquer período do ano, mas é preferível ser colhida de manhã cedo, exceto casos de muita urgência, e nesse caso pode-se pedir perdão à planta por ter ido fora da hora adequada da colheita.

### Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

Esta é uma das plantas mais utilizadas na medicina tradicional Bijagó. Foi referida por seis curandeiros para tratamento de várias afeções, nomeadamente prisão de ventre, impintcho e mordeduras de cobra.

A utilização como purgante para a prisão de ventre com dores de barriga foi referida por Agostinho Sandé, Alberto Montador, Joaquim Neta e Tenha Ansumane, em receitas aprendidas por transmissão familiar ou com mestres. Usam-se em geral as folhas, em fresco, que são lavadas e fervidas com água até ficarem cozidas, adicionando-se também um pouco de sal. As doses variam um pouco segundo os curandeiros.

132

Agostinho Sandé e Joaquim Neta recomendam que um doente adulto tome um copo de um quarto de litro de manhã, durante dois dias; no caso das crianças devem tomar metade da dose. Segundo Alberto Montador os adultos tomam meio copo de quarto de litro e as crianças tomam duas colheres de sopa do mezinho, uma só vez. Tenha Ansumane refere uma dose de um litro numa única toma e, segundo este curandeiro, este mezinho também pode ser usado para limpar a barriga das mulheres que querem engravidar. Como reação este mezinho pode provocar diarreia.

Para tratar “impintcho” Agostinho Sandé usa as folhas em fresco, que são trituradas e colocadas em água. O líquido coado é usado para preparar uma comida com base em arroz, onde é adicionado óleo de palma, que se dá para o doente comer.

António Queba usa as folhas em fresco para tratamento da picada de cobra bida, que provoca dores fortes no local da picada. As folhas são trituradas no pilão até ficarem em pasta, que se espreme para pingar líquido na picada, após o que se amarram as folhas piladas no local, misturadas com óleo de palma. O remédio é mudado inicialmente uma vez por dia, repetindo assim duas vezes e depois passa a mudar-se de dois em dois dias até o doente ficar melhor. Como reação, no início da aplicação do remédio o doente sente dores mais fortes por um instante, que depois passam. José Martinho usa também a raiz triturada para picadas de cobra mas, no caso de não se saber em concreto que tipo de cobra foi, adiciona também raiz de *Uvaria chamae* (banana-santcho, cr). O remédio é amarrado no local preciso da picada e trocado no dia seguinte.

### Outras utilizações

Na Guiné-Bissau as folhas são usadas nomeadamente pelos régulos em cerimónias rituais. Na ilha de Orango a espécie foi referida por vários curandeiros para tratamento das mulheres com dificuldades de engravidar e para a prisão de ventre. Na África Ocidental a planta tem também várias utilizações registadas nomeadamente medicinais e fitoquímicas.



133

**SMEATHMANNIA  
LAEVIGATA**  
SOLAND. EX R.BR.  
*PASSIFLORACEAE*  
EDJERÊ, EPABANNÉ (BJ)



Outros  
nomes

upelelè (dj); bugue (pp)

Hábito e  
Ecologia

Arbusto, em floresta densa, floresta aberta, savana arborizada, galerias florestais e palmar. Em Canhabaque a planta é obtida no mato em regeneração, podendo ser colhida em qualquer período do ano e não é rara.

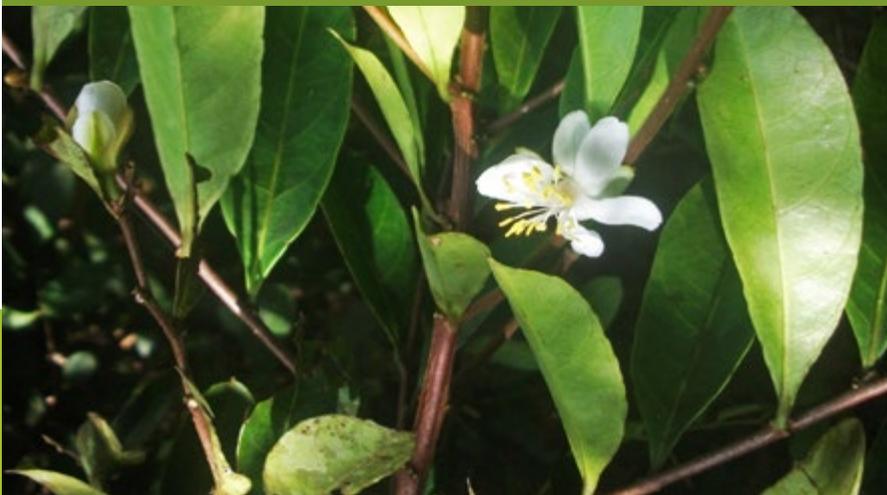
Utilizações no  
PNMJVP e em  
Canhabaque

A utilização medicinal desta planta foi referida por Nenê António Matias, para dores de barriga das grávidas, em receita que aprendeu com um mestre de Ganogo.

Usam-se os ramos com folhas, em fresco, que são cortados em pedaços e fervidos com água, após o que o mezinho é coado quando o líquido ainda estiver morno. A doente deve tomar o mezinho num copo de quarto de litro, duas vezes por dia, de manhã e à tarde.

Outras  
utilizações

Não se conhecem outras utilizações no país, mas na África Ocidental a planta tem algumas outras utilizações medicinais.



134



135

## SPONDIAS MOMBIN L.

ANACARDIACEAE

NEGAE, OGÁE, UDJALI,  
UGAI (BJ); MANDIPLE (CR)



### Outros nomes

p'sale, sale, samé (ba); budjábual (bf); báfôssé (fruto), upôssé (planta) (cb); mandipul (cs); bujendendem (fs); prunes-mombin (fr); tchálè (fu); n'pela, umpela (mc); nincom-ô (md); pilme (mj); n'pilo, umpilo (pp)

### Hábito e Ecologia

Árvore ou arbusto em floresta aberta, savana arborizada, galerias florestais e palmar. Pode ser cultivada, sendo plantada como sebe viva, e não é rara, podendo-se obter durante todo o ano.

### Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

Domingas da Silva utiliza as folhas desta planta para as inflamações nos olhos, que causam dores fortes, vermelhidão e inchaço, com formação de ramelas, numa receita que aprendeu com uma pessoa amiga.

As folhas, em fresco, são trituradas e colocadas num pano limpo, que se espreme para fazer pingar gotas de suco nos olhos do doente: Depois disso, coloca um pouco de água num recipiente



136

### Outras utilizações

e deita as folhas trituradas na água. O paciente lava a cara com o líquido do remédio preparado com água. Embora não cobre pelo tratamento Domingas da Silva aceita o que lhe possam pagar, dependendo das possibilidades do doente. Tratou muitas pessoas com este mezinho quando houve uma epidemia (bento) desta doença na sua tabanca.

Esta planta é usada em todo o país; o fruto é comestível, a madeira é usada como combustível e material de construção e é também usada na medicina tradicional. Nos restantes países da África Ocidental há numerosas utilizações reportadas para esta planta, nomeadamente medicinais, alimentares, fitoquímicas e mágico-religiosas.



137

# TERMINALIA MACROPTERA

GUILL. & PERR.

COMBRETACEAE

UQUREDJO, UQUEDJO (BJ);

KARKONE, MACETE, MACITE, MASSITE (CR)



## Outros nomes

fadi (ba); bulofôr (bf); djamba-catam (ff); bóde, bói (fu); bolóbô (mc); hólô-fôro (md); betáli, betcháli, betèlèdje, braqui, têlêjê (mj); n'kone (nl); n'túlám, untulam (pp)

## Hábito e Ecologia

Árvore com até cerca de 15 metros de altura. Ocorre na Guiné-Bissau em floresta aberta, savana arborizada e margens de lalas. Em Canhabaque é obtida sobretudo nos matos em regeneração, podendo ser colhida em qualquer época do ano e não é considerada rara.

## Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

Joaquim Neta utiliza a casca do tronco e a raiz desta planta, em fresco, para tratamento de problemas nos olhos, que ficam vermelhos e com dores fortes, quase não conseguindo o doente ver bem, com lágrimas a caírem e em que começa a formar-se uma mancha branca nos olhos ("blina"). Segundo afirma, inventou a receita com ajuda de Deus, através de um sonho.



138

## Outras utilizações

A casca do tronco ainda fresca é raspada, picada em pedaços e fervida com água até ficar cozida, após o que se deixa esfriar para o doente lavar a cara. A raiz também é raspada e aproveita-se a casca interna, que é triturada adicionando-se um pouco de água. A pasta obtida é colocada num pano limpo, espreme-se para uma casca de "combé" e pinga-se o remédio nos olhos doentes. Para tratamento primeiro lava-se a cara com o remédio e em seguida pinga-se uma gota em cada olho afetado, de manhã e à tarde até o doente ficar melhor. Joaquim Neta não cobra pelo tratamento, depende do que o paciente lhe quiser oferecer.

Em Orango foi referido o uso das folhas e da casca do tronco para tratamento das mulheres grávidas com hemorragias e para tratamento de dores no corpo. Esta planta é largamente utilizada na medicina tradicional na Guiné-Bissau, por exemplo contra "febre-amarela" (provavelmente icterícia) e "coceira", como diurético, antitússico e antipalúdico e em doenças venéreas. Há igualmente várias utilizações, nomeadamente medicinais e fitoquímicas, registadas na África Ocidental, bem como da madeira para construção e combustível.



139

# TRICHILIA PRIEURIANA

A. JUSS.

MELIACEAE

CUDACO, NANA, NEQUENO (BJ)



## Outros nomes

cudaco (fl); djambadjilom, quibiricarre (fu); benkar (nl); bugondjôle (pp)

## Hábito e Ecologia

Árvore que atinge alturas até 15 a 20 metros. Na Guiné-Bissau ocorre em floresta densa, floresta aberta, galerias florestais e palmar. Em Canhabaque a planta pode ser encontrada junto às tabancas. Segundo António Quebá pode ser obtida em qualquer época do ano, mas é preferível colhê-la na época seca, pois assim o remédio fica mais forte.

## Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

Esta planta foi referida por Alberto Montador para dores lombares, e afirma ter inventado a receita por inspiração divina, e por António Queba, Manuel Onessa e Tenha Ansumane para tratamento da picada de cobra cacuba, em receitas que aprenderam com mestres ou por transmissão familiar.

Alberto Montador, para dores lombares ou de "pontada" utiliza as folhas em fresco, que são trituradas com as mãos e aplicadas nas costas do doente, após as ter massajado com óleo de palma, sendo de seguida o local amarrando com um pano. O tratamento é feito dia sim, dia não e no terceiro dia do tratamento o paciente já estará bem. Dependendo do doente, cobra 500 ou 1.000 FCFA pelo tratamento.

No tratamento da picada de cobra cacuba usa-se a casca do tronco, em fresco, que é triturada no pilão e colocada num recipiente com água limpa, que depois se coa para o doente beber.

Segundo os três curandeiros que reportaram a receita é importante que o doente beba bastante quantidade do mezinho até começar a vomitar, pois assim expulsa o veneno da cobra. Após o doente começar a vomitar pode-se reduzir a dose e a frequência de toma do mezinho.

Segundo António Queba, quando alguém é picado pela cobra cacuba fica imobilizado e não consegue fazer nada, o curandeiro consegue saber que é picada de cacuba, através do cheiro pois uma pessoa picada por esta cobra sente dificuldade em falar.

Manuel Onessa refere também que o doente não fica concentrado, não se queixa de nenhuma dor. O curandeiro percebe que é picada de cacuba através do comportamento do doente e se for dado o mezinho logo reage com vômitos. Se for um simples acidente de picada de cobra o doente vomita logo depois de tomar o remédio. No entanto se for caso de guerra (feitiço) pode não reagir com vômito. Nesse caso deve-se fazer o tratamento com outra planta, *Erythrina senegalensis* (cunsero, bj; dolin, cr), misturada ainda com uma pequena liana de cujo nome não se recordou no momento.

Os curandeiros não cobram pelo tratamento, mas aceitam alguma oferta do doente se o tratamento resultar.

## Outras utilizações

A utilização medicinal desta planta contra as mordeduras de cobra é referida também noutros locais da Guiné-Bissau, nomeadamente em Orango. Nos restantes países da África Ocidental há também várias utilizações desta planta reportadas, nomeadamente medicinais e mágico-religiosas, bem como o uso da madeira.



## UVARIA CHAMAE

P.BEAUV.

ANNONACEAE

AINQUE, EDJOTCHOTCHE (BJ);

BANANA-SANJO,

BANANA-SANTCHU (CR)



### Outros nomes

búurtchi (bf); fudia (fs); qélè-bálé, qélè-bálei, quelibaledje (fu); begundja, bogunha, bugunha (mc); sambafim-ô, sambafiom, sambefim (md); begundja, bogunha, bugunha (mj); n'pinde (nl); gúndjê (pp); mourandá (ss)

### Hábito e Ecologia

Arbusto com dois a quatro metros de altura ou liana, cujos frutos são comestíveis. Ocorre principalmente em floresta aberta e savana arborizada.

Em Canhabaque pode ser colhida em qualquer época do ano, no mato em regeneração junto às tabancas. A sua abundância mantém-se e regenera facilmente.

Esta planta foi referida por Alberto Montiador para afastar demónios, em receita que ele próprio inventou, e por Tenha Ansumane, para dores de cabeça fortes, em receita que aprendeu com o seu mestre.

Segundo Alberto Montiador, quando alguém fica possuído por demónios tem um comportamento descontrolado, fala sem sentido e sofre ataques tipo epilepsia, o que pode ocorrer em todas as idades, mas principalmente nas crianças. Nestes casos, usa as raízes e folhas desta planta. Tritura as folhas com as duas mãos, junta um pouco de água e sal no mezinho e em seguida coloca as folhas trituradas no nariz do paciente, para inalar o cheiro. Por outro lado, raspa a casca externa da raiz com uma faca ou catana, tritura a casca interna com as mãos, adiciona um pouco de água e coloca também no nariz do paciente, segurando-o para não reagir. O tratamento é feito em geral uma só vez e logo o diabo liberta o paciente. No entanto, caso o triturado das folhas não dê bons resultados, aplica-se o triturado das raízes.

Tenha Ansumane utiliza as raízes para tratamento de dores de cabeça fortes e constantes.

### Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

142



Raspa-se e corta-se a raiz em pequenos pedaços, que são triturados juntamente com limão ainda verde. O tratamento consiste em pingar gotas do remédio no nariz e nas orelhas do paciente, de manhã e à tarde, durante dois dias. Suspende o tratamento quando o paciente se sentir melhor. O remédio arde no nariz, mas passa logo.

### Outras utilizações

Na Guiné-Bissau esta planta tem várias utilizações: o fruto é comestível, as folhas são usadas contra tosse convulsa, dores de ventre, hemorroidas e feridas e são também utilizadas para dobrar tabaco. Em Orango a planta é utilizada para picadas de cobra bida, para problemas de maus espíritos e para dores de cabeça e gripes. Há também várias utilizações medicinais, fitoquímicas e alimentares referidas para outros países da África Ocidental.



143

## VERNONIA COLORATA

(WILLD.) DRAKE

ASTERACEAE

GHUDACÓ (BJ); PÓ-DE-SABOM,  
SUCUDERA, SUCUMADERA (CR)



### Outros nomes

dafuy (cs); bantarabururé, nabi (fu); bantara-bururé, nabicôssô, nebicôso (md); benitaha, umpimpia (mj); n'konkon (nl); pampae-gôfe (pp)

### Hábito e Ecologia

Arbusto com até cerca de dois metros de altura, que ocorre principalmente em floresta aberta, savana arborizada e orla de mangal, mas também em locais perturbados. Em Canhabaque é obtida na lala, junto das tabancas.

Esta planta é usada por Tenha Ansumane, para dores no corpo, em receita aprendida com o seu mestre e por Uramiag Teo para as mulheres com dificuldades de engravidar, em receita que aprendeu através do seu pai.

Tenha Ansumane, para os casos em que o paciente apresenta dores musculares, no corpo inteiro, usa as raízes secas ao sol e as folhas em fresco. As folhas são fervidas com água até cozerem e o doente toma banho com o remédio morno, de manhã e à tarde, até ficar melhor. As raízes também são fervidas com água até ficarem cozidas e dá-se a beber ao doente, num copo de quarto de litro de manhã e à tarde, durante três a quatro dias. Neste tratamento as folhas desta planta podem ser misturadas com as folhas de *Cassia sieberiana* (canafistra, cr) e as raízes podem ser misturadas com as raízes secas ao sol de canafistra. Para as mulheres com dificuldade em engravidar, Uramiag Teo utiliza as raízes em fresco, que são raspadas, cortadas em pedaços colocadas numa garrafa com água, juntamente com raízes de *Pterocarpus santalinoides* (ubontonto, bj) tratadas da mesma forma, agitando a garrafa para misturar bem. No primeiro dia de tratamento, o marido ou parceiro deve tomar o remédio no copo de "uarga", no período da tarde antes de ir para cama e a mulher deve tomar a mesma medida do remédio. Na manhã seguinte, o homem e a mulher tomam outra dose do remédio cada um.

Utilizações no  
PNMJVP e em  
Canhabaque

| 44



Depois somente a mulher continuará a tomar o copo de "uarga" de manhã e à tarde, durante quatro dias consecutivos. Se a barriga da mulher estiver "suja", o remédio pode provocar diarreia, mas depois de limpar a barriga a mulher engravida. Uramiag Teo não cobra pelo tratamento mas aceita alguma retribuição, dependendo das possibilidades do paciente.

### Outras utilizações

Na Guiné-Bissau as folhas maceradas são usadas para tratar a sarna. Esta espécie tem várias utilizações noutros países da África Ocidental, nomeadamente medicinais, magico-religiosas e fitoquímicas.



| 45

## VITEX DONIANA

SWEET

LABIATAE

N'BUMBO, UBUMBO, UBUNVO,  
UDUMÚ (BJ); AZEITONA-PRETO,  
CETONA, CETONA-PEQUENO,  
CETONA-PRETA (CR)



### Outros nomes

múni, múri (ba); bugúa (planta), mangúa (fruto) (bf); bujinke (dj); prunier-noir (fr); búmé (fu); cutóbulo, cutubulô (md); bessápale, munsopane (mj); gúa (pp)

### Hábito e Ecologia

Árvore com até 15 a 20 metros de altura ou arbusto, em floresta aberta, savana arborizada, galerias florestais e margens de rios e lalas. Em Canhabaque a planta é obtida no mato em regeneração situado junto às tabancas. É relativamente fácil de obter em qualquer época do ano, sendo mais abundante atualmente porque há regeneração de matos.

### Utilizações no PNMJVP e em Canhabaque

Manuel Onessa, em receita que aprendeu através do seu mestre, utiliza a casca do tronco, em fresco ou após secagem ao sol, para as mulheres que após o parto têm problemas de lactação, com falta de leite no peito.

A casca é raspada, triturada e colocada em água mas também se pode colocar os pedaços cortados diretamente na água sem triturar. Aguarda-se algum tempo e dá-se para a doente tomar. A mulher deve tomar bastante remédio; pode beber quantas vezes puder num copo de quarto de litro até que o leite comece a sair dos seios.

146

### Outras utilizações

O fruto desta planta é comestível e na Guiné-Bissau tem também outras utilizações medicinais nomeadamente para dores de barriga e como abortiva. Nos outros países da África Ocidental há numerosas referências a utilizações da planta, nomeadamente medicinais, fitoquímicas, magico-religiosas e alimentares, bem como a utilização da madeira no fabrico de artefactos.

147



**VOACANGA**  
**AFRICANA**  
STAPP EX SCOTT-ELLIOT  
APOCYNACEAE  
ECONCONQUÊ, EPOPOQUÊ (BJ);  
PAU-DE-BORRACHA,  
PÓ-DI-BRAS (CR)



Outros  
nomes

blacanhai (ba); m'pumbu (nl)

Hábito e  
Ecologia

Pequena árvore ou arbusto que ocorre em floresta densa, floresta aberta, savana arborizada e palmar. Em Canhabaque a planta é difícil de obter, parecendo mais rara presentemente. Segundo Joaquim Neta pode ser cultivada mas junto à sua tabanca há apenas uma que ele próprio plantou.

Utilizações no  
PNMJVP e em  
Canhabaque

Joaquim Neta referiu a utilização desta planta para as mulheres com dificuldade de engravidar, para a impotência sexual masculina e para tratamento de dores nos olhos, em receitas que ele próprio inventou por inspiração divina. Quando uma mulher quer ficar grávida e não consegue usa-se a casca do tronco em fresco, que é cortada em pedaços e colocada numa panela com água, a que se adiciona um pouco de sal e dois limões, cortadas ao meio. Deixa-se ferver tudo junto até cozer. Deixa-se esfriar e côa-se. A mulher deve tomar um copo de quarto de litro uma vez por dia, de manhã, durante três dias.



| 48

Outras  
utilizações

Como reação pode provocar diarreia para eliminar a sujidade da barriga que impede a mulher de engravidar.

Para a impotência sexual masculina usa-se a raiz em fresco, que é raspada, cortada em pedaços e fervida com água até ficar cozida. O remédio é tomado num copo de quarto de litro, uma vez por dia, durante três dias.

Para as dores nos olhos usam-se as folhas em fresco, sendo fervidas em água até ficarem bem cozidas. Lava-se a cara com o remédio três vezes por dia, durante quatro dias.

Joaquim Neta não cobra os tratamentos mas aceita alguma oferta, dependendo das possibilidades do paciente.

Esta planta é usada noutras partes do país com finalidades semelhantes às reportadas em Canhabaque, nomeadamente para a impotência sexual, blenorragia e dores de barriga. Tem também várias utilizações noutras países da região, em particular medicinais, fitoquímicas e mágico-religiosas.



| 49

**XIMENIA  
AMERICANA L.**

OLACACEAE

AGARA (BJ); LIMON-DO-MATO,  
LIMON-DI-SANCHO (CR)



**Outros  
nomes**

udôngul, undemna-aguidig (cb); citronier-de-mer, prunier-de-mer (fr); tcheme, tjeme (fu); tufissa (md); mampã (nl); tufissa, tumbecrinhaque (ss)

**Hábito e  
Ecologia**

Arbusto ou árvore, em floresta densa, floresta aberta, savana arborizada, galerias florestais, palmar, orla de mangal e areias litorais. Em Canhabaque a planta é difícil de obter mas a sua abundância mantém-se e pode ser cultivada.

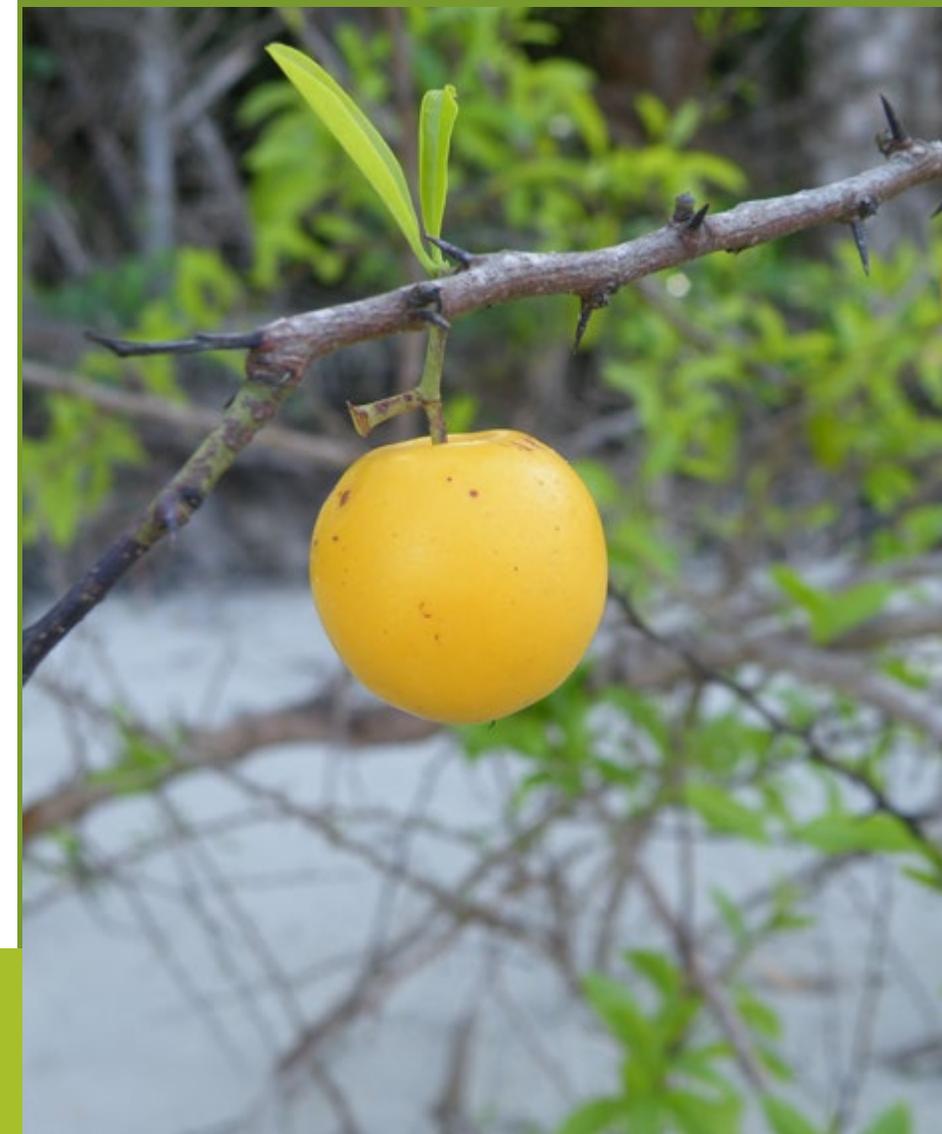
**Utilizações no  
PNMJVP e em  
Canhabaque**

Esta planta foi referida por Domingas da Silva para picada de cobra cacuba, em que a pessoa fica muito cansada e fraca, numa receita que aprendeu através de um mestre.

Usam-se as raízes em fresco; raspa-se a casca exterior, tritura-se, coloca-se em água e dá-se para o doente tomar. O doente deve tomar um litro ou mais de remédio, em quantidade suficiente para poder vomitar. O remédio provoca vômito, que é necessário para o doente se poder curar. Depende das possibilidades do paciente, depois do tratamento pode pagar 4.000 a 5.000 FCFA.

**Outras  
utilizações**

Esta planta tem outras utilizações no país: a raiz é utilizada contra epilepsia e como afrodisíaco e a casca contra dores de barriga; o fruto é comestível; as sementes utilizam-se no fabrico de sabão. A espécie tem também numerosas utilizações reportadas noutros países da África Ocidental, nomeadamente medicinais, fitoquímicas e alimentares.



**XYLOPIA AETHIOPICA**  
(DUNAL) A.RICH.  
ANNONACEAE  
LIMON-DI-SANCHO (CR)



**Outros  
nomes**

edá, equêche, ocanhebo (bj); malagueta-da-guiné, malagueta-preta, malagueta-preto-de-guiné, malagueta-di-mato (cr)

**Hábito e  
Ecologia**

Árvore atingindo 15 a 20 metros de altura, em floresta densa, floresta aberta, galerias florestais e margens de rios, orla de mangal e palmar. Em Canhabaque é obtida junto às tabancas em qualquer época do ano, sendo mais abundante atualmente porque é protegida na tabanca.

**Utilizações no  
PNMJVP e em  
Canhabaque**

Manuel Onessa referiu a utilização desta planta, em receitas que aprendeu com o seu mestre, para dores de cabeça, em que se fica tonto logo depois de acordar de manhã, e para dores no corpo, tipo dores musculares.

Usa-se a casca do tronco, folhas e frutos, em fresco ou após secagem ao sol, que são fervidos em conjunto em água, até ficarem bem cozidos. Retira-se a panela do fogo, o doente senta-se junto da panela, cobre a cabeça com um cobertor ou pano e destapa-se a panela para o paciente inalar o vapor quente. O tratamento é repetido de manhã e à tarde, até o doente se sentir melhor. Depois de inalar o vapor, ao sair debaixo do pano o doente pode sentir um pouco de tontura, mas passa logo. Manuel Onessa não costuma cobrar pelo tratamento.

**Outras  
utilizações**

O fruto desta espécie é usado na Guiné-Bissau como especiaria (malagueta-preta); a casca, frutos e sementes têm numerosas utilizações medicinais. Em Canhabaque os frutos secos torrados bebem-se como café, com açúcar. A espécie tem também numerosas utilizações noutros países da África Ocidental, sobretudo medicinais mas também fitoquímicas, alimentares e como lenha e material de construção.



**ZANTHOXYLUM  
LEPRIEURII**  
GUILL. & PERR.  
RUTACEAE  
ERANHA, ELANHA (B)



Outros  
nomes

mádjá, mantcha, mantchu (ba); barquelem (fu)

Hábito e  
Ecologia

Pequena árvore ou arbusto, em floresta densa, floresta aberta, savana arborizada, palmar e margens de rios. Em Canhabaque a planta é obtida no mato junto às tabancas durante todo o ano, parecendo ser atualmente mais abundante devido à regeneração de matos. Segundo José Martinho pode ser cultivada plantando a raiz na época das chuvas.

Utilizações no  
PNMJVP e em  
Canhabaque

A utilização desta planta foi referida por Agostinho Sandé para dor de peito com tosse e como cicatrizante em feridas de animais, em receitas aprendidas respetivamente com o seu tio e com o seu mestre, e por José Martinho para picada de cobra cacuba, tendo aprendido a receita com um mestre.

Quando alguém tem tosse sem expulsar a expetoração, Agostinho Sandé usa as raízes em fresco, que são raspadas, cortadas em pedaços e misturadas com as raízes de *Vernonia colorata* (sucumadera, cr). Deixa-se ferver até cozer, retira-se do fogo, deixa-se ficar morno e dá-se para o doente beber. As crianças devem tomar uma colher de sopa de manhã e à tarde e os adultos, um copo de quarto de litro de manhã e à tarde.



154

Depois de tomar o remédio o doente deve deitar-se de barriga para baixo, por um instante. Agostinho Sandé não cobra o tratamento, depende do paciente.

Esta planta também é usada como cicatrizante para tratar feridas de animais, nomeadamente vacas. Usa-se a casca do tronco em fresco, que é raspada, cortada em pedaços e triturada juntamente com limão verde, espremendo-se na ferida do animal uma vez por dia até ficar curada.

José Martinho usa as raízes, em fresco ou após secagem ao sol para tratamento de picada de cobra cacuba, em que o paciente não consegue abrir os olhos e fica muito fraco. Raspam-se as raízes, cortam-se em pedaços que se colocam em água e dá-se para o doente beber. Para caso de socorro no mato, raspar a raiz, deixar secar ao sol e triturar até que fique em pó e colocar numa garrafa limpa, que poderá ser transportada quando vai ao mato, prevenindo para eventual picada de cobra. Segundo José Martinho, para o remédio ficar mais forte, junta-se as duas espécies de elanha: *elanha-é-wanto* e *elanha-é-canto*; o que significa em crioulo, elanha-macho e elanha-fêmea.

O preparado com a raiz fresca toma-se no copo de meio litro, pouco a pouco, várias vezes até que o paciente vomite; a raiz preparada em pó é tomada logo que se é picado pela cobra, tomando-se uma pitada, para os primeiros socorros antes de chegar a casa.

José Martinho não cobra pelo tratamento, mas aceita o que o doente lhe puder pagar depois de ficar curado.

Outras  
utilizações

Esta espécie tem várias utilizações medicinais conhecidas na Guiné-Bissau, nomeadamente como antiabortivo, contra a asma, dores de dentes e mordeduras de cobras. Em Orango é utilizada para mordeduras de cobras e diarreias. Também tem várias utilizações reportadas noutros países da África Ocidental, nomeadamente medicinais e fitoquímicas, bem como o uso da madeira como material de construção e no fabrico de artefactos.



155

# ÍNDICE DE PLANTAS MEDICINAIS

Espécie	Família	Página
<i>Adenia lobata</i> (Jacq.) Engl.	Passifloraceae	66
<i>Albizia dinklagei</i> (Harms) Harms	Mimosaceae	68
<i>Alchomea cordifolia</i> (Schumach. & Thonn.) Mull. Arg	Euphorbiaceae	129
<i>Alstonia congensis</i> Engl.	Apocynaceae	70
<i>Annona senegalensis</i> Pers.	Annonaceae	72
<i>Anthocleista vogelii</i> Planch.	Lganiaceae	50
<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae	74
<i>Cassia sieberiana</i> DC.	Caesalpiniaceae	76
<i>Ceiba pentandra</i> (L.) Gaertn.	Bombacaceae	78
<i>Cissampelos mucronata</i> A.Rich.	Menispermaceae	80
<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. F.	Rutaceae	82
<i>Cnestis ferruginea</i> DC.	Connaraceae	84
<i>Combretum micranthum</i> G.Don.	Combretaceae	86
<i>Cryptolepis sanguinolenta</i> (Lindl.) Schltr.	Asclepiadaceae	88
<i>Dalbergia saxatilis</i> Hook.f.	Fabaceae	90
<i>Dialium guineense</i> Wild.	Caesalpiniaceae	52
<i>Diospyros heudelotii</i> Hiern.	Ebenaceae	92
<i>Erythrina senegalensis</i> DC.	Fabaceae	94
<i>Faidherbia albida</i> (Delile) A.Chev.	Mimosaceae	96
<i>Ficus polita</i> Vahl	Moraceae	98
<i>Guiera senegalensis</i> J.F.Gmel.	Combretaceae	100
<i>Hallea stipulosa</i> (DC.) Leroy	Rubiaceae	102
<i>Jatropha curcas</i> L.	Euphorbiaceae	104
<i>Landolphia</i> sp.	Apocynaceae	52
<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae	106
<i>Margaritaria discoidea</i> (Baill.) Webster	Euphorbiaceae	108
<i>Mezoneuron benthamianum</i> Baill.	Caesalpiniaceae	110
<i>Morinda geminata</i> DC.	Rubiaceae	174
<i>Newbouldia laevis</i> (P.Beauv.) Seem.	Bignoniaceae	112
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Labiatae	115

Espécie	Família	Página
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Labiatae	114
<i>Parinari excelsa</i> Sabine	Chrisobalanaceae	116
<i>Parkia biglobosa</i> (Jacq.) R.Br. ex G.Don	Mimosaceae	118
<i>Piliostigma thonningii</i> (Schumach. & Thonn.) Milne-Redh.	Caesalpiniaceae	120
<i>Psychotria peduncularis</i> (Salisb.) Steyerm.	Rubiaceae	122
<i>Psydrax parviflora</i> (Afzel.) Bridson	Rubiaceae	124
<i>Pterocarpus santalinooides</i> L'Hér. ex DC.	Fabaceae	126
<i>Rhizophora</i> sp.	Rhizophoraceae	55
<i>Sansevieria senegambica</i> Baker	Dracaenaceae	128
<i>Sarcocephalus latifolius</i> (Sm.) Bruce	Rubiaceae	130
<i>Senna podocarpa</i> (Guill. & Perr.) Lock	Caesalpiniaceae	132
<i>Smeathmannia laevigata</i> Soland. ex R.Br.	Passifloraceae	134
<i>Spondias mombin</i> L.	Anacardiaceae	136
<i>Terminalia macroptera</i> Guill. & Perr.	Combretaceae	148
<i>Trichilia prieuriana</i> A.Juss.	Meliaceae	140
<i>Uvaria chamae</i> P.Beauv.	Annonaceae	142
<i>Vernonia colorata</i> (Willd.) Drake	Asteraceae	144
<i>Vitex doniana</i> Sweet	Labiatae	146
<i>Voacanga africana</i> Satpf ex Scott-Elliot	Apocynaceae	148
<i>Ximenia americana</i> L.	Olacaceae	150
<i>Xylopia aethiopica</i> (Dunal) A.Rich.	Annonaceae	152
<i>Zanthoxylum leprieurii</i> Guill. & Perr.	Rutaceae	154

# ÍNDICE DE UTILIZAÇÕES

Doença ou utilidade	Espécie	Página
abscessos	<i>Ceiba pentandra</i>	78
afastar demónios	<i>Uvaria chamae</i>	142
amamentação (falta de leite materno)	<i>Vitex doniana</i>	146
anemia (para aumentar o sangue)	<i>Ficus polita</i>	98
bassa das crianças	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
bassa das crianças	<i>Margaritaria discoidea</i>	108
constipação	<i>Citrus limon</i>	82
constipação	<i>Ocimum gratissimum</i>	114
contraceptivo	<i>Guiera senegalensis</i>	100
diarreia	<i>Combretum micranthum</i>	86
diarreia	<i>Cryptolepis sanguinolenta</i>	88
diarreia	<i>Mangifera indica</i>	106
diarreia	<i>Psychotria peduncularis</i>	122
dificuldade de engravidar	<i>Margaritaria discoidea</i>	108
dores de "bridja" na mulher grávida	<i>Jatropha curcas</i>	104
dores de barriga	<i>Carica papaya</i>	74
dores de barriga	<i>Cissampelos mucronata</i>	80
dores de barriga da grávida	<i>Smeathmania laevigata</i>	134
dores de cabeça	<i>Xylopiya aethiopica</i>	152
dores de cabeça fortes	<i>Uvaria chamae</i>	142
dores de corpo	<i>Combretum micranthum</i>	86
dores de dentes	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
dores de dentes	<i>Faidherbia albida</i>	96
dores de estômago	<i>Guiera senegalensis</i>	100
dores lombares (dor de "pontada")	<i>Trichilia prieuriana</i>	140
dores no corpo	<i>Cassia sieberiana</i>	76
dores no corpo	<i>Hallea stipulosa</i>	102
dores no corpo	<i>Psydrax parviflora</i>	124
dores no corpo	<i>Vernonia colorata</i>	144
dores no corpo	<i>Xylopiya aethiopica</i>	152
dores no estômago	<i>Psychotria peduncularis</i>	122

158

Doença ou utilidade	Espécie	Página
dores nos olhos	<i>Adenia lobata</i>	66
dores nos olhos	<i>Mezoneuron benthamianum</i>	110
dores nos olhos	<i>Newbouldia laevis</i>	112
dores nos olhos	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
dores nos olhos	<i>Spondias mombin</i>	136
dores nos olhos	<i>Terminalia macroptera</i>	138
dores nos olhos	<i>Voacanga africana</i>	148
febze	<i>Parinari excelsa</i>	116
feridas	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
feridas	<i>Zanthoxylum leprieurii</i>	154
feridas (tchaga)	<i>Cryptolepis sanguinolenta</i>	88
feridas novas	<i>Dalbergia saxatilis</i>	90
fraturas	<i>Psychotria peduncularis</i>	122
furúnculo (mandita)	<i>Faidherbia albida</i>	96
gravidez (dificuldade de engravidar)	<i>Pterocarpus santalinoideis</i>	126
gravidez (dificuldade de engravidar)	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
gravidez (dificuldade de engravidar)	<i>Vernonia colorata</i>	144
gravidez (dificuldade de engravidar)	<i>Voacanga africana</i>	148
gripe	<i>Citrus limon</i>	82
impintcho	<i>Senna podocarpa</i>	132
impotência sexual	<i>Cassia sieberiana</i>	76
impotência sexual masculina	<i>Voacanga africana</i>	148
inchaço	<i>Albizia dinklagei</i>	68
inchaço	<i>Alstonia congensis</i>	70
inflamação nas axilas ("coramento")	<i>Mangifera indica</i>	106
menstruação (falta da)	<i>Parkia biglobosa</i>	118
mordedura de cães	<i>Psychotria peduncularis</i>	122
parto (dificuldade durante o)	<i>Parkia biglobosa</i>	118
parto (facilitador)	<i>Ficus polita</i>	98
picada de cobra	<i>Senna podocarpa</i>	132
picada de cobra (bida)	<i>Annona senegalensis</i>	72
picada de cobra (bida)	<i>Mangifera indica</i>	106
picada de cobra (bida)	<i>Senna podocarpa</i>	132
picada de cobra (cacuba)	<i>Trichilia prieuriana</i>	140
picada de cobra (cacuba)	<i>Ximenia americana</i>	150
picada de cobra (cacuba)	<i>Zanthoxylum leprieurii</i>	154

159

Doença ou utilidade	Espécie	Página
picada de cobra (cacuba)	<i>Faidherbia albida</i>	96
picada de cobra (cacuba).	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
picada de raia	<i>Psychotria peduncularis</i>	122
picadas de cobras	<i>Cryptolepis sanguinolenta</i>	88
pós-parto (limpeza do sangue da mulher)	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
prisão de ventre	<i>Diospyros heudelotii</i>	92
prisão de ventre	<i>Senna podocarpa</i>	132
prisão de ventre	<i>Senna podocarpa</i>	132
prisão de ventre	<i>Senna podocarpa</i>	132
repelente de cobras	<i>Cryptolepis sanguinolenta</i>	88
repelente de mosquitos e melgas	<i>Ocimum gratissimum</i>	114
tosse	<i>Alstonia congensis</i>	70
tosse	<i>Cryptolepis sanguinolenta</i>	88
tosse	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
tosse	<i>Sansevieria senegambica</i>	128
tosse	<i>Zanthoxylum leprieurii</i>	154
tosse seca	<i>Piliostigma thonningii</i>	120

## ÍNDICE DE NOMES VERNÁCULOS E LINGUAS

Nome	Língua	Espécie	Página
agara	bijagó	<i>Ximenia americana</i>	150
ainque	bijagó	<i>Uvaria chamae</i>	142
ambate	tanda	<i>Combretum micranthum</i>	86
andjem	bijagó	<i>Citrus limon</i>	82
aneafiafia	biafada	<i>Cissampelos mucronata</i>	80
angade-tcharre	tanda	<i>Newbouldia laevis</i>	112
anjambane	tanda	<i>Parkia biglobosa</i>	118
antante	biafada	<i>Pterocarpus santalinoides</i>	126
arbre-corail	francês	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
atchaguesse	tanda	<i>Parinari excelsa</i>	116
azeitona-preto	crioulo	<i>Vitex doniana</i>	146
babodos	crioulo - flora do Senegal	<i>Guiera senegalensis</i>	100
bacalambách	mancanha	<i>Cissampelos mucronata</i>	80
bacoré	fula	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
badodoce	crioulo	<i>Guiera senegalensis</i>	100
badô-dôce	crioulo	<i>Guiera senegalensis</i>	100
badodosso	crioulo	<i>Guiera senegalensis</i>	100
badôsdôce	crioulo	<i>Guiera senegalensis</i>	100
badosdos	crioulo - flora do Senegal	<i>Guiera senegalensis</i>	100
badosôsso	crioulo	<i>Guiera senegalensis</i>	100
báfôssé	cobiana	<i>Spondias mombin</i>	136
baiqué	fula	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
bâme	mancanha	<i>Annona senegalensis</i>	72
banana-sanjo	crioulo	<i>Uvaria chamae</i>	142
banana-santchu	crioulo	<i>Uvaria chamae</i>	142
bansabúle	balanta-mané	<i>Albizia dinklagei</i>	68
bantam-foro	fula	<i>Alstonia congensis</i>	70
bantam-forô	mandinga	<i>Alstonia congensis</i>	70
bantam-ó	mandinga	<i>Ceiba pentandra</i>	78

Nome	Língua	Espécie	Página
bantanhe	fula	<i>Ceiba pentandra</i>	78
bantanhe	fula	<i>Ceiba pentandra</i>	78
bantarabururé	fula	<i>Vernonia colorata</i>	144
bantara-bururé	mandinga	<i>Vernonia colorata</i>	144
barcolomô	mandinga	<i>Combretum micranthum</i>	86
barniate	papel	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
bárquè	fula	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
barquedje	fula	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
barqueiê	fula	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
barquelem	fula	<i>Zanthoxylum leprieurii</i>	154
bassatá	felupe senegalês	<i>Sansevieria senegambica</i>	128
batáguar	papel	<i>Alstonia congensis</i>	70
bati-forô	mandinga	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
bdutubus	mancanha	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
becuape	manjaco	<i>Newbouldia laevis</i>	112
bedon-albabo	mancanha	<i>Carica papaya</i>	74
beduto-ubule	mancanha	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
begundja	mancanha	<i>Uvaria chamae</i>	142
begundja	manjaco	<i>Uvaria chamae</i>	142
belau	balanta	<i>Adenia lobata</i>	66
belau	biafada	<i>Adenia lobata</i>	66
benau-utchata	manjaco	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
benémpe	manjaco	<i>Annona senegalensis</i>	72
benempele	manjaco	<i>Annona senegalensis</i>	72
benganta	biafada	<i>Pterocarpus santalinoides</i>	126
benitaha	manjaco	<i>Vernonia colorata</i>	144
benkar	nalu	<i>Trichilia prieuriana</i>	140
benotaro	manjaco	<i>Annona senegalensis</i>	72
bentape	manjaco	<i>Cassia sieberiana</i>	76
bepaia	manjaco	<i>Carica papaya</i>	74
bessápale	manjaco	<i>Vitex doniana</i>	146
betácarre	mancanha	<i>Alstonia congensis</i>	70
betáli	manjaco	<i>Terminalia macroptera</i>	138
betame	papel	<i>Cassia sieberiana</i>	76
betampale	mancanha	<i>Faidherbia albida</i>	96
betcháli	manjaco	<i>Terminalia macroptera</i>	138

162

Nome	Língua	Espécie	Página
betèlédje	manjaco	<i>Terminalia macroptera</i>	138
beuroque	papel	<i>Senna podocarpa</i>	132
biáie	biafada	<i>Parkia biglobosa</i>	118
bidjésse	manjaco	<i>Alstonia congensis</i>	70
biòcé	balanta	<i>Guiera senegalensis</i>	100
bioépi	balanta	<i>Faidherbia albida</i>	96
bionai	felupe senegalês	<i>Parinari excelsa</i>	116
biongômo	balanta-mané	<i>Faidherbia albida</i>	96
bionsi	balanta	<i>Guiera senegalensis</i>	100
bislina	papel	<i>Cissampelos mucronata</i>	80
bissaca	crioulo	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
bissansce	papel	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
bissem-antchom	manjaco	<i>Guiera senegalensis</i>	100
bisse-nhatam	mancanha	<i>Guiera senegalensis</i>	100
bissilintche	manjaco	<i>Guiera senegalensis</i>	100
bissindje	biafada	<i>Cassia sieberiana</i>	76
bissom-aptchom	mancanha	<i>Guiera senegalensis</i>	100
bitchalam	manjaco	<i>Parinari excelsa</i>	116
bitchiante	mancanha	<i>Guiera senegalensis</i>	100
bitchiante	manjaco	<i>Guiera senegalensis</i>	100
biussi	balanta	<i>Guiera senegalensis</i>	100
blacanhai	balanta	<i>Voacanga africana</i>	148
boã	balanta	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
bócò-fêto	fula	<i>Sansevieria senegambica</i>	128
bode	fula	<i>Terminalia macroptera</i>	138
bodi-iode	balanta	<i>Annona senegalensis</i>	72
bogunha	mancanha	<i>Uvaria chamae</i>	142
bogunha	manjaco	<i>Uvaria chamae</i>	142
boi	fula	<i>Terminalia macroptera</i>	138
boia-dabo	felupe	<i>Sansevieria senegambica</i>	128
bôk	crioulo - flora do Senegal	<i>Combretum micranthum</i>	86
bole	bijagó	<i>Annona senegalensis</i>	72
bolóbô	mancanha	<i>Terminalia macroptera</i>	138
bondja	fula	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
bongué	fula	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
bopánicam	papel	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130

163

Nome	Língua	Espécie	Página
borassam	mandinga	<i>Faidherbia albida</i>	96
borassam-ô	mandinga	<i>Faidherbia albida</i>	96
borassanhe	fula	<i>Faidherbia albida</i>	96
bórè	balaanta	<i>Annona senegalensis</i>	72
botchotchadje	fula	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
bothola	fula	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
braqui	manjaco	<i>Terminalia macroptera</i>	138
brêgue	biafada	<i>Ceiba pentandra</i>	78
brôbleque	manjaco	<i>Xylopi aethiopica</i>	152
bsálá	balanta	<i>Combretum micranthum</i>	86
buàdja	biafada	<i>Faidherbia albida</i>	96
bubirique	felupe senegalês	<i>Faidherbia albida</i>	96
bubomba	biafada	<i>Annona senegalensis</i>	72
bubricaramba	felupe senegalês	<i>Albizia dinklagei</i>	68
buchicabu	felupe	<i>Combretum micranthum</i>	86
buco	crioulo	<i>Combretum micranthum</i>	86
buco	manjaco	<i>Combretum micranthum</i>	86
buço	crioulo	<i>Combretum micranthum</i>	86
budandepe	felupe senegalês	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
budemna-buràb	biafada	<i>Citrus limon</i>	82
budjábual	biafada	<i>Spondias mombin</i>	136
budôssosse	biafada	<i>Guiera senegalensis</i>	100
buéco	papel	<i>Combretum micranthum</i>	86
bufápá	biafada	<i>Carica papaya</i>	74
bufápiá	biafada	<i>Carica papaya</i>	74
bufará	biafada	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
bugampal	biafada	<i>Newbouldia laevis</i>	112
bugondjôle	papel	<i>Trichilia prieuriana</i>	140
bugúa	biafada	<i>Vitex doniana</i>	146
bugue	papel	<i>Smeathmania laevigata</i>	134
bugulbá	biafada	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
bugunha	mancanha	<i>Uvaria chamae</i>	142
bugunha	manjaco	<i>Uvaria chamae</i>	142
buiái	biafada	<i>Parkia biglobosa</i>	118
bujendendem	felupe senegalês	<i>Spondias mombin</i>	136
bujinke	djacanca	<i>Vitex doniana</i>	146

Nome	Língua	Espécie	Página
buko	soosso	<i>Combretum micranthum</i>	86
buladanêlhe	fula	<i>Faidherbia albida</i>	96
bulé	fula	<i>Faidherbia albida</i>	96
bulofôr	biafada	<i>Terminalia macroptera</i>	138
bumang	biafada	<i>Mangifera indica</i>	106
bumbine	manjaco	<i>Cryptolepis sanguinolenta</i>	88
bumbipe	manjaco	<i>Cryptolepis sanguinolenta</i>	88
búmé	fula	<i>Vitex doniana</i>	146
bu-ok	crioulo - flora do Senegal	<i>Combretum micranthum</i>	86
buôque	mancanha	<i>Combretum micranthum</i>	86
bupande	felupe senegalês	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
bupóco	manjaco	<i>Ficus polita</i>	98
burale	biafada	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
búrlè	fula	<i>Mezoneuron benthamianum</i>	110
búrlè-danédjo	fula	<i>Faidherbia albida</i>	96
buropod	crioulo - flora do Senegal	<i>Mezoneuron benthamianum</i>	110
bu-rusu	crioulo - flora do Senegal	<i>Guiera senegalensis</i>	100
busseu-uliba	felupe	<i>Faidherbia albida</i>	96
bussindja	biafada	<i>Cassia sieberiana</i>	76
bussol	biafada	<i>Parinari excelsa</i>	116
butchampele	manjaco	<i>Faidherbia albida</i>	96
butique	felupe senegalês	<i>Combretum micranthum</i>	86
butnacimbore	balanta	<i>Cryptolepis sanguinolenta</i>	88
búurtchi	biafada	<i>Uvaria chamae</i>	142
cabate-cu'uite	mancanha	<i>Cissampelos mucronata</i>	80
cabate-uíate	manjaco	<i>Cissampelos mucronata</i>	80
cabió	bijagó	<i>Faidherbia albida</i>	96
cabotche	bijagó	<i>Cissampelos mucronata</i>	80
caboupa	crioulo	<i>Hallea stipulosa</i>	102
caboupa	crioulo	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
cad	francês	<i>Faidherbia albida</i>	96
café	crioulo	<i>Combretum micranthum</i>	86
café-bravo	crioulo	<i>Combretum micranthum</i>	86
calantú	soosso	<i>Xylopi aethiopica</i>	152
calatù	soosso	<i>Xylopi aethiopica</i>	152
caloca	bijagó	<i>Sansevieria senegambica</i>	128

Nome	Língua	Espécie	Página
camude	bijagó	<i>Faidherbia albida</i>	96
camudé	bijagó	<i>Faidherbia albida</i>	96
camudo	bijagó	<i>Faidherbia albida</i>	96
camudo	bijagó	<i>Faidherbia albida</i>	96
canafiô	mandinga	<i>Xylopia aethiopica</i>	152
canafistra	crioulo	<i>Cassia sieberiana</i>	76
canafístula	crioulo	<i>Cassia sieberiana</i>	76
cançaliba	futa-fula	<i>Combretum micranthum</i>	86
cançalibá	mandinga	<i>Combretum micranthum</i>	86
canhama	bijagó	<i>Ficus polita</i>	98
canhame	bijagó	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
canhaminha	bijagó	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
canhando	bijagó	<i>Parkia biglobosa</i>	118
canhimva	bijagó	<i>Ficus polita</i>	98
canhom	bijagó	<i>Newbouldia laevis</i>	112
canhómburi	fula	<i>Newbouldia laevis</i>	112
canna	bijagó	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
canquelibá	fula	<i>Combretum micranthum</i>	86
caquecequece	bijagó	<i>Cassia sieberiana</i>	76
careré	bijagó	<i>Guiera senegalensis</i>	100
caroubier-africain	francês	<i>Parkia biglobosa</i>	118
carrere	bijagó	<i>Guiera senegalensis</i>	100
cassinconco	bijagó	<i>Newbouldia laevis</i>	112
cauce-edjanbaran	djacanca	<i>Cissampelos mucronata</i>	80
caudo-ca-ala	bijagó	<i>Cryptolepis sanguinolenta</i>	88
caudó-carticó	bijagó	<i>Dalbergia saxatilis</i>	90
cetona	crioulo	<i>Vitex doniana</i>	146
cetona-pequeno	crioulo	<i>Vitex doniana</i>	146
cetona-preta	crioulo	<i>Vitex doniana</i>	146
chá-de-buco	crioulo	<i>Combretum micranthum</i>	86
citronier-de-mer	francês	<i>Ximenia americana</i>	150
cobalumba	bijagó	<i>Hallea stipulosa</i>	102
cob-bê	bijagó	<i>Ceiba pentandra</i>	78
cobodo	bijagó	<i>Psychotria peduncularis</i>	122
cófa	balanta	<i>Hallea stipulosa</i>	102
cóile	fula	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130

Nome	Língua	Espécie	Página
colalumba	bijagó	<i>Hallea stipulosa</i>	102
comida-de-santcho	crioulo	<i>Psychotria peduncularis</i>	122
condé	fula	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
coóna	bijagó	<i>Albizia dinklagei</i>	68
correré	bijagó	<i>Albizia dinklagei</i>	68
cubate-cuiate	mancanha	<i>Cissampelos mucronata</i>	80
cubate-cuiate	manjaco	<i>Cissampelos mucronata</i>	80
cubedô	bijagó	<i>Psychotria peduncularis</i>	122
cudaco	bijagó	<i>Trichilia prieuriana</i>	140
cudaco	felupe	<i>Trichilia prieuriana</i>	140
cudjéssé	bijagó	<i>Alstonia congensis</i>	70
cuguinssum	bijagó	<i>Alstonia congensis</i>	70
cuguma	bijagó	<i>Hallea stipulosa</i>	102
culum	tanda	<i>Diospyros heudelotii</i>	92
cundjunburum	mandinga	<i>Newbouldia laevis</i>	112
cuné	bijagó	<i>Ceiba pentandra</i>	78
cunhe	balanta	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
cuntesse	mandinga	<i>Cryptolepis sanguinolenta</i>	88
cuntésse	crioulo	<i>Cryptolepis sanguinolenta</i>	88
cuntez	crioulo	<i>Cryptolepis sanguinolenta</i>	88
cupeléén	felupe senegalês	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
cura	fula	<i>Parinari excelsa</i>	116
cura	futa-fula	<i>Parinari excelsa</i>	116
curanaco	fula	<i>Parinari excelsa</i>	116
cusserê	bijagó	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
cusserum	bijagó	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
cussipompu	bijagó	<i>Newbouldia laevis</i>	112
cussito	mandinga	<i>Diospyros heudelotii</i>	92
cutóbulo	mandinga	<i>Vitex doniana</i>	146
cutubulô	mandinga	<i>Vitex doniana</i>	146
dafuy	crioulo - flora do Senegal	<i>Vernonia colorata</i>	144
déssa	balanta	<i>Pterocarpus santalinoides</i>	126
dessáha	balanta	<i>Pterocarpus santalinoides</i>	126
déxa	balanta	<i>Pterocarpus santalinoides</i>	126
djamba-catam	futa-fula	<i>Terminalia macroptera</i>	138
djambadjiom	fula	<i>Trichilia prieuriana</i>	140

Nome	Língua	Espécie	Página
djambé	balanta	<i>Alstonia congensis</i>	70
djandjam-cafae	mandinga	<i>Senna podocarpa</i>	132
djecudjecumádje	fula	<i>Pterocarpus santalinoides</i>	126
d'jega	fula	<i>Pterocarpus santalinoides</i>	126
d'jego	fula	<i>Pterocarpus santalinoides</i>	126
djégo	futa-fula	<i>Pterocarpus santalinoides</i>	126
djodjô	papel	<i>Xylopiya aethiopica</i>	152
djó-gófe	papel	<i>Xylopiya aethiopica</i>	152
djúè	balanta	<i>Faidherbia albida</i>	96
dolim	mandinga	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
dôlim-ô	mandinga	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
dolin	crioulo	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
doreda	crioulo	<i>Ocimum gratissimum</i>	114
doréda	crioulo	<i>Ocimum gratissimum</i>	114
ducumê	fula	<i>Annona senegalensis</i>	72
ducúmè	fula	<i>Annona senegalensis</i>	72
dutubule	manjaco	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
ebalguda	bijagó	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
ebáluguda	bijagó	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
ebandjo	bijagó	<i>Annona senegalensis</i>	72
ebangleba	bijagó	<i>Diospyros heudelotii</i>	92
ebontonton	bijagó	<i>Pterocarpus santalinoides</i>	126
ebuaca	bijagó	<i>Senna podocarpa</i>	132
ebud	bijagó	<i>Annona senegalensis</i>	72
ebuel-uda	bijagó	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
ecepo	bijagó	<i>Senna podocarpa</i>	132
econconquê	bijagó	<i>Voacanga africana</i>	148
econtonton	bijagó	<i>Dalbergia saxatilis</i>	90
ecot	bijagó	<i>Combretum micranthum</i>	86
ecote-elandin	bijagó	<i>Combretum micranthum</i>	86
edá	bijagó	<i>Xylopiya aethiopica</i>	152
edjerê	bijagó	<i>Smeathmania laevigata</i>	134
edjotshotche	bijagó	<i>Uvaria chamae</i>	142
elanha	bijagó	<i>Zanthoxylum leprieurii</i>	154
elócó	felupe	<i>Guiera senegalensis</i>	100
elode	fula	<i>Guiera senegalensis</i>	100

Nome	Língua	Espécie	Página
em-bando	bijagó	<i>Parkia biglobosa</i>	118
endembessauare	tanda	<i>Adenia lobata</i>	66
enhamughuné	bijagó	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
epabanné	bijagó	<i>Smeathmania laevigata</i>	134
epaco	bijagó	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
epamámbo	bijagó	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
epancleba	bijagó	<i>Diospyros heudelotii</i>	92
epandando	bijagó	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
epec	bijagó	<i>Combretum micranthum</i>	86
epopoquê	bijagó	<i>Voacanga africana</i>	148
epuek	bijagó	<i>Combretum micranthum</i>	86
epueque	bijagó	<i>Combretum micranthum</i>	86
equêche	bijagó	<i>Xylopiya aethiopica</i>	152
equenó	bijagó	<i>Cassia sieberiana</i>	76
eranha	bijagó	<i>Zanthoxylum leprieurii</i>	154
erauci	felupe senegalês	<i>Xylopiya aethiopica</i>	152
ereró	bijagó	<i>Guiera senegalensis</i>	100
erythrine du Sénégal	francês	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
essagara-edjoco	bijagó	<i>Citrus limon</i>	82
essenfuedanco	bijagó	<i>Senna podocarpa</i>	132
essenquedanco	bijagó	<i>Senna podocarpa</i>	132
fadi	balanta	<i>Terminalia macroptera</i>	138
fafadjambô	mandinga	<i>Hallea stipulosa</i>	102
fafadjambô	mandinga	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
fará	biafada	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
fará	crioulo	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
fará	fula	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
fará	mandinga	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
faroba	crioulo	<i>Parkia biglobosa</i>	118
farôba	crioulo	<i>Parkia biglobosa</i>	118
farroba	crioulo	<i>Parkia biglobosa</i>	118
farroba-de-mato	crioulo	<i>Albizia dinklagei</i>	68
farrobe	crioulo	<i>Parkia biglobosa</i>	118
ferida-branco	crioulo	<i>Faidherbia albida</i>	96
ferida-preto	crioulo	<i>Mezoneuron benthamianum</i>	110
fidida	crioulo	<i>Mezoneuron benthamianum</i>	110

Nome	Língua	Espécie	Página
fidida-branco	crioulo	<i>Faidherbia albida</i>	96
figueirinha	crioulo	<i>Ficus polita</i>	98
figuera	crioulo	<i>Ficus polita</i>	98
fudia	felupe senegalês	<i>Uvaria chamae</i>	142
fufumuco	felupe senegalês	<i>Guiera senegalensis</i>	100
fugumpa	felupe senegalês	<i>Newbouldia laevis</i>	112
funhalunco	felupe senegalês	<i>Cryptolepis sanguinolenta</i>	88
gante	balanta	<i>Parkia biglobosa</i>	118
gaúde	futa-fula	<i>Albizia dinklagei</i>	68
ghobongongo	bijagó	<i>Ocimum gratissimum</i>	114
ghodenacó	bijagó	<i>Psydrax parviflora</i>	124
ghopadanga	bijagó	<i>Carica papaya</i>	74
ghorok	bijagó	<i>Jatropha curcas</i>	104
ghossaba	bijagó	<i>Margaritaria discoidea</i>	108
ghossonconco	bijagó	<i>Newbouldia laevis</i>	112
ghudacó	bijagó	<i>Vernonia colorata</i>	144
ghupughe	bijagó	<i>Psychotria peduncularis</i>	122
gúa	papel	<i>Vitex doniana</i>	146
guêlodi	fula	<i>Guiera senegalensis</i>	100
guilé-balei	fula	<i>Xylopiya aethiopica</i>	152
guilè-bètè	fula	<i>Xylopiya aethiopica</i>	152
gúndjê	papel	<i>Uvaria chamae</i>	142
helócò	fula	<i>Guiera senegalensis</i>	100
hólô-fôro	mandinga	<i>Terminalia macroptera</i>	138
humohía	cobiana	<i>Mezoneuron benthamianum</i>	110
iangué	nalu	<i>Alstonia congensis</i>	70
ianké	nalu	<i>Alstonia congensis</i>	70
ianque	nalu	<i>Alstonia congensis</i>	70
iatété	soosso	<i>Diospyros heudelotii</i>	92
idóié-iginal	mancanha	<i>Xylopiya aethiopica</i>	152
íí	nalu	<i>Parkia biglobosa</i>	118
impukui	nalu	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
inétulo	mandinga	<i>Cissampelos mucronata</i>	80
iobogófo	papel	<i>Xylopiya aethiopica</i>	152
iput	bijagó	<i>Mezoneuron benthamianum</i>	110

Nome	Língua	Espécie	Página
irú	manjaco	<i>Xylopiya aethiopica</i>	152
iuci	balanta	<i>Guiera senegalensis</i>	100
jagôrtá	nalu	<i>Diospyros heudelotii</i>	92
janafim-ô	mandinga	<i>Xylopiya aethiopica</i>	152
kankenom	bijagó	<i>Parinari excelsa</i>	116
karkone	crioulo	<i>Terminalia macroptera</i>	138
kinkélib	crioulo - flora do Senegal	<i>Combretum micranthum</i>	86
kulenhimaba	soosso	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
lacom-ô	mandinga	<i>Sansevieria senegambica</i>	128
léguerè	futa-fula	<i>Alstonia congensis</i>	70
limão	português	<i>Citrus limon</i>	82
limon	crioulo	<i>Citrus limon</i>	82
limon-di-sancho	crioulo	<i>Ximenia americana</i>	150
limon-di-terra	crioulo	<i>Citrus limon</i>	82
limon-do-mato	crioulo	<i>Ximenia americana</i>	150
lút	nalu	<i>Parinari excelsa</i>	116
m'panté	balanta	<i>Senna podocarpa</i>	132
m'pumbu	nalu	<i>Voacanga africana</i>	148
macete	crioulo	<i>Terminalia macroptera</i>	138
macite	crioulo	<i>Terminalia macroptera</i>	138
mádjá	balanta	<i>Zanthoxylum leprieurii</i>	154
madronha	crioulo	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
madronho	crioulo	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
malagueta-da-guiné	crioulo	<i>Xylopiya aethiopica</i>	152
malagueta-di-mato	crioulo	<i>Xylopiya aethiopica</i>	152
malagueta-preta	crioulo	<i>Xylopiya aethiopica</i>	152
malagueta-preto-de-guiné	crioulo	<i>Xylopiya aethiopica</i>	152
malefu	mandinga	<i>Diospyros heudelotii</i>	92
malefú	soosso	<i>Diospyros heudelotii</i>	92
malevu	soosso	<i>Diospyros heudelotii</i>	92
malila-preto	crioulo	<i>Dalbergia saxatilis</i>	90
mamakoikoi	soosso	<i>Guiera senegalensis</i>	100
mambomba	felupe senegalês	<i>Annona senegalensis</i>	72
mambumba	crioulo	<i>Annona senegalensis</i>	72
mambunda	crioulo	<i>Annona senegalensis</i>	72

Nome	Língua	Espécie	Página
mampã	nalu	<i>Ximenia americana</i>	150
mampatá	mandinga	<i>Parinari excelsa</i>	116
mampatace	crioulo	<i>Parinari excelsa</i>	116
mampatás	crioulo	<i>Parinari excelsa</i>	116
mampatassa	crioulo	<i>Parinari excelsa</i>	116
mampataz	crioulo	<i>Parinari excelsa</i>	116
manafenafém	nalu	<i>Guiera senegalensis</i>	100
mancó	mandinga	<i>Mangifera indica</i>	106
mandabannelbéne	nalu	<i>Citrus limon</i>	82
mandiple	crioulo	<i>Spondias mombin</i>	136
mandipul	crioulo - flora do Senegal	<i>Spondias mombin</i>	136
manduco-de-feticero	crioulo	<i>Newbouldia laevis</i>	112
manduco-di-futucero	crioulo	<i>Newbouldia laevis</i>	112
mãnduk-difuti-siru	crioulo - flora do Senegal	<i>Newbouldia laevis</i>	112
manéfa-fial	biafada	<i>Cissampelos mucronata</i>	80
manga	português	<i>Mangifera indica</i>	106
mangantem	crioulo	<i>Pterocarpus santalinoides</i>	126
mangantem	crioulo	<i>Pterocarpus santalinoides</i>	126
mangantum	fula	<i>Pterocarpus santalinoides</i>	126
mango	bijagó	<i>Mangifera indica</i>	106
mango-sane	papel	<i>Mangifera indica</i>	106
mangúá	biafada	<i>Vitex doniana</i>	146
mangueira	português	<i>Mangifera indica</i>	106
mansahane	balanta	<i>Cryptolepis sanguinolenta</i>	88
mansanca	balanta	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
mansonca	balanta	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
mantcha	balanta	<i>Zanthoxylum leprieurii</i>	154
mantchoul	biafada	<i>Parinari excelsa</i>	116
mantchu	balanta	<i>Zanthoxylum leprieurii</i>	154
mantega	bijagó	<i>Carica papaya</i>	74
manterim-ô	mandinga	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
manterinterim	mandinga	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
marroné	fula	<i>Faidherbia albida</i>	96
masamp	nalu	<i>Albizia dinklagei</i>	68
masamp-tchill	nalu	<i>Albizia dinklagei</i>	68

Nome	Língua	Espécie	Página
masang-na	nalu	<i>Albizia dinklagei</i>	68
masnebissongró	balanta	<i>Psychotria peduncularis</i>	122
massite	crioulo	<i>Terminalia macroptera</i>	138
m'bath	nalu	<i>Ceiba pentandra</i>	78
m'bukui mukui	nalu	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
mehanté	balanta	<i>Parkia biglobosa</i>	118
meile	balanta	<i>Parinari excelsa</i>	116
mesinho-di-rato	bijagó	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
metchene	papel	<i>Ceiba pentandra</i>	78
mezinho-de-mosquito	crioulo	<i>Ocimum gratissimum</i>	114
mezinho-di-catchur	crioulo	<i>Cissampelos mucronata</i>	80
mimosa-poupre	francês	<i>Parkia biglobosa</i>	118
minquela	mancanha	<i>Parinari excelsa</i>	116
minquelma	papel	<i>Parinari excelsa</i>	116
m'nafo-ucon	mancanha	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
mochôla	fula	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
mougue-netempo	balanta	<i>Mezoneuron benthamianum</i>	110
mourandá	osso	<i>Uvaria chamae</i>	142
m'pôti	bijagó	<i>Mezoneuron benthamianum</i>	110
m'tokoi	nalu	<i>Psychotria peduncularis</i>	122
múni	balanta	<i>Vitex doniana</i>	146
munsopane	manjaco	<i>Vitex doniana</i>	146
múri	balanta	<i>Vitex doniana</i>	146
m'zisse	balanta	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
m'zisse	fula	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
n'konkon	nalu	<i>Vernonia colorata</i>	144
n'simkété	nalu	<i>Newbouldia laevis</i>	112
n'tene	papel	<i>Ceiba pentandra</i>	78
n'baka	osso	<i>Jatropha curcas</i>	104
n'jangurta	nalu	<i>Diospyros heudelotii</i>	92
n'papa	nalu	<i>Carica papaya</i>	74
nabi	fula	<i>Vernonia colorata</i>	144
nabicôssô	mandinga	<i>Vernonia colorata</i>	144
nafum-cone	mancanha	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
nana	bijagó	<i>Trichilia prieuriana</i>	140

Nome	Língua	Espécie	Página
nándo	bijagó	<i>Parkia biglobosa</i>	118
n'andu	bijagó	<i>Parkia biglobosa</i>	118
naporó	bijagó	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
nasce-fôre	balanta	<i>Albizia dinklagei</i>	68
naude-puthu	fula	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
naudó-putcho	fula	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
n'babass	nalú	<i>Combretum micranthum</i>	86
n'bumbo	bijagó	<i>Vitex doniana</i>	146
n'chaka-refat	nalú	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
n'cópè	papel	<i>Sansevieria senegambica</i>	128
ncumocumo	bijagó	<i>Jatropha curcas</i>	104
n'djano	balanta	<i>Parinari excelsa</i>	116
nebicôso	mandinga	<i>Vernonia colorata</i>	144
necepó	bijagó	<i>Senna podocarpa</i>	132
nedano	bijagó	<i>Adenia lobata</i>	66
negae	bijagó	<i>Spondias mombin</i>	136
negonoghate-oreboc	bijagó	<i>Senna podocarpa</i>	132
nepanrambu	bijagó	<i>Ptilostigma thonningii</i>	120
nequeno	bijagó	<i>Trichilia prieuriana</i>	140
nére	fula	<i>Parkia biglobosa</i>	118
nerego	bijagó	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
néri	sosso	<i>Parkia biglobosa</i>	118
netch	fula	<i>Parkia biglobosa</i>	118
netè	fula	<i>Parkia biglobosa</i>	118
netè	mandinga	<i>Parkia biglobosa</i>	118
netechaguhol	fula	<i>Albizia dinklagei</i>	68
neun'fa-ak	nalú	<i>Cissampelos mucronata</i>	80
nhaucom-ô	mandinga	<i>Sansevieria senegambica</i>	128
nhêg-cuneme	bijagó	<i>Parinari excelsa</i>	116
nhinatulô	mandinga	<i>Cissampelos mucronata</i>	80
nichanó	bijagó	<i>Senna podocarpa</i>	132
nincom-ô	mandinga	<i>Spondias mombin</i>	136
nissano	bijagó	<i>Senna podocarpa</i>	132
nissano-no-oronho	bijagó	<i>Senna podocarpa</i>	132
nitichiba	nalú	<i>Pterocarpus santalinoides</i>	126

Nome	Língua	Espécie	Página
n'jete-nambel	nalú	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
n'kone	nalú	<i>Terminalia macroptera</i>	138
nobonodo	bijagó	<i>Psychotria peduncularis</i>	122
nofelbade	saracolé	<i>Cissampelos mucronata</i>	80
nofer-balo	fula	<i>Cissampelos mucronata</i>	80
nológo	bijagó	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
nopelebaló	fula	<i>Cissampelos mucronata</i>	80
nopote	bijagó	<i>Mezoneuron benthamianum</i>	110
n'pela	mancanha	<i>Spondias mombin</i>	136
n'pilo	papel	<i>Spondias mombin</i>	136
n'pinde	nalú	<i>Uvaria chamae</i>	142
n'pinkind-zé	nalú	<i>Mezoneuron benthamianum</i>	110
ntáfine	nalú	<i>Guiera senegalensis</i>	100
n'tame	manjaco	<i>Cassia sieberiana</i>	76
n'tangré	papel	<i>Ptilostigma thonningii</i>	120
n'tchakarfat	nalú	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
n'tchalame	manjaco	<i>Parinari excelsa</i>	116
n'tisebá	nalú	<i>Pterocarpus santalinoides</i>	126
n'toncre	papel	<i>Ptilostigma thonningii</i>	120
n'túlám	papel	<i>Terminalia macroptera</i>	138
nuputa	bijagó	<i>Mezoneuron benthamianum</i>	110
n'xetehembele	nalú	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
obacoré	fula	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
ocanhebo	bijagó	<i>Xylopiya aethiopica</i>	152
ofède	papel	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
ogáe	bijagó	<i>Spondias mombin</i>	136
ojo-di-onça	crioulo	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
ojo-di-onça	crioulo	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
olélè	mancanha	<i>Parkia biglobosa</i>	118
olélè	papel	<i>Parkia biglobosa</i>	118
ópanica	papel	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
oredja-di-rato	crioulo	<i>Cissampelos mucronata</i>	80
oredja-di-sanjo	crioulo	<i>Cissampelos mucronata</i>	80
p'fonante	balanta	<i>Cassia sieberiana</i>	76
p'sale	balanta	<i>Spondias mombin</i>	136

Nome	Língua	Espécie	Página
pace	balanta	<i>Carica papaya</i>	74
padja-di-embrulha-cola	crioulo	<i>Hallea stipulosa</i>	102
palha-santa	crioulo	<i>Senna podocarpa</i>	132
pampae-gôfe	papel	<i>Vernonia colorata</i>	144
pano-di-cancuram	crioulo	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
panu-di-kankora	crioulo	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
papae	fula	<i>Carica papaya</i>	74
papaia	crioulo	<i>Carica papaya</i>	74
papaia	português	<i>Carica papaya</i>	74
papaia-matcho	crioulo	<i>Carica papaya</i>	74
pápoia	mandinga	<i>Carica papaya</i>	74
pata-di-baca	crioulo	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
pau-de-borracha	crioulo	<i>Voacanga africana</i>	148
pau-ferida	crioulo	<i>Faidherbia albida</i>	96
paundoce	crioulo	<i>Guiera senegalensis</i>	100
pé-di-mango	crioulo	<i>Mangifera indica</i>	106
pé-di-papaia	crioulo	<i>Carica papaya</i>	74
pedum-hal	mancanha	<i>Carica papaya</i>	74
peduto-ubusse	manjaco	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
pentene	mancanha	<i>Ceiba pentandra</i>	78
péntia	manjaco	<i>Ceiba pentandra</i>	78
pilé	balanta	<i>Parinari excelsa</i>	116
pilme	manjaco	<i>Spondias mombin</i>	136
pinha-di-mato	crioulo	<i>Annona senegalensis</i>	72
pinkit-zé	nalu	<i>Mezoneuron benthamianum</i>	110
planta-di-regulo	crioulo	<i>Senna podocarpa</i>	132
pó-de-ferida-branco	crioulo	<i>Faidherbia albida</i>	96
pó-de-osso	crioulo	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
pó-de-sabom	crioulo	<i>Vernonia colorata</i>	144
po-di-bras	crioulo	<i>Psychotria peduncularis</i>	122
pó-di-bras	crioulo	<i>Voacanga africana</i>	148
pó-di-budogo	crioulo - flora do Senegal	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
pó-di-osso	crioulo	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
poilão	crioulo	<i>Ceiba pentandra</i>	78
pouilon	crioulo	<i>Ceiba pentandra</i>	78

Nome	Língua	Espécie	Página
polóm	crioulo	<i>Ceiba pentandra</i>	78
polon	crioulo	<i>Ceiba pentandra</i>	78
pópôe	futa-fula	<i>Hallea stipulosa</i>	102
porecududo	fula	<i>Cryptolepis sanguinolenta</i>	88
poroba	crioulo - flora do Senegal	<i>Parkia biglobosa</i>	118
pó-sagrado	crioulo	<i>Hallea stipulosa</i>	102
pouúnquè	balanta	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
prunes-mombin	francês	<i>Spondias mombin</i>	136
prunier-de-mer	francês	<i>Ximenia americana</i>	150
prunier-noir	francês	<i>Vitex doniana</i>	146
psáhè	balanta	<i>Ceiba pentandra</i>	78
p'sangla	balanta	<i>Combretum micranthum</i>	86
ptehén'tugudu	balanta	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
pthaé	balanta	<i>Ceiba pentandra</i>	78
pulga	crioulo	<i>Jatropha curcas</i>	104
pulga	biafada	<i>Jatropha curcas</i>	104
pupá	manjaco	<i>Carica papaya</i>	74
purgueira	português	<i>Jatropha curcas</i>	104
qélè-bálé	fula	<i>Uvaria chamae</i>	142
qélè-bálei	fula	<i>Uvaria chamae</i>	142
quelibaledje	fula	<i>Uvaria chamae</i>	142
quem-quelebá	fula	<i>Combretum micranthum</i>	86
queri	futa-fula	<i>Margaritaria discoidea</i>	108
quessum	bijagó	<i>Alstonia congensis</i>	70
quibiricarre	fula	<i>Trichilia prieuriana</i>	140
rabo-de-lagarto	crioulo	<i>Adenia lobata</i>	66
ridjame	fula	<i>Senna podocarpa</i>	132
rumbum	balanta	<i>Ceiba pentandra</i>	78
rutabanfataque	nalu	<i>Psychotria peduncularis</i>	122
safatá	soosso	<i>Albizia dinklagei</i>	68
sáfirè	fula	<i>Dalbergia saxatilis</i>	90
sale	balanta	<i>Spondias mombin</i>	136
sama-sidjam	fula	<i>Cassia sieberiana</i>	76
sambafim-ô	mandinga	<i>Uvaria chamae</i>	142
sambafiom	mandinga	<i>Uvaria chamae</i>	142

Nome	Língua	Espécie	Página
samba-sindjandje	fula	<i>Cassia sieberiana</i>	76
samba-sinhangho	fula	<i>Cassia sieberiana</i>	76
sambasinhanha	fula	<i>Cassia sieberiana</i>	76
sambassinhamé	fula	<i>Cassia sieberiana</i>	76
sambefim	mandinga	<i>Uvaria chamae</i>	142
samé	balanta	<i>Spondias mombin</i>	136
sampane	papel	<i>Annona senegalensis</i>	72
sandjoné	fula	<i>Cassia sieberiana</i>	76
sanjoué	fula	<i>Cassia sieberiana</i>	76
sapatê-ô	mandinga	<i>Cissampelos mucronata</i>	80
séla	nalu	<i>Xylopiya aethiopica</i>	152
sélélé	biafada	<i>Erythrina senegalensis</i>	94
sem-unte-pulhe	balanta	<i>Xylopiya aethiopica</i>	152
sentê	balanta	<i>Xylopiya aethiopica</i>	152
sibá	nalu	<i>Pterocarpus santalinooides</i>	126
silabono	fula	<i>Diospyros heudelotii</i>	92
sindjadjálê	fula	<i>Albizia dinklagei</i>	68
sindjalale	fula	<i>Albizia dinklagei</i>	68
sindjam-ô	mandinga	<i>Cassia sieberiana</i>	76
sindjouel	fula	<i>Senna podocarpa</i>	132
singèle	nalu	<i>Newbouldia laevis</i>	112
sipiñã	crioulo - flora do Senegal	<i>Faidherbia albida</i>	96
sipiña-brabu	crioulo - flora do Senegal	<i>Faidherbia albida</i>	96
solim-n'ganin-ô	mandinga	<i>Mezoneuron benthamianum</i>	110
sucudera	crioulo	<i>Vernonia colorata</i>	144
sucumadera	crioulo	<i>Vernonia colorata</i>	144
sucum-ô	mandinga	<i>Annona senegalensis</i>	72
sucúndè	futa-fula	<i>Newbouldia laevis</i>	112
sugé	soosso	<i>Parinari excelsa</i>	116
suncun-úm	mancanha	<i>Annona senegalensis</i>	72
suncun-úm	mandinga	<i>Annona senegalensis</i>	72
tacára	crioulo	<i>Alstonia congensis</i>	70
tade	fula	<i>Combretum micranthum</i>	86
tagara	crioulo	<i>Alstonia congensis</i>	70
talquibare	fula	<i>Cnestis ferruginea</i>	84

Nome	Língua	Espécie	Página
talquidqga	mandinga	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
tambacumba-de-santcho	crioulo	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
tchále	fula	<i>Spondias mombin</i>	136
tchamburtá	nalu	<i>Diospyros heudelotii</i>	92
tcheme	fula	<i>Ximenia americana</i>	150
tchifla	papel	<i>Mezoneuron benthamianum</i>	110
tehé-intogudê	balanta	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
têlêjê	manjaco	<i>Terminalia macroptera</i>	138
têtúgde	balanta	<i>Sarcocephalus latifolius</i>	130
tjeme	fula	<i>Ximenia americana</i>	150
toen-tolôe	balanta	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
três-folhas	crioulo	<i>Margaritaria discoidea</i>	108
treventi-ito	balanta	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
tufissa	mandinga	<i>Ximenia americana</i>	150
tufissa	soosso	<i>Ximenia americana</i>	150
tulu-nereure	mandinga	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
tumbebele	soosso	<i>Mezoneuron benthamianum</i>	110
tumbecrinhaque	soosso	<i>Ximenia americana</i>	150
uasafore	soosso	<i>Albizia dinklagei</i>	68
ubontonto	bijagó	<i>Pterocarpus santalinooides</i>	126
ubumbo	bijagó	<i>Vitex doniana</i>	146
ubunvo	bijagó	<i>Vitex doniana</i>	146
udjali	bijagó	<i>Spondias mombin</i>	136
udju-di-onça	crioulo	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
udôngul	cobiana	<i>Ximenia americana</i>	150
udumú	bijagó	<i>Vitex doniana</i>	146
ugai	bijagó	<i>Spondias mombin</i>	136
uguene	bijagó	<i>Parinari excelsa</i>	116
ukenom	bijagó	<i>Parinari excelsa</i>	116
ulélé	mancanha	<i>Parkia biglobosa</i>	118
ulélé	papel	<i>Parkia biglobosa</i>	118
ulolocô	felupe senegalês	<i>Annona senegalensis</i>	72
umpandá	bijagó	<i>Carica papaya</i>	74
umpela	mancanha	<i>Spondias mombin</i>	136
umpilo	papel	<i>Spondias mombin</i>	136

Nome	Língua	Espécie	Página
umpimpia	manjaco	<i>Vernonia colorata</i>	144
undemna-aguidig	cobiana	<i>Ximenia americana</i>	150
undiano	balanta	<i>Parinari excelsa</i>	116
unha-di-onça	crioulo	<i>Mezoneuron benthamianum</i>	110
unhando	bijagó	<i>Parkia biglobosa</i>	118
unican-u-cunipo	bijagó	<i>Cissampelos mucronata</i>	80
untame	manjaco	<i>Cassia sieberiana</i>	76
untene	papel	<i>Ceiba pentandra</i>	78
untoncre	papel	<i>Piliostigma thonningii</i>	120
untulam	papel	<i>Terminalia macroptera</i>	138
upatocuma	bijagó	<i>Combretum micranthum</i>	86
upelele	djacanca	<i>Smeathmania laevigata</i>	134
upôssé	cobiana	<i>Spondias mombin</i>	136
uquenem	bijagó	<i>Parinari excelsa</i>	116
uquenon	bijagó	<i>Parinari excelsa</i>	116
uqueredjo	bijagó	<i>Terminalia macroptera</i>	138
uquredjo	bijagó	<i>Terminalia macroptera</i>	138
urebau	felupe	<i>Adenia lobata</i>	66
ussá	bijagó	<i>Margaritaria discoidea</i>	108
ussímpulo	papel	<i>Faidherbia albida</i>	96
ussúmbulo	papel	<i>Albizia dinklagei</i>	68
utonque-ubusse	mancanha	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
utonque-ubusse	manjaco	<i>Cnestis ferruginea</i>	84
utunque-ubule	manjaco	<i>Cnestis ferruginea</i>	84

## BIBLIOGRAFIA

Alexiades, M. N. (1996) Selected Guidelines for Ethnobotanical Research: A Field Manual. The New York Botanical Garden's Scientific Publications Program, New York.

ALTERNAG, CIPA, INPA (2009) Estratégia Nacional e Plano de Ação para Conservação da Diversidade Biológica na Guiné-Bissau. Direção Geral do Ambiente. Ministério dos Recursos Naturais e Energia, Bissau.

Arbonnier, M. (2000) Arbres, arbustes et lianes des zones sèches d'Afrique de l'Ouest. CIRAD – MNHN – UICN.

Augel, J. (1993) Chão sagrado e mercadoria - Posse da terra e desenvolvimento. In Guiné-Bissau Vinte anos de independência, Desenvolvimento e democracia - Balanços e perspectivas. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, Bissau, pp.229-246.

Balick, M. J. & Cox, P. A. (1996) Plants, People and Culture. Scientific American Library, New York.

Burkill, H. M. (1995 - 2004) Useful Plants of West Tropical Africa, Vols 1-6. Royal Botanical Gardens, Kew.

Campos, A. V. T. M. & Indjai, B. (1996) Projecto de Inventario das Plantas Medicinais da Ilha de Bubaque, Reserva da Biosfera do Arquipélago Bolama Bijagós, Guiné-Bissau. Relatório de actividades.

Cardoso, F.L.M (2008) Os Bijagós: Estrutura e Funcionamento do Poder. CODESRIA (Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em Africa), Dakar. 56 p.

Caritas Guiné-Bissau (2004) Saúde à base do Natural. Texto de Apoio e Orientação. Caritas, Bissau. 257 p.

Catarino L., Injai B. & Mourão D. (2013) Agents and plants used in traditional medicine in Orango Island (Guinea-Bissau). Scripta Botanica Belgica 50: 381-390.

Catarino, L.; Matins, E. S.; Pinto-Basto, M. F. & Diniz, M. A. (2006) Plantas Vasculares e Briófitos da Guiné-Bissau. Instituto de Investigação Científica Tropical / Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, Lisboa.

Costa, C. L. (1895) Coleção de várias plantas medicinais da Guiné Portuguesa oferecidas à Sociedade de Geografia de Lisboa - 1893. Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Sér. 1, 14: 69-87.

Crowley, E. & Ribeiro, R. (1987) Sobre a Medicina Tradicional e Formas da sua Colaboração com a Medicina Moderna. Soronda n° 4: 95-110.

Diniz, M. A.; Silva, O.; Paulo, M. A. & Gomes, E. T. (1996) Medicinal uses of plants from Guinea-Bissau. In L.J.G. van der Maesen *et al.* (eds.), *The Biodiversity of African Plants – Proceedings of the XIVth AETFAT Congress, 727-731*. Kluwer Academic Publishers, Dordrecht.

Espírito Santo, J. (1948) Algumas plantas venenosas e medicinais usadas pelos indígenas da Guiné Portuguesa. Boletim Cultural da Guiné Portuguesa 3 (10): 395-410.

Espírito Santo, J. (1963) Nomes vernáculos de algumas plantas da Guiné Portuguesa. *Estud. Ensaíos Doc. Junta Invest. Ci. Ultramar*, 104. 123 p.

Fernandes, R.M. (1989) O Espaço e o Tempo no Sistema Político Bijagós. Soronda n° 8: 5-23.

Ficalho, Conde de (1947) *Plantas úteis da África portuguesa*, 2ª. ed. Agência Geral das Colónias, Lisboa. 301 p.

Frazão-Moreira, A., (1995) Usos e Concepções das Plantas no Mato de Cantanhez. Iniciativa de Cantanhez. Ação para o Desenvolvimento.

Gomes, E. & Diniz, M. A. (1991) Plantas usadas em medicina tradicional na região de Contuboel. Primeiras jornadas sobre a agricultura da Guiné-Bissau. *Comum. IICT, Sér. Ciênc. Agrárias* 13: 153-167.

Gomes, E. T., Silva, o., Diniz, M. A. & Martins, E. S. (2003) Plantas Medicinais de Guiné-Bissau - Manual Prático. ACEP, Lisboa; AD. Bissau 74p.

IBAP (2007) Termos de Referência do Levantamento qualitativo e quantitativo de plantas úteis e medicinais do Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão e das Tabancas do Sul de Canhabaque. IBAP, Bissau.

IBAP (2008) Plano de Gestão do Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão. IBAP, Bissau.

IBAP (2012) Plano de Ação 2012-2016 - Reserva da Biosfera do Arquipélago de Bolama Bijagós. IBAP, Bissau.

Indjai, B. (2002) Relatório de estágio. Técnicas de Herbariologia e Identificação de Plantas Vasculares da Guiné-Bissau. Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT), Centro de Botânica, Lisboa.

Indjai, B. & Barbosa, C. (2012) Levantamento qualitativo e quantitativo das plantas medicinais do Sul de Canhabaque e do Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão. Relatório de atividades, IBAP, Bissau.

Indjai, B., Catarino, L & Mourão, D. (2010) Mezinhos de Orango. Planta Medicinais e Pessoas da Ilha da Rainha Pampa. IBAP, Bissau. 175 p.

INE (2009) Recenseamento Geral da População e Habitação, Guiné-Bissau. INE, Bissau.

INEP / INE (2007) Consultant pour la Realisation du Recensement et de l'Etude Socio-economique et environnementale des Populations cibles du PGBZC de Guinée-Bissau.

Iwu, M.R. (1993) CRC Handbook of African Medicinal Plants. CRC Press, Boca Raton. 464 p.

Limoges, B. & Robillard, M. (1991) Proposition d'un plan d'aménagement de la réserve de la biosphere de l'archipel des Bijagós. Vol. 1 - Les secteurs de développement, zonages et recommandations. CECI/UICN/MDRA, Bissau.

Mencagli, K. A. (1992) Medicina Tradicional. Secretariado para o Desenvolvimento e Promoção Humana (SEDEPRU). Boletim da Diocese de Bissau 4: 1-104.

Oliver-Bever, B. (1986) Medicinal Plants in Tropical West Africa. Cambridge University Press, Cambridge. 375 p.

Rebelo, R. & Catry, P. (2011) O arquipélago dos Bijagós (Guiné-Bissau) - valores de biodiversidade e potencialidades para a investigação científica. *Ecologi@* 2: 8-15.

Romeiras, M. M.; Duarte, M. C.; Indjai, B. & Catarino, L. (2012) Medicinal Plants Used to Treat Neurological Disorders in West Africa: A Case Study with Guinea-Bissau Flora. *American Journal of Plant Sciences*, 3 (7A): 1028-1036.

Said, A. R.; Cardoso, L.; Indjai, B. & Nhaga, H. da S. (2011) Identification et caractérisation des sites naturels sacrés côtiers et marins en Afrique de l'Ouest. Rapport de la Guinée-Bissau. FIBA.

Scantamburlo, L (1991) Etnologia dos Bijagós da Ilha de Bubaque. IICT / INEP, Lisboa / Bissau. 109 p.

Silva, O.; Duarte, A.; Cabrita, J.; Pimentel, M.; Diniz, A.; Gomes, E. (1996) Antimicrobial activity of Guinea-Bissau traditional remedies. *Journal of Ethnopharmacology* 50: 55-59.

Vidigal, M. & Basto, P. F. M. (1996) Estudo das plantas herborizadas nas ilhas Bubaque, Canhabaque, João Vieira, Orango Grande e Cute do Arquipélago dos Bijagós, Guiné-Bissau.

Vieira, A. R. (1959) Subsídio para o estudo da flora medicinal da Guiné Portuguesa. Agência Geral do Ultramar. Lisboa, 1959.

Walter, J. (1946) Breve estudo da Flora Medicinal da Guiné. *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa* 1 (4): 635-662.



Avenida Dom Settimio Arturo Ferrazzetta  
Caixa Postal 70 Bissau  
Guiné-Bissau

Tel. (0245) 320 71 06 / 07

[www.ibap-gb.org](http://www.ibap-gb.org)

#### Parceiros Técnico-Científicos



JARDIM  
BOTÂNICO  
TROPICAL  
IICT



#### Patrocínios



